



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 70.ª

TERÇA-FEIRA 4 DE OUTUBRO.

Ns. 699—700.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
3 de outubro de 1870.

Não houve expediente.

—No domingo, pelas 6 horas da manha, na rua do Bacalhau, o soldado de policia Manuel Dyonisio travou-se de razões com um pardo, cujo nome ignoramos, e safou do bolso um punhal e foi sobre elle; mas este largou-se a correr, deixando no meio da rua os chinellos que tinha nos pés.

—Que optimo agente policial!

—E digam lá que os soldados de policia não são para garantir os direitos do cidadão e manter a boa ordem!

—Penalisa olhar para esta desgraçada mulher!

—E' a imagem do soffrimento.

—O quadro que representa compunge e horrorisa.

Traz as faces roxeadas, o corpo cheio de queimaduras por fogo, as costas seveciadas.

—E como a miseranda é uma mulher de côr parda-clara, os signaes das torturas se mostram salientemente na pelle,

—Não sei quem é o algoz daquella mal-afortunada.

—Diz ella que sua senhora.

—Si fosse moça diria que é ciume.

—Não sei como o senhor da infeliz, que deve ser o *atalaia* dos actos de sua mulher, não a aconselha que não pratique tamanhas atrocidades.

—E não ha quem encaminhe a desditosa ao chefe de policia.

—Mas dizem que o senhor della é amigo intimo do chefe.

—Não tem nada uma cousa com outra; diante da obrigação do cumprimento de deveres cessam todas as mais considerações.

—No hospital de charidade.....

—Mau vae isso.

—..... negocia-se em ossos,

—De defunto?

—Não me atrapalhe.

Ora isso é prejudicial á saude dos doentes.

—Doente com saude ó exquisitice.

—E o Sr. a me interromper!

Quem sabe si não é apologista das irmans de charidade?

—As irmans de charidade entram na dança?

—Pois si são ellas que ajuntam no pateo um montão de ossos a exhalar uma fedentina insupportavel e mandam vender nas fabricas de refinação.

—Para quem é o rendimento?

—Para mim não é.

—Mas podia ser para o estabelecimento.

—Ellas mesmo são disso.

—Como são especuladoras as irmans de charidade! Os abutres comem a carne e deixam os ossos, ellas até isso aproveitam!

—O que tem aquella mulher que está virando bagaço pela rua?

—Está com *dois dois* na cabeça,

—Ora que abusão!

—Foi um candomblé que houve terça feira no becco do Chinello. Um pedreiro conhecido pelo *Candinho*, matou uma gallinha preta, entornou o sangue na cabeça da mulher e deu-lhe o resto á beber. Esta sahio para a rua fazendo aquellas artimanhas, entrou em uma casa quebrou mangas de vidro, atirou cadeiras ao chão, fez proezas.

—Que diabo de santo que causa prejuizo aos outros.

—Estou que tudo aquillo é fingimento.

—Nem pode ser outra cousa!

—Porém a mulher representa a farça tão ao natural que os credulos illudem-se.

—E a policia deixa passar desaperecidas essas scenas em publico!

—Não sei como se deve classificar esse procedimento do *guarda maior da aduaneira*!

—Isto é uma cousa muito simples e até natural.



—Então é simples andarem os guardas dos escallares servindo d'ama secca, carregando meninos?

—Bagatella!

—E é para essa bagatella que os cofres publicos lhes pagam soldo, não?

—Valha-me Nossa Senhora da Victoria com V.; aqui por esses bairros não são reparadas estas cousas.

—Está bem, si é uso da terra, estou calado!

—Ora com effeito! Não ha nada que despersuada ao Sr. Moura de que a publicação que sahio neste periodico não se entende com elle.

—Que renitente!

—Na quarta-feira disse elle na loja do Sr. major Benjamim:

«Estão brincando comigo, hei de metter um na cadeia e assim acabarei com esta folha que detracta de todo mundo.

«Elles pensam que eu estou assim atôa, eu conto com o juiz por mim.»

—Na rua Direita do Collegio, na loja do Sr. Carmo, disse o advogado do Sr. Moura:

«Hei de esfregal-o, por que entretenho relações d'amisade com o juiz!»

—Pensa o advogado do queixoso e o proprio queixoso, que nos amedrontam com essas ameaças?

Enganam-se!

Acima do sentimento d'amisade está o dever do cumprimento da LEI e da JUSTIÇA!!...

Não precisamos incommodar amigos para empenharem-se, como *alguem*, com o juiz que tem de julgar a causa, por que esperamos do Sr. Dr. juiz municipal da 2.<sup>a</sup> vara, que não se deixará levar por mesquinhos caprichos d'amisade, por que a sua devisa é JUSTIÇA!!!

—E é somente o que pedimos!....

.....

—E' forçoso confessarmos, e o Sr. Moura não negará, que forneceu para o *Alabama* muitos apontamentos, o que provaremos com os empregados desta officina, que d'isso são testemunhas, e sua propria consciencia o accusará.

Sentimos bastante esta divergencia d'elle para com a redacção deste periodico, porque foi um dos melhores agentes da nossa *polícia secreta!*

—Tudo no mundo é assim, as cousas mudam-se de uma hora para outra; hoje é elle inimigo acerrimo do *Alabama*, e tem desejos, como disse, de jogar na cadeia um dos proprietarios da typographia, em que elle se imprime.

Paciencia, Sr. Moura! ainda que um vá para a cadeia, o navio continuará a navegar.... navegará sempre embora com *tempestade!*

Ainda uma vez declaramos, o declaramos até mesmo pelo que disse o Sr. Moura, o escripto publicado no periodico—*Alabama*, que tem por titulo—*Que façanha*, não se entende com o Sr. Moura, e sim com um miseravel e vil cigano, morador na freguezia de *Grotas!*

Não é com o Sr., já o dissemos, não é.... não é.... não é!....

—Capitão, proezas do Manuel Joaquim no Ceará.

—Oh, isso deve ter cousa de apreciar. Aquelle rapaz é abundante em recursos.

—Vou ler o *Cearense*.

Communica-nos o seguinte:

«Antonio Joaquim da Silva Cattete é o nome de um celebre larapio, membro da companhia do tiro de Pernambuco, o qual aqui se apresentou vindo no *Ipojuca*, a 4 do corrente; trajando farda de tenente de voluntarios da patria e trazendo pendentes do peito 3 condecorações. Esse cavalheiro de industria inculeava-se filho do finado marechal Cattete, e espalhava que esperava ser despachado ajudante de ordens da presidencia d'esta provincia.

Essas basofias davam logo a conhecer o refinado tratante, que se acobertava com a honrada farda do voluntario da patria.

No hotel de França deu elle começo a sua industria escamoteando um relógio e uma corrente de ouro, depois fingindo-se ourives tomou do tenente Francisco Luiz da Costa, para concertar, um trancelim estimado em 807.000.

Bem succedido na primeira empresa, procurou dar-lhe mais largas proporções. Aproveitando o ensejo em que o Sr. Octave Joanês se achava no interior da casa com a familia, penetrou em seu estabelecimento commercial pé ante-pé e bifou-lhe da gaveta 547.000.

No dia seguinte voltou pelo *faró*, porem na occasião em que se aproximava do balcão surprehendeu-o o Sr. Joanês; mas como nada desconfiasse d'elle, pois via-o bem trajado e sempre com dinheiro na algibeira, deixou-o sahir livremente. No dia 23 pela manha apresenta-se de novo em casa de Joanês e pede-lhe para trocar uma nota de 5007.000, (naturalmente falsa,) o Sr. Joanês respondeu-lhe que não havia troco, que todo dinheiro miudo que tinha eram 797.000. Cattete, que parece muito pratico na escola Maranhense, mostra-se contrariado, pois tinha de solver



n'aquelle momento uma divida e não podia encontrar troco; que so mais tarde iria á thesouraria e lá conseguiria trocar a nota.

O Sr. Joanês, homem de muito boa fé, vendo o embaraço do tratante offerece-lhe os 79\$000 até mais tarde, e elle facilmente e sem hesitar acceta o gracioso offerecimento e sahe promettendo-lhe voltar antes do meio dia. D'ahi porem dirigiu-se elle á agencia dos vapores da companhia brasileira, onde comprando uma passagem a bordo do *Arinos* seguia para o Rio de Janeiro.

Da casa do Dr. Manuel da Cunha Figueiredo, onde esteve hospedado, informam que carregara varios objectos e até a rêde onde dormia!

Quando o Sr. Joanês teve conhecimento da trama em que o envolvera o novo Rocambo le, que direi de passagem, já esteve em Fernando de Noronha, e por boas acções não foi certamente, dirigiu-se á casa do Dr. chefe de policia, que fez expedir uma ordem de prisão para o tratante: porem ja era tarde; ao chegar á praia o *Arinos* larga conduzindo a seu bordo o larapio. Felizmente deixou-nos. A policia da côrte que ajuste contas com elle.»

Na mesma folha encontra-se sobre o tal cavalheiro de industria o seguinte:

«Sobre o cavalheiro de industria de que tratou um nosso communicante em o numero passado d'esta folha, remettem-nos o seguinte, que poderá guiar e esclarecer a policia no descobrimento e punição d'esse celebre tratante:

«Sr. redactor.—A' noticia que communicaram á V. S. com relação ao larapio Antonio Joaquim da Silva Cattête, peço-lhe que accrescente o seguinte, e chame a attenção do Dr. chefe de policia, para que, á exemplo do que se praticou com relação ao portuguez—Graça, preso na cadeia d'esta cidade, requesite aos chefes de policia das provincias do Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco Alagoas, Bahia e Côrte a prisão e remessa para aqui d'esse larapio, visto como muitos factos por elle praticados constituem-no verdadeiro estellionatario, crime inafiançavel: esse individuo recebeu mais, de um filho da viuva D. Pulcheria, um relógio para concertar. Iludindo ao preso Graça acima referido, furtou-lhe na cadeia diversas obras de ouro. O mesmo praticou com diversas prostitutas, cujas casas frequentava, inculcando-se ourives, conseguia-lhes objectos, alguns de valor para concertar.

Convém que a policia saiba que esse individuo embarcou no Rio Grande do Norte para esta cidade á paisana, trazendo nos rotulos de seus bahús, em numero de tres, sendo um

pequeno de flandres, as iniciaes A. J. S.

Aqui, porem, por algumas vezes, disse chamar-se Antonio Joaquim da Silva Campos, outras—Antonio Joaquim dos Santos e Silva, e ultimamente, tendo mandado, afin de embarcar para o Rio no vapor *Arinos* pôr novos rotulos nos seus bahús, pediu que se escrevesse o nome por extenso de Antonio Joaquim da Silva, sendo para notar que no mesmo instante mandou tirar o bilhete da passagem, deu o nome de Antonio Joaquim da Silva Cattête.

Umaz vezes dizia-se filho do marechal Cattête, outras de um conego da capella imperial.

Dizia ter sido cadete e que n'esta qualidade, tendo seguido para o Paraguay, onde obtivera a baixa, alistou-se como voluntario e ali chegou ao posto de tenente honorario e foi condecorado por serviços de campanha com os habitos da Rosa, Christo e Merito.

Contava mais que regressando da campanha antes della finda fôra empregado n'alfandega das Alagoas pelo actual presidente José Bento da Cunha Figueiredo Junior, com quem entretinha amisade intima, cujo logar deixara por intrigas com seus companheiros, tomand'então resolução de vir estabelecer-se no Ceará com officina de ourives para o que trazia trinta contos de réis.

Pelo que referia esse larapio conhecia-se que elle tinha estado não só n'aquella provincia, como em Pernambuco e Parahyba, sendo certo que 15 dias depois de sua chegada á esta capital, á pretexto de não achar casa para estabelecer-se, dizia a todos que seguiria para o Pará, onde tinha parentes e amigos.

Esse individuo, segundo informa-nos a pessoa em cuja casa estivera hospedado, mostrara, tirados do fundo de seus bahús, diversos objectos de valor de ouro e prata, como pulseiras, relógios de ouro, correntes, trançelins, anneis, e muitas obras de prata, que mostravam todas terem tido uso.

Informa-nos mais essa pessoa que aquelle individuo só tinha de militar a blusa, banda e bonet com que andou algumas vezes aqui; pelo que suppõe-se que nem mesmo é elle tenente honorario, nem lhe pertencem aquellas condecorações.

Finalmente o Sr. Tito Rocha, da casa commercial de Manuel Antonio da Rocha Junior, e irmãos referia hontem que o Sr. João ou Joaquim do Carmo conhecera no Rio aquelle tratante como soldado desertor, preso na fortaleza da Lage.»

## A PEDIDO

—Tudo que tem principio tem fim.  
—Morreu o Neves.



— Terminou uma questão que á primeira vista parecendo trivial, tornou-se entretanto grave e importante.

— Que questão foi?

— Uma desavença que houve entre duas mulheres, Maria Victorina dos Santos e Henriqueta Porcina Alves.

— Recordo-me de ter ouvido fallar nisso.

— Essa questão, na qual empenharam-se conselheiros, deputados, negociantes e ex-presidentes de provincia, veio afinal ter um desfecho que não era de esperar.

— Conte-me.

— A offendida, isto é, Maria Victorina, que a outra havia quebrado a cara com uma quartinha, desistiu inesperadamente da acção.

— Taes fossem os motivos. Falta de recursos talvez. Pode ser que não tivesse dinheiro para preparar os autos para o jury. Cada um sabe as linhas com que se cose.

— Declarou o encarregado da *accommodação* perante algumas pessoas que a brincadeira custou-lhe 260\$ rs., isto é, 160\$ rs. foram das custas e o mais para os *cahidos*.

— Homem, por tal preço não vale a pena dar quartinhadas.

— Dizem os *bocorios* que Henriqueta sabe fazer feitiço para vencer impossiveis.

— E V. erê?

— A' vista do resultado . . .

— Capitão, passam-se cousas!

Os tratautes e ladrões de tudo tiram partido!

A' semelhança de harpyas andam farejando onde enterrar as garras.

Espectram com a credulidade das pessoas de boa fe, e com a simplicidade dos parvos e ignorantes.

— Não comece a massar.

— Ora veja V. Ex.: uma pessoa, uma mulher por exemplo, recebeu uma affronta, daquellas que reclamam immediata vindicta sob quebra do pundonor, e tratou por tanto de vingar-se pelos meios legais.

O negocio ia bem encaminhado e inevitavelmente a pessoa criminosa seria punida, si o rabo do diabo, na figura de um patife, não se mettesse no meio.

Tal patife levado pelo instincto de plantar certas discordias, para o que ha muito trabalhava, achou occasião azada de encasquetar a imbecil mulher de que seu negocio estava mal-parado e que projectavam fazer combinações sem sciencia della.

Enfeitou tão bem o ramalhete e fez-lhe tão vantajosas promessas, que ella se deixou cahir no laço, persuadida de que tudo quanto lhe dizia era real e entregou-lhe plenos poderes para fazer e desfazer.

O sujeito foi procurar dous outros de sua laia, si bem que de posição um pouco mais alta. Essa trindade formou um maldicto conciliabulo.

São tres individuos por demais conhecidos pelas suas gentilezas.

Sem excepção de ninguem, pergunte-se a qualquer pessoa que os conheça que taes são elles.

Um, ainda ha pouco é que põe pé na rua; andou até agora escondido pelas suas alicantinas.

De posse da presa, trataram do arranjo. Como a mulher não tinha dinheiro, pozeram a mira do outro lado. Trataram de persuadil-a que ella não tinha remedio sinão desistir do pleito, porque o presidente estava envolvido nisso e que o unico meio era dar tudo por acabado.

Metteram-lhe tanta cousa no casco que a mulher tendo em outras occasiões se recusado a ceder com condições satisfactorias para ella, como por exemplo, a pessoa que a offendera dar-lhe uma satisfação plena e invocar-lhe o perdão publicamente, ella que se negou a tu lo isso, no que até certo ponto tinha rasão, pois que fôra ultrajada, veio a ceder vergonhosamente por uma quantia ridicula, quantia que, em abono da verdade, ella não viu toda, nem soube quanto foi; o que comtudo não a isenta do labeo ignominioso que resulta da torpeza da acção.

Os larapios comeram a maior parte do bolo.

Em presença mesmo do agente encarregado de compral-os, dividiram logo 100\$ rs. Do restante o advogado fingindo-se de *desinteressado*, disse que queria apenas seu trabalho, porque nada ainda tinha recebido e estava trabalhando sem dinheiro.

Trabalho foi esse que fizeram uma repartição de Caím, ficando apenas para a paciente 100\$ rs. os quaes um esbirro da justiça recebeu e é provavel que ja os entregasse, por que as vistas d'elle nesse negocio são outras.

— Ah, velhaquetes! . . . ah, tratantões! . . . Sempre acham fôrma do seu pe.

— Essa casila de salteadores para mais facilmente realisarem o plano de rapinagem, fizeram crer a mulher, que a questão estava perdida por faltas commettidas no começo do processo, isto é, que fôra organizado deixando-se de proposito uma lacuna nos autos para proteger a parte contraria, obrigando a authora no fim ou a ceder ou a abandonar a acção.

— Que safados! Como teceram bem a meada! . . .



—Para uma pessoa intelligente não podia haver plano mais infallivel.

—Mas essa calumnia desmente-se com um exame nos autos.

—Diz muito bem; mas quem vae se dar a esse trabalho, si o que eu estou lhe contando não se deu aqui?

—Logo vi que no fóro illustrado da Bahia não se dão essas ladroeiros crassas.

Em todo caso o advogado que exerce sua profissão com consciencia, que não trafica, nem faz negociadas com as causas de que se encarrega, tem o dever de esclarecer a quem o procura para encarregar o de proseguir em qualquer questão por outro começada, os obstaculos que ha, os riscos que correm, e quando a causa está perdida não deve enganar ao cliente e não occultar a verdade.

—Ora, si estou a lhe dizer que o fim da corja foi unicamente roubar.

Sr. redactor. —A calumnia é a arma de que os espiritos mesquinhos se servem para abalar o credito e a reputação alheia; porem a verdade leva sempre os homens bem intencionados a votar a soberano desprezo.

Deparando no seu *Alabama* de 27 do corrente com nma publicação relativa ao meu estabelecimento, denominado —*Passo da Patria*, —na qual desfaçadamente se afirma haver nelle jogos illicitos, e nos quaes ja um caixeiro chegou a perder a quantia superior a 300\$, declaro a V. S. e ao publico, cuja attenção peço, que é mentirosa semelhante asserção, pois ali nunca houveram jogos que não fossem recreativos, como o dominó, a bagatella e o bilhar, para algumas pessoas de criterio, que honram o estabelecimento, divertirem-se, e esses mesmos jogos ha algum tempo deixaram de existir.

Se o auctor da calumniosa publicação, que o conhecemos, é homem que se preza, declare o seu nome, e tome a si a responsabilidade certo de que, se não o fizer, nem mesmo será digno de lhe ser lançada ao rosto a lama do mais immundo lodaçal.

Joaquim Duarte Pereira.

—Que sujeito é aquelle que ali vae?

A' modo que o conheço?

—Pois ja não esteve elle a dar contas a V. Ex?

E' *yoyó do ceu*.

—Aspirante pedestre, não é um sujeito que foi menino do côro, sachristão e que exercia nesse tempo certa profissão honrosa?

—Justamente.

—Um que foi enxotado do convento dos Carmelos, porque por seu respeito brigaram

dous frades por ciunada e foram mettidos no carcere?

—Esse mesmo.

—Um patife que abusando da confiança que nelle depositava certa familia, na Boa Viagem, introduziu-se, á noite, na casa e fez espalhafato para casar-se com uma moça da dita familia, a quem tornou infeliz?

—Sim, Sr.

—Um safado que indo estudar em certa terra, morou á rua do Amparo, fazendo de sua casa theatro de devassidões?

—Sem tirar nem pôr.

—Um devasso que frequentava certa casa no Jogo da Bolla, e abusando da avançada idade da proprietaria, pervertia uma innocente creança de doze annos, em quanto destrahia em seu mercurio a attenção da velha?

—Não tem duvida.

—Um tratante que indo em certa cidade morar n'un hotel, propriedade de uma ingleza, mamou-lhe durante dous annos não so comida e casa, mais tambem seus affectos, e empinou-se depois, fazendo-lhe mil promessas, que nunca cumpriu?

—Aquiqui!

—Um desfructavel que fez a sogra gastar superfluo, para elle ostentar vaidades, deixando-a na miseria? Um cynico que fez a sogra alugar uma casa n'un sitio aprasivel, e soffrendo depois uma penhora, deu por depositario a seu cunhado, a quem metteu na cadeia, porque logo e logo vendeu os trastes?

—E' elle, capitão.

—Um insolente que em caracter publico maltractava as partes e até a seus collegas, querendo que se levantassem os procuradores quando elle ia ao quarto, ameaçando-os com cadeia?

—Elle mesmo.

—Um bobo que recebendo um officio das mãos de um guarda mandou-lhe tirar o bonet por ser sua casa sagrada?

—*Justement, mon cher*.

—Um infame ladrão que de *camisa* ou *camisão*, assolou certo logar, perturbando a paz das familias, com suas devassidões e rapinagens?

—*Yes, master*.

—Um malvado que chupou um conto e tanto de certo preso para defendel-o na imprensa e nada fez?

Um safado que teve ainda a coragem de ir ao mesmo preso e roubar-lhe quatro contos, á pretexto de comprar o voto de magistrados que estão em *relações* superiores, deturpando o nome illustre de um seu compadre, membro superior na magistratura?

—*Oui, monsieur*.



—Um diabo que tendo de ir para o Rio, agarrou nas vespuras da viagem uma escrava da infeliz sogra e vendeu-a, tendo o cynismo de, na volta, expellir da casa a sogra?

—E' justo o tal tratante.

—Um ladrão que sendo advogado de uma mulher casada que tratava de desquite, foi ao marido della propor-lhe que, para salvar seus bens e desgraçar completamente a mulher, hypothecasse uma excellente casa que tinha na baixa ou valle dos sapateiros, por doze contos de reis, recebendo oito, dos quaes daria um a elle advogado?

O que fez o moço perder a casa por oito contos, quando por ella davam dezoito?

Tendo esse patife o displante e a safadez de fazer todas estas tratadas com sua propria letra!

—*C'est la vérité, monsieur le capitaine.*

—Um trampolineiro que querendo impossurar no Rio, mandou fazer na Bahia innumerados fatos, que até hoje não pagou, usando de meios reprovados?

—Ora adeus, é elle mesmo, capitão.

—Um abutre roedor esfainado, em cujas garras cahiu uma pomba, que bem serve a seus planos geraes? Ricas minas, desgraçada entidade, cujas pennas foram tambem devoradas?

—E fez muito bem.

—Agarre-me aquelle bregeiro! Corte-lhe a cabelleira, e o maxingueiro que o metta no porão e o deixe *so ares* tomar de vinte em vinte quatro horas, até segunda disposição.

(*Continua.*)

## VARIÉDADES.

Certo individuo muito ignorante, ouvio dizer que por baixo de nós haviam outros habitantes que se chamavam antipodas, os quaes tinham os pés em opposição aos nossos, de modo que se fosse possivel fazer uma cova que chegasse á outra extremidade da terra, nos conveceríamos desta verdade. Uma tarde, que devia merendar com alguns amigos no seu jardim, mandou metter no poço varias garrafas de vinho, para que estivesse mais fresco, quando fosse para a meza. Dali a pouco, passando por pé do poço, e vendo a sombra no fundo, chamou logo pelo criado, e lhe disse: «Homem, tira já essas garrafas daqui para fora, senão, olha que aquelle antipoda que lá está em baixo deixa-nos ficar sem pinga de vinho.

### Um bom conselho.

—Está na Africa cumprindo degredo um homem que deu duas facadas. Um irmão,

que se achava em más circumstancias, esabia que elle fazia fortuna na Africa, pediu-lhe de cá meios para se transportar para junto delle. Este respondeu lhe:—Faz como eu fiz. Dá duas facadas, e transporta-te-lão de graça.

—Entrou hontem certo sujeito n'um bazar da rua de S. Bento, e perguntou qual era o preço de um quadro pequeno que ao passar lho agradára.

—Quinhentos réis, respondeu o dono da loja.

Mas ou por distracção, ou por qualquer outro motivo, o homem entendeu quinhentos mil réis e bradou:

—Ora adeus! Isso é um gracejo!... Dou-lhe duzentos mil réis!

—Não me porcebeu; eu disse: cinco tostões.

—Cinco tostões! ... Oh! ... Então não o quero!

Era o bom conhecedor de quadros!

## Anecdota

### A SOLTEIRINIA

Nesta terra outr'ora havia  
Uma moça assaz formosa,  
Que da falta da riqueza  
Pagava em ser vaidosa.

Nesse tempo alguns rapazes,  
Mesmo aquelles mais herdados,  
Pretendendo-a, receiavão  
De ser todos mallogrados.

Nenhum d'elles se atrevia  
A pedil-a em casamento:  
Assim foi, que, sem ventura  
Da belleza foi-se o tempo,

Feito a molde de seu gosto  
Nem um só lhe parecia;  
Era um meio estouvado,  
Outro feio em demazia

Este tinha as pernas tortas  
Aquell'outro o nariz grande!

« Esperemos—diz a bella—  
« Deos talvez melhor nos mande.

Por capricho a natuaeza  
A creou contradicção:  
Deu-lhe esbelto exterior,  
Presumido coração.

Todavia, no seu rosto  
Transudava bem patente,  
A pezar da formosura  
O amargo fel latente.

Quando fosse alguém ousado  
Terno preito lhe render,  
Da beldade o ar soberbo:



O faria emudecer.

A julgar por seu semblante  
Facilmente se creria  
Que p'ra ella um rei somente  
Por esposo converia.

Entretanto essa arrogancia  
Esse ar tão altaneiro,  
Para exemplo de outras muitas  
Quiz punir Deos justiceiro.

Vai-so um anno, e outro, e outro,  
E outro e outro passou;  
E da bella o tempo avaro  
As graças todas levou,

Com as graças, o amor proprio  
Pouco e pouco foi-se andando;  
Ao contrario e bem contrario,  
As enrugas vão chegando.

Afinal já bem cançada  
De esperar qualquer proposta,  
De si mesmo a solteirona  
E do mundo se desgosta.

Hoje chora ter ouvido  
Os conselhos da vaidade,  
E em loucas pretensões  
Ter perdido a mocidade.

Rabugenta, austera e grave,  
Desgostoso o coração,  
Ei-la feita agora —tia—,  
Das meninas guardião.

*Ignacio de Barros Leite.*

Casar é doce,  
E muito bom,  
Quando se faz  
Doce união.  
E! amargoso  
O casamento,  
Si falta amor  
E' um tormento.

### Viva o tempo de el-rei nos- so senhor.

Julgamos conveniente dar aos nossos leitores conhecimento da seguinte peça official dos tempos coloniaes, notavel não so pela doutrina, como pela amenidade do estylo:

«A' minha noticia chegou que Custodio Francisco de Carvalho, thesoureiro dos defuntos e ausentes dessa repartição, o Domingos Alves, escrivão do mesmo juizo, tiveram o grande atrevimento de mandarem prender pelo meirinho do dito juizo ao tenente das tropas regulares da capitania de S. Paulo, José Manuel Pereira de Gusmão, sem attendem ao posto que occupa nas ditas tropas, e ao seu uniforme. Pelo que, e pela satisfa-

ção que se deve de dar ao official militar, que S. M. pelas suas soberanas ordens tanto manda respeitar, e para que fiquem reprehendidos semelhantes excessos, Vme. logo mandara prender na enxovia da cadeia publica d'essa villa, e carregados de ferros aos tres ditos thesoureiro, escrivão o seu meirinho por minha ordem, e á ordem do dito tenente, até que elle se dê por bem satisfeito, e n'este caso os poderá Vme. soltar, dando-lhes Vme. uma asperissima reprehensão da minha parte, dizendo-lhes que se continuarem a serem atrevidos semelhantemente, os hei de mandar degradados para fora da Capitania, dando-me Vme. parte por esta Secretaria de ter executado tudo conforme lhe ordeno.

Deus Guarde a Vme. Villa Rica 5 de Maio de 1784.—*Luiz da Cunha Menezes.*—Sr. Capitão-mór.....»

Em Valence (França), soffreu a ultima pena o author de um assassinato.

Foi a pe desde a prisão até o patibulo, e com o mais glacial socego voltava-se para o publico e exclamava:

—Venham ver isto, que é curioso, e não custa nada.

Haverá um jogo de azar mais terrivel que o casamento? Resvalar sobre uma tabula os copos, com os dados, que nos podem dar a felicidade ou a desgraça de nossa vida; deixar-se vexar por um laço muitas vezes indissolvel, sempre exclusivo; amofinar muitos annos para finalmente cahir-se no abysmo... tal é a sorte da maior parte dos esposos!

Muito bello é o dia em que se entregam um a outro!... No dia seguinte ja reinam os symptomas do desacordo!... O marido gosta de ervilhas, a mulher de assucar; ao primeiro agrada o azul, gosta a segunda da cor de rosa..... Ao cabo de quinze dias ali está mais ou menos a confusão. Raramente se passam seis mezes, sem que um acontecimento qualquer não redobre os pezares existentes: o dote evapora-se ou está prestes. Se elle casou somente por ella, tem ainda de soffrer a chusma de credores, que o apoquentam com suas contas.

O marido falla de economias; teima a mulher em despezas; temos rosingas e consequencias amargas.

As torturas matrimoniaes são sem fim o variam de mil maneiras.—A monotonia não é uma das menos cruéis.—No fim de um anno, de dous, estarem um ainda defronte do outro, sendo ambos forçados a viverem juntos, assim desunidos. Oh! isto é um inferno!

Estudou-se o coração: todas as qualidades



perderam seu brilho, todos os defeitos cresceram; nelle tudo é mudanças.... A tocha do hymeneu é como certa flamma, que torna hediondo tudo quanto esclarece.

As duas metades aborrecem-se de olhar-se, de tocar-se, de ouvir-so, de conversar, de sentir; ellas buscam distrações, fogem uma de outra, e o tedio é tal, que o diabo entra em casa e a felicidade vâa pela janella.

O casamento, pois, não sendo presidido pela alliança de ideas egoistas, não havendo nelle a harmonia de sentimento, é um viver em continua tempestade, esperando a cada instante ver sossobrar a honra no pelago de desgraças que se antolham.

No casamento ha dous caminhos: um vai ter á miseria, o outro á felicidade.

Antes de vos pôr em viagem, é mister uma deliberação calculada para sahir bem do ponto em que elles separam, pois que uma vez em marcha, não mais se pode retroceder.

Nestes casos, como se diz não é permitido commetter mais que um peccado.

O casamento pôde comparar-se á uma charua, em que marido e mulher estão presos.

Emquanto puxam certos, a cousa vai bem; mas se cada um quer ir para seu lado, tudo vai mal.

## DECLARAÇÕES.

O abaixo assignado recorre á imprensa para agradecer ao Sr. Dr. João Victor de Carvalho, advogado do Sr. Moura Rosa, as palavras *delicadas* com que o mimoseou, perante o juiz da 2.<sup>a</sup> vara, na sua accusação oral, palavras essas dignas de seu character de advogado *probo e honrado*.

Bahia 3 de outubro de 1870.

*Aristides Ricardo de Sant'Anna.*

—Por occupação não pude assistir a accusação que no juizo municipal da 2.<sup>a</sup> vara fez hoje o Sr. Dr. João Victor n'uma queixa contra o *Alabama*.

Constou-me porem que S. S. dissera que eu o procurara para dar-lhe uma satisfação. e que lhe dissera que um escripto não partia de mim.

Declaro solemnemente que é falso. Procuerei uma vez o Sr. João Victor para pedir-lhe que a queixa que havia dado contra meu companheiro o Sr. Aristides fizesse recahir sobre mim, visto que por esquecimento meu de-ra-se uma falta na exhibição da responsabilidade. Outra vez encontrando-me S. S. na pra-

ça disse-me que tinha sido injustamente descomposto no character de advogado. Troquei com o Sr. João Victor algumas palavras, mas não lhe disse que este ou aquelle papel não partia de mim, e apenas que em uma sociedade, embora houvesse divergencia de opinião, em algum ponto era de necessidade que houvesse reciproca concordancia entre os membros da mesma.

Não estou na minima dependencia para com o Sr. Dr. J. Victor e em outra occasião não lhe daria uma satisfação, quanto mais quando exerce uma perseguição.

3 de outubro de 1870.

*José Marques de Sousa.*

## ANNUNCIOS.

### CONVITE

**aos Srs. typographos, livreiros e lytographos.**

Alguns artistas, pertencentes ás artes acima, vendo a decadencia em que ellas se acham na Bahia, convidam a todos os seus collegas, sem excepção de um só, para uma reunião (que será annunciada, marcando-se dia e lugar) afim de n'ella tratar-se dos interesses das mesmas artes. Bahia 30 de setembro de 1870.

*Eduardo Daniel Galvão,  
Domingos Francelino da Silva,  
Joaquim Cassiano Hyppolito.*

A' baixa de Sapateiros casa n. 9, se vende fubá de milho muito bom, a 7\$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5\$ rs.

Na Calçada, botica do Gouveia precisa-se de um pratico hom.

A Sra. D. Maria Joaquina Pereira, tem uma carta com 13\$800 na venda do Sr. Jovino Antonio Ramos, para ser entregue em mão propria, ao Canto de João de Freitas, venda de S. Antonio.

Na tulha de Amancio Luiz da França, de frente da igreja d'Ajuda, vende-se farinha, milho, etc., tudo de primeira qualidade e por preço commodo.

Compra-se dinheiro de prata e ouro, e em obras, na loja á rua direita do Collegio, junto a bibliotheca publica n. 33 A.

Na rua do Collegio n. 16 ha uma menina de 15 a 16 annos que aluga-se para ama secca em casa de familia.

*Typ. de Marques, Aristides e C.*



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 71.<sup>a</sup>

QUINTA-FEIRA 6 DE OUTUBRO.

N. 701.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.5 rs. por serie de 10 numeros; 5.75 rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que na docilidade de seu coração se compadeça da sorte de uma misera mulher, escrava, victima da inaudita crueldade de seus senhores.

Consta que na segunda-feira fôra rigorosamente castigada em desabafo de haver o *Alabama* lastimado a sorte da infeliz, e muitas pessoas que a viram nesse dia pela Baixa dos Sapateiros commoveram-se de dó.

Em nome da humanidade e do amor do proximo, invoca-se os sentimentos justiceiros de S. S., para que aquella miseranda não continue a soffrer tão acerbos tratos.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio, dizendo-lhe que faz crer que na sua freguezia a policia anda muito atrasada, á ser exacta a informação de que certo individuo, na rua dos Marchantes, reúne á sombra de uma *oliveira* grande numero de rapazes filhos familia para dar-lhes explicações de moral pelo cathecismo de cincoenta e duas folhas, distrabindo-lhes assim de seus deveres e causando desgostos aos seus.

Cumpre que S. S. trate de averiguar a legitimidade de taes reuniões e faça o que fôr mais acertado.

—Si fosse em outro lugar, mas aqui nas barbas do aceio da cidade, esta montureira, esta immensidade de esterquilino, na estrada desde o Caminho Novo até o edifficio da empreza!

—Forte deleixo!

—Ve que cynismo de frade?

Vir para o forum para estar dando apoia-dos ao João Victor, em quanto este descompõe o *Alabama*!

—N'uma poia merecia elle, que lhe mettessem a cara.

Assenta bem ao caracter do religioso que

professa humildade e charidade, no ministro da religião que ensina a perdoar as offensas, quando elle offendido fosse!

Está mostrando o papel para que presta.

—Não tem duvida; tudo quanto é tratante, devasso, crapuloso e corrupto, alegra-se, quando vê o navio debaixo de tempestade; mas enganam-se que não ha de ir ao fundo.

—Frade, Santo Antonio por seu *patrocinio* lhe dê força na viperina lingua.

S. Francisco lhe accrescente.

—O que estudante não fizer!

—E' gente da pá virada.

—Uns que moram na ladeira da Saúde armaram hontem a casa toda de luto, deitaram cortinas pretas na janella e pavilhão na porta, pozeram um distico convidando quem passasse a entrar para receber esmola que deixara o finado.

As mulheres de capona, avidas pela pexincha, entravam para receber a deixa; e um delles, que se achava estendido sobre uma marquezia, coberto dos pés á cabeça, levantava-se nú, como sua mãe o pariu, e apresentava-lhes em toda sua plenitude os orgãos genitales!

—Cousas mesmo de estudante.

—Que malvado! que perverso!

—Quem atirou este pedregulho?

—Foi o caixeirinho daquella padaria n. 39.

—Quasi mata a infeliz preta douda! Si pega em outro lugar estava morta.

—Que indole malfazeja!

—Tambem esta douda vive aqui na ladeira da Praça, incommodando o publico ha tanto tempo, e ainda não houve uma providencia sobre ella.

—Capitão, no sabbado, ao meio dia, vinha em um *bond* do Bomfim para a cidade o academico primeiro-annista Bezerra Montenegro; chegando no desvio da Munganga, na occasião de passar o *bond* que ia da cidade, os burros sahiram fora do trilho, a lança do *bond*



foi de encontro ao varau em que fica collocado o gaz, quebrou-o e foi sobre a perna do academico fazendo-lho um grave ferimento.

— Infeliz!

Mas tudo isso é devido ao pouco cuidado dos boleceiros, a falta de attenção em certos serviços é que dá causa a muitas consequencias funestas.

— O academico sahio do *bond* carregado, por não poder pôr-se em pé, e foi conduzido em uma cadeira para casa de sua familia.

— Capitão, será certo que nomeou-se um carteiro para o correio, o qual só foi á reparição tres dias, e depois mettu-se em casa percebendo os cobres?

— Não tem cabimento.

— Porem ha uma cousa: os moradores da freguezia da Sé, ha mais de mez que não recebem cartas do correio entregues por carteiro.

— Então talvez seja por isso.

— Viva a patria e chova arroz.

— Que é isto, Sr? estamos em casa de *viva quem vence?*

— Não, meu capitão; mas estamos na terra das *pepineiras* e *sinecurás*.

— Explique-se que não o entendo.

— Pois o capitão não tem passado pela ladeira da Poeira, onde ha mais de mez se está cavando e escavando, calçando e descalçando, entulhando e desentulhando, sem que até hoje se tenha dado fim á semelhante obra de Santa Engracia?

— Pois, homem, eu não tenho que fazer á bordo? hei de desembarcar para andar pelas ruas da cidade, sem ter lá que fazer?

— Capitão, faz lastima ver-se como vae essa obra da nação. Tem mestre, feitor, apontador, e....

— Basta, homem, falle da obra, deixe os empregados.

— Sim, Sr.; a obra começou do principio da ladeira da Poeira e reduziu o maior numero das casas a subterrancos, porque tapou metade das portas e das janellas, de modo que os moradores que outr'ora convidavam as visitas a *subir*, agora mandam que *desçam*.

— E o que tem isso? pois só á bordo é que deve haver porão?

— Mas, capitão, que prejuizo não é para os proprietarios pobres ficarem com as suas casas enterradas como buracos de ganhamús, sem poderem levantá-las do estado de *prostração* a que reduziu-as a engenharia?

— Homem, V. não leu ha pouco tempo que na Europa se inventou um maquinismo para transportar casas de um logar para outro? esperem, que o caso ainda não é tão desespe-

rado. Aposto que todas não estão enterradas.

— Sim, Sr., as que ficam para o fim da ladeira foram mais felizes, porque em vez de minguarem, cresceram, ficando com as janellas lá em cima, á maneira de pombal, e com os alicerces escavados, ao ponto de, para subir-se, precisar de escadas de mão.

— Pois ali está a compensação, succedem como na politica: uns sobem e outros descem.

A nossa camara municipal sabe o que faz em bem dos seus municipes, deixe as cousas correr, que V. nada entendo de *engenharia*.

— Pois bem, capitão, vou-me embora mais consolado com as suas reflexões.

— Adeus.

— O Sr. Dr. Victor de Carvalho, na accusação oral que fez ao periodico *Alabama*, na questão *Moura Rosa*, reproduziu as palavras do Sr. Dr. Augusto França na questão *Gouveia*.

— O Dr. Victor de Carvalho prevaleceu-se do logar de advogado do queixoso para desabafar-se mesquinhamente.

— Disse elle—*Alabama* foi um vapor corsario que perseguia os navios mercantes, *Alabama* era um pirata.

— O Dr. ignora que nos Estados-Unidos ha uma cidade denominada—*Alabama*; mas ainda assim damos de barato que *Alabama*, gazeta, tomasse o nome do vapor.

— E por isso segue-se que a gazeta tomando este nome foi tambem com fins sinistros?

— Não; o fim do *Alabama*, gazeta, é perseguir os tratantes, velhacos, safados e ladrões, e arrancar a mascara de certos bandalhos que vivem entre nós, com capa de honrados e probos.

O *Alabama*, vapor, era inimigo acerrimo da liberdade, o *Alabama*, gazeta, é um campeão da liberdade e como tal tem dado provas.

— O que prova isto, que nem sempre o nome dá a conhecer a cousa, segundo a regra da grammatica.

— Apoiado!

S. João veio ao mundo preparar o caminho para a vinda do Messias, S. João era santo, puro, bom, virtuoso, etc., etc., era emfim um enviado de Deus; mas segue-se que todos os homens que tem o nome de João sejam bons?

— Não, acoberta-se com o nome de um santo, muitas vezes um velhaco, tratante, safado e infame.

Supponha-se que *João Morén* é um homem casado, mas tem uma amasia, em cuja casa entra a qualquer hora do dia ou da noite, que vae ao theatro com a familia e defronte, em um outro camarote, está sua amasia, e elle sahe do camarote da familia e vae para o da



amasia; que vai passar a festa fora, aluga duas casas, uma junta da outra, e sahe da casa de sua mulher para socar-se em casa da amasia.

Ora, si o *Alabama* censurar *João Morén*, diz logo elle: entraram em minha vida privada, apunhalaram minha honra!

Entraram-lhe na vida privada?

—Não, isto assim é publico e notorio, logo não está privado de censurar-se.

—Apunhalaram-lhe a honra?

—Não, si ella se acha apunhalada, o assassino foi elle mesmo que não a presou.

—No entanto que *João Morén* tem o nome de um enviado de Deus.

—Logo, o que se segue d'ahi é que o habito não faz o monge.

O homem, pois, pode ter o nome de um celebre *latrono*, no entanto não pesarem sobre sua consciencia as lagrimas da donzella, da viuva e do orphão.

Poderia aqui provar a S. S. que nem sempre o nome dá a conhecer a cousa, com muitos factos de *João Morén*, o novo *Sir Williams*; mas aguarda-se para outras occasiões.

—Capitão, um caso que não é muito recente; mas serve.

—Então venha-se.

—Certo padre foi ouvir de confissão á uma peccadora filha de *Eva*, e exigiu que fechassem a porta do quarto para que não ouvissem os peccados da confessada.

—Que padre sabido!

—O dono da casa é um homem desabusado e não acredita em confissões. Chamam-no *Velludinho das creoulas*.

*Velludinho das creoulas* estava ausente; entrando em casa arrombou o quarto e vendo o padre no edificante exercicio de absolver os peccados da sua *pecora*, transformou a scena e fez do sacerdote penitente. Mandou-o ajoelhar-se e beijar-lhe as plantas. E como *Velludinho das creoulas* é homem de dar e tomar, o padre submetteu-se.

—Que sacrilegio!

—Depois tomou-lhe as vestes sacerdotaes e ordenou lhe que sahisse em cuécas.

—Pois o padre tinha se despido!

—V. Ex. comprehendo que para confessar uma peccadora não é preciso tirar a roupa. Por fim, depois de muitas supplicas, *Velludinho das creoulas* deu-lhe o traje e o padre escafedeu-se debaixo de petelecos.

—Ora que homem impio! Maltratar assim um ministro da religião!

—O *João Victor* chama ao *Alabama* gazeta devastadora porque falla neste e outros escandalos.

—Deixal-o; si acoutar os tratantes e ladrões, provaricadores e venaes, extorquidores da fortuna alheia, é devastar, cumpra S. Ex. sua missão que a sociedade moralizada o bem dirá.

## A PEDIDO

A *commandita*—*Olho-viva*, orgulhosa como se acha pelo *nada* que tem produzido a miseravel latrona dos seus cumplices, pretendeu em um dos dias d'esta semana abrir o boteguim á concurrencia dos amadores do theatro lyrico; porem seus contrarios ainda não convencidos com as razões por elles apresentadas, tratam somente de cortar a marcha precipitada dos seus soldados para afinal envolvel-os em fogo mortifero por todos os flancos.

—*Volint-volint*....

O nosso proposito sempre foi reverter as mercadorias e o mais em proveito somente do *sinhorio* da casa, afim de que os *commanditarios*—*Pinto, João*, (*insolentes in re aliena*) não venham de qualquer forma destructar o suor de quem trabalha para reivindicar seu direito.

Mãe e filho suppozeram, que declarada a guerra *ex abrupto* como foi, logo no primeiro recontro deporiamos as armas sem resistencia, mas enganaram-se... porque, armada assim como está a *cohorte viciosa* dos nossos inimigos, comtudo não deixamos de offerecer-lhe *batalha*; portanto, aquelles que tomaram a defeza de uma causa má, saibam tambem qual o programma que temos adoptado nesta miseravel questão.

Sabemos que mais um regimento armado de *falcão* faz parte do exercito inimigo, estimamos, porque mais reuhida será a batalha.

—Capitão, uma carta amorosa, encontrada no portão de um seminario.

—Leia:

«—Pela primeira vez que escrevo-te não posso deixar de ficar perturbado pelo prazer immenso, que tenho de relacionar-me com quem tanto desejava, em virtude do grande amor que te consagro. Ha muito tempo que te peço para mandar ver as cartas em minha mão, e, ou por ingratidão ou por desdem, não tens querido mandar, o que muito me incomoda, porque, alem de não poder depositar um beijo nos teus delicados dedinhos, que vibram as harmoniosas cordas do teu piano; de mais a mais não podendo por meio de cartas manifestar-te os affectos amorosos que pullulam em meu coração. Desculpa-me de pela primeira vez tratar-te por tu, pois o meu amor não permittê que trate por V. Ex., por quanto V. Ex. só assenta nos ligeiros namo-



rados, e não em mim que to amo cordial e sinceramente.

«V. G. Ladeira da *molestia*.  
«1870.»

—Aspirante João de Deus?

—Prompto.

—Quem é aquelle sujeito de cara de bola-xão e cabelleira lambida, que tão garboso vae estirando as pernas, apoiado n'uma bengalinha do unicornio?

—E' um celeberrimo bacharel formado em tratadas e velhacarias, devasso e infame, a quem appellidam as meretrizes de *yoyo do ceu*.

—Eu não me engano!

Muxingueiro, traze-me ja aquelle pedante impostor, que aquillo tem por força supprimento nos alforjes.

—Capitão, alguma novidade?

—E grande, meu patife.

V. ja não foi juiz na comarca de *Camisa grande*?

—Sim Sr.

—Então é V. mesmo o cujo.

Por ora deixarei no esquecimento tudo o que V. por la fez; quero agora tratar somente de um negocio.

Quando para aqui veio o Bellas, V. não foi offercer-se-lhe?

—Sim, Sr., ja sei o que é. Eu lhe digo tudo.

Offereci-me ao homem e disse-lhe: Isto de defeza, bagatella. O Sr. o que deve fazer é dar-me quatro contos de reis, que eu vou á relação e compro uns quatro dezembargadores que lhe hão de necessariamente dar um *habas-csrpus*, e é o que se quer.

O tabareu sentiu a lancetada, mudou de cara e disse-me que ia consultar a seu correspondente,

O correspondente disse-lhe que nada havia de melhor.

A' vista do conselho do correspondente, o tabareu deu-me ordem para tirar no Banco os quatro continhos, o que fiz immediatamente.

Mas para melhor mostrar meu *desinteresse*, fui levar-lh'os e dizer-lhe: Si está arrependido, aqui os trago.

O homem notou aquelle meu rasgo, e entregou-me o dinheiro, certo de que mudaria de residência.

—E V. mamou os cobres e nunca mais foi vel-o!

—Está claro! Quem é tollo para si pede a Deus que o mate e ao diabo que o leve.

—Que cynismo! que impudencia! que requintada safadez!

E V. não disse que ja tinha fallado com um seu parente que lhe garantira a *fiança*?

—E' o que dizem, mas eu não cahia nessa.

—Pois safado de um dardo has de receber o premio de teu torpe devorismo.

Muxingueiro, vae-te preparando que tens que te divertir com este infame *bacharel* e quando de cansado *suares*, o *Martins grumette* te substituirá.

—Sr. academico, pague os 10- $\frac{1}{2}$  rs. da pobre cosinheira que tão gostosos petiscos lhe preparou para o Sr. regalar o seu apetite, e agora o Sr. se esconde no forro da casa quando a rapariga vae receber o fructo de seu trabalho.

Pague, ande, marralheiro.

Não queira dar o trabalho ao muxingueiro de ir á rua dos Capitães pregar um grande cartaz com seu nome estampado.

—Capitão, na noite de 28 do passado presenciei um entremez debaixo do arvoredado do Terreiro.

—Melhor para V. que apreciou.

—Representavam os papeis um cabo de artilharia e um moleque escravo do D. Lima.

—E o que tem isso?

—E' que a policia não deve consentir que aquelles logares, destinados ao recreio publico, continuem a servir de palco de scenas semelhantes.

O patacho nac. D. *Jacinto*, cap. F. de *Jesus*, vindo de *Villas-más*, com *avarias*, seguiu para o Rio de Janeiro em 29 de setembro proximo passado com todo seu carregamento de *cynismo*, *seduções*, etc., por não poder reparar *suas avarias* n'este porto: consignatarios no Rio—*Lima Fonseca Xarope do bosque & C.*, e na Bahia—*Thomas Beato Jacinto & C.*, rua de S. José dos *auspicios de Jerusalém*.

## ANNUNCIOS.

### Atenção.

Olympio Fernandes Gonsalves Bastos principia de hoje em diante, no seu deposito de massas, ao entrar a rua das Flores, a fornecer ao respeitavel publico pães de farinha fina a tres por 80 rs. e os afamados bolaxões da padaria de Santo Antonio da Mouraria, assim como tambem todos os mais generos que ali se vender é por menos preço de que em outra qualquer parte.

Na Calçada, botica do Gouveia precisa-se de um pratico bom.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 71.<sup>a</sup>

SABBADO 8 DE OUTUBRO.

N. 702.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 3\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

Cidade de Latroapolis, bordo do *Alabama*  
7 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo toda sua attenção para o facto que se passa a expor.

Na quarta-feira, seria uma hora da tarde, chegou á porta da casa de asylo uma mulher, coberta de andrajos, creoula, de 25 a 30 annos; sendo repellida pelo administrador do asylo, em virtude de não trazer ordem de S. S. para ser admittida, deixou-se permanecer sentada na rua.

Horas depois, passando uma outra mulher, ao encaral a, pareceu reconhecel-a e começou a chorar e lastimar-se.

A curiosidade reunia logo diversas pessoas e uma dessas perguntou á segunda personagem desta scena o que significava aquillo.

«—E' minha tia, senhor, respondeu.

«—Pois sua tia é mais moça que V.!

«—São cousas.

«—Mas o que tem ella?

«—Enlouqueceu.

«—Porque?

«—E' casada e morou na Matta de S. João. Chama-se Candida e o marido Izidoro. Por causa de maus tratos que lhe dava o marido, abandonou sua companhia e elle por vingança vendeu naquella localidade uma filha de nome Maria. Esse homem se acha em um logar chamado S. Sebastião trabalhando em terras de Lino Barbalho, alem desta pobresinha, ha um outro filho de nome Jeronimo que se acha com sorte quasi igual em poder do subdelegado do Giló.»

Si é exacto ou não o que narrou essa mulher, não se pode affirmar; mas o que é incontestavel é que o facto é d'aquelles que exigem toda sollicitude da parte de S. S.

A pobre louca foi depois recolhida ao chamado asylo de mendigos por ordem do Sr. subdelegado da Sé.

—A formidavel trovoadá que cahiu antehontem á noite sobre esta cidade, causou estragos bem sensiveis!

—E catastrophes lamentaveis!

Em S. Raymundo uma enteada do Sr. Raulino foi fulminada e uma menina ficou cega, e consta que enlouqueceu.

Um marinheiro de um dos vasos inglezes surtos no porto, que se achava de quarto, desapareceu.

—Desabou parte da torreda egreja da Victoria.

—Uma faisca electrica penetrou no quarto do dezembargador Bahia e causou estragos. Felizmente n'aquella occasião tinha elle sahido para resar com sua familia.

—No largo do Papagaio, no alambique do Sr. Espinheira tambem penetrou uma faisca electrica causando varios estragos.

—O convento da Soledade soffreu alguns destroços.


—Muitas propriedades soffreram prejuizos; alguns muros e paredes abateram.

—Até o fogão da cosinha de bordo deste navio cahiu!...

—Foi tal o terror de que ficou possuida a população desta cidade, que, consta, os frades de S. Francisco chegaram a confessar-se uns aos outros, suppondo ser algum cataclysmá.

—O Dr. juiz municipal da 2.<sup>a</sup> vara, na sua audiencia de quinta feira, julgou improcedente a queixa que deu Francisco de Moura Rosa contra Aristides Ricardo, um dos impressores do periodico *Alabama*.

—Mas consta que elle vae appellar para o Sr. Dr. Mendes, juiz de direito, onde conta triumphar, porque diz ser o Dr. Mendes seu intimo amigo.

—Esperar não é desesperar,  esperemos.

—O Sr. Elzeario Pinto, cavalleiro da imperial ordem da Roza, natural da provincia de Sergipe, acaba de publicar uma importantissima obra intitulada—*Emancipação dos es-*



cravos, a qual é offerecida, consagrada e dedicada ás sociedades maçonicas e abolicionistas do imperio.

Já fomos obsequiados pelo Sr. Elzoario com um exemplar dessa obra, e agradecemos ao mesmo Sr. a sua delicadeza.

—Este homem cahido aqui na rua ha tempo!

—Ja se foi buscar a padiola da Santa Casa para conduzi-lo, mas ainda não chegou.

—Nem chegará tão cedo.

—Dificuldades por falta de conductores.

—A tal padiola serve tanto como se não existisse. Cahe um homem na rua; chega-se ao hospital e as charidades com seu risosinho amarello dizem:—vae ver conductor, padiola está ahí. Si é de dia, os pretos ganhadores, depois de muita repugnancia, querem saber quem paga e não dão um passo sem ver dinheiro; si é de noite nem ganhadores se encontram!

—E n'um caso de perigo vae-se a vida de um homem por causa da delonga.

—A Santa Casa para preencher seus fins humanitarios, devia ter serventes promptos para qualquer eventualidade repentina, a fim de que os pobres, os miseraveis fossem de prompto soccorridos.

—E era assim d'antes, quando as charidades não eram as donatarias d'aquella casa.

—Xará, V. não sabe?

—O que é, xará?

—Diz que vae-se acabar com o *Alabama*. Que está uma folha muito desacreditada. Está se fazendo um papel para se metter os homens de lá na cadeia.

—Quem foi que lhe disse, xará?

—Foi o *major*.

—Pois V. accredita no que diz um homem que jura por dinheiro?

—Capitão, quero fazer-lhe uma pergunta.

—E eu dar-lhe-hei uma resposta.

—A razão porque na extracção das loterias não ha de se deitar na urna das sortes tantos cartões quantos correspondam á quantidade de bilhetes?

—Estou que é para abreviar.

—Pois eu acho mau systema. Assim como na urna dos numeros deitam tres mil cartões, tambem na das sortes deviam deitar outros tres mil, entre brancos e premiados. Desta maneira, todos que comprassem bilhetes teriam o gosto de ver ler o seu numero, embora sahisse branco.

—Que gosto!

—Porem, ao menos, ficava na certeza de

que o numero do bilhete que comprou estava dentro da urna. Pela maneira porque se faz a extracção das loterias parece que se quer forçar o accaso a proteger metade dos bilhetes; porque só se extrahie o numero delles correspondente ás sortes, ficando o resto na urna, o que muitas vezes ha de transtornar as vicissitudes da sorte, que é caprichosa.

—V. parece ter razão; mas deve se entender com o delegado que é quem pode fazer adoptar sua lembrança.

—Consta que o Sr. Fraga está bastante magoado com o *Alabama*.

—Não lhe sei a razão.

—Diz elle que é irmão da senhora da escrava que tem sido castigada.

—Então, tenha paciencia.

—Consta que dissera em uma loja á rua da Misericordia que havia de continuar a castigar a escrava e nenhum incommodo soffier, porque é amigo do chefe de policia.

—Não duvido; mas é injustiça que faz ao character do digno magistrado.

—Mostrou-se bastante zangado e blaterou contra a tripolação.

—Pois olhe, o Sr. Fraga não tem razão de estamagar se, porque ninguem reprova mais os castigos rigorosos nos escravos alheios do que S. m.

—Sim, mas isso é com os que não são seus.

### Cousa que ainda se não pode conhecer.

A sciencia humana, a intelligencia deste ser que Deus creou á sua imagem e semelhança, em seus vãos, tem prescrutado e até mesmo conhecido muitos segredos da natureza; tem penetrado aos escondrijos mais occultos do coração, e entrado no conhecimento dos reflexos das paixões que se refervem n'alma pelos traços do rosto. Em suas combinações tem o homem penetrado as sabias disposições de seu Deus, e bem ou mal, mais ou menos, julga havel-as comprehendido.

Mas, uma cousa ha que ainda até hoje não foi conhecida. Apesar de todos os esforços da sciencia, apesar de todo desejo humano, ninguem inda pode conhecer bem a esse ente, causa de todas as miserias humanas e de todas as desgraças do mundo—a Mulher.

Pelo riso que lhe florece nos labios, ninguem a julgará, pois que muitas vezes tem o riso na face e a maldade adormecida no fundo do coração.

Pelo pranto que lhe escorre dos lindos e quebrados olhos, ninguem a conhecerá, por



que a mulher pode chorar no momento mesmo em que se ri interiormente.

Por seus afagos não pode ella ser julgada, porque seus afagos são os do crocodilho, são afagos de serpente que os faz para melhor morder e anniquillar.

Pela gratidão não, porque a mulher no momento mesmo em que recebe o beneficio, retribue com a mais perfida e negra trahição.

Por seus titulos de mãe, por suas ligações maternas, não a poderás conhecer tambem, porque a mulher trahe muitas vezes infamemente ao pae de seus filhos, e esse titulo que aliás lhe devia ser tão poderoso, para ella nada é, e quando muito um brinco infantil de que se esquece, apenas outro homem lhe sorri.

Por seus ternos carinhos não a julgarás ainda porque ella os redobrará quando mais estiver a trahir, ella os fará mais do que nunca quando necessitar que adormeças em vossa credulidade, porque ja tem o amante occulto junto de vós.

Por suas palavras finalmente não a conhecerás, porque essas palavras terão a doçura do mel, para envolver um engano, porque essas palavras serão escolhidas com arte, quando necessitar mais do trahir, de cravar a agulha setta do desprezo no coração miseravel que a amou, que se deixou imbahir em seus enganos.

Oh! a mulher jamais será reconhecida!

«Vinde, meu doce bem, vinde que a vossa amada vos esperará.»

Ardendo em magicas e embriagantes esperanças, vai o amante, e já a encontra nos braços de outro. Ja a vê entregue a outro amante feliz que desfructa aquelles agrados que so julgava seus. Vê... e traz a raiva, e a morte no coração. Porque da mulher os seus caprichos ninguem os pode ainda conhecer.

«Eu morro de saudades por vós, meu querido esposo; não tardeis por mais tempo; repara que os rigores da ausencia me matam.»

Assim escreve a mulher ao marido que desfinha de saudades em longes terras. Elle trabalha com cessar, perde a saude e se cança para preparar nm futuro á esposa que ama e que julga fiel. Recebe o seu chamado cheio de respeito e o beija agradecido. Oh! ella escrevia-lhe um chamado de amizade, reclinada docemente nos braços de outro!

Quem jamais poderá conhecer a mulher? Debalde se cansará o homem, ella é sempre um composto variavel, e tão caprichoso como o mar que se enfurece e de repente se amansa.

«—Eu juro amar-te até a morte.»

Diz uma mulher em frente dos altares. Quem a visse tão linda, tão encantadora a

jurar, diria verdadeiro seu juramento. Mas ella jura com os labios, em quanto com o coração levanta incensos e juramentos á outro; com o qual fugirá na primeira occasião.

Que valem juramentos de mulher, quando è demonstrado com toda a evidencia, que um dos defeitos de sua natureza, é poder ser constante?

Triste sorte é a do homem! Elle conhece que debaixo dos risos da mulher está a trahição, e se embriaga com taes sorrisos. Elle sabe que a mulher é sempre falsa, e accredita em seus juramentos!

O homem é semelhante á borboleta enamorada da luz, que ainda queimando se, beija os pés ao objecto que o mata.

Jamais se conhecerá a mulher!

## A PEDIDO

—Mulher, quero comprar uma destas cordas de peixe.

—Estão vendidas, meu senhor, ja recebi o dinheiro. O dono foi ao *Caes do Moreira*.

—Não tenho nada com isso. Venha o peixe e tome lá.

—Ainda que eu quizesse, não lhe posso dar por cinco tostões, porque ja vendi-as a dous crusados cada uma e estou com o dinheiro aqui.

—Não sabe que sou o *fiscal*?

—Por Nossa Senhora da *Conceição* não faça assim.

—Contente-se com isso.

.....  
—Sra., as cordas de peixe que lhe comprei entregue a esta minha escrava.

—Ah, meu senhor, o *fiscal* chegou aqui e tomou-me uma á força, pelo preço que elle quiz.

O que havia de fazer? Só se me quizesse expor a uma multa quando elle vier da outra vez. Tenha paciencia; aqui tem o importe da corda de peixe.

—Esta é celebre!

Pois o *fiscal* tem voz activa na fazenda alheia para não só impor preço, como chama-a á sua posse contra a vontade do dono! Mas como é nesta terra, não admira.

—Capitão, Manuel Desiderio jogou com um individuo e ganhou-lhe 15\$ rs.

Depois de 30 dias é Manuel Desiderio preso por uma simples queixa verbal do prejudicado.

—E' uma arbitrariedade, uma violencia contra a liberdade individual, uma infracção do aviso circular do ministerio da justiça de 2 de janeiro de 1862.



—Eu sou contra toda casta de oppressão. Gosto de ver a policia no encalco dos larapios e ratoneiros; mas tambem não quero que se piçe a lei. No jogo, tão criminoso é o que ganha como o que perde; e não devem certos individuos ir arriscar o que é seu aos azares da sorte, para ao depois correrem para as authoridades.

—Uma authority severa deve escabrial-os para não terem cara-dura.

—Portanto entendo que o Sr. subdelegado do Pilar commetteu um abuso, um excesso, prendendo a Manuel Desiderio illegalmente.

—E tem V. toda razão.

Pede-se ao dono do hotel Garibaldi, na baixa do Bomfim, que deite uma lista do preço dos seus generos, afim de que quem lá for comer saiba logo quanto tem de pagar.

*As quatro postas de peixe e tres garrafas de vinho por 15<sup>00</sup> rs.*

—Capitão, me faz um favor?

—Diga.

—Eu não sei como me explique.

—E eu não quero maçada.

—Mas minha tenção é saber si é comigo que se entende a carta amorosa publicada no *Alabama* n. 701.

—O Sr. é seminarista?

—Sim, Sr.

—Onde mora?

—Em uma ladeira desta cidade.

—Não tem nome?

—Depois que fiquei com *saude* me esqueci.

—Si é o Sr. um que costuma estar com um cachorrinho, defronte do 2.º andar. . . .

—Basta, basta.

Adverte-se ao africano Aarão, morador na ladeira de Sant'Anna, para que contenha sua filha a não insultar a visinhança, porque pode lhe custar mais caro do que julga.

### Agradecimento.

O abaixo assignado faltaria ao mais sagrado dos deveres si não viesse do alto da imprensa testemunhar o seu reconhecimento ao commandante do batalhão denominado — *Liberdade*, pelo modo espontaneo porque o viera saudar na noite do dia 20 do corrente, quando na effervescencia do patriotismo festejava o acabamento da guerra.

Não podendo o abaixo assignado tomar parte nos referidos festejos, por seu estado de molestia, recebeu essa demonstração como uma prova de consideração de seus concidadãos.

Artista, pobre, vivendo na obscuridade, lhe

são por maneira gratas essas provas de apreço que lhe dão.

Agradecendo, pois, tão alta honra, o abaixo assignado confessa-se summanente grato á todos os que compozeram o referido batalhão da *Liberdade*.

Bahia 23 de setembro de 1870.

*Antonio Olavo da França Guerra.*

## ANNUNCIOS.

### Novidade.

Acostumado a receber favores dos meus amigos e afeiçoados, não só antes como depois do meu infortunio, e hoje livre da oppressão de quem quer que seja, venho do alto da imprensa solicitar dos que me estimam a sua protecção, concorrendo ao nosso estabelecimento novamente aberto á rua do Caes Dourado, sobrado, 1.º andar, defronte do destacamento da policia, com excellente vista para o mar, no qual estabelecimento encontrarão os visitantes tudo quanto desejarem de bom, agradável, aceio e promptidão. O proprietario é bem conhecido, e as maneiras com que costuma tractar a todos quantos o honram não são ignoradas; appellando para o tempo em que teve café e vispora á baixa dos Sapateiros.

No sabbado 8 do corrente terá logar a inauguração. Temos nesse dia mocotó que será offerecido aos que se dignarem apparecer. Avante! Amadores do bilhar e vispora, excellentes vinhos e iguarias de todas as qualidades. Conto com a vossa coadjuvação. A vista faz fé.

No domingo ás 4 horas da madrugada haverá, no convento de S. Francisco, a festa da Devoção de N. S. da Boa Sorte, que se festeja ao Maciel de Cima: a mesma imagem será conduzida em procissão do Maciel ao mesmo convento pelas senhoras.

### Atenção.

Olympio Fernandes Gonsalves Bastos principia de hoje em diante, no seu deposito de massas, ao entrar a rua das Flores, a fornecer ao respeitavel publico pães de farinha fina a tres por 80 rs. e os afamados bolaxões da padaria de Santo Antonio da Mouraria, assim como tambem todos os mais generos que ali se vender é por menos preço de que em outra qualquer parte.

A' baixa de Sapateiros. casa n. 9, se vende fubá de milho muito bom, a 7<sup>00</sup> \$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5<sup>00</sup> \$500 rs.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 74.<sup>a</sup>

QUARTA-FEIRA 12 DE OUTUBRO.

N. 705.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
11 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que dê suas ordens, afim de que o homem da limpeza mande apanhar a immensa cisalhada existente na ladeira do Pau da Bandeira, porque o respectivo contracto não marcou aquelle logar para deposito de esterquilinios e materias feccas, as quaes devem ser de grave incommodo aos narizes publicos e á saude dos moradores.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia da Sé, chamando sua attenção para o proceder irregular de uma escrava do Sr. Baraúna, morador á rua dos Capitães, a qual se prevalece, quando elle não está em casa, para insultar a visinhança.

Em vista do exposto, espera-se que S. S. providencie a respeito.

—Oh! que infernal algazarra!

—Promovida por quatro militares.

Creio que são cadetes de cavallaria.

—A' um delles ouvi chamar ex-tenente de voluntarios.

—Mas isso tem modo!

Arrombam uma porta ao pé da bibliotheca, entram por casa das filhas de Deus, quebram, destroçam, estragam e proferem mil obscenidades!

—Hoje é noite de sabbado, não tem duvida.

—Pode-se metter um prego pelos olhos de quem passa pela Estrada Nova á noite!

—Graças e louvores á companhia do gaz.

—Isso é que chama-se flautear com o publico!

Nunca vi assim, não!

—Paga-se impostos, dizem que existe illuminação e anda a gente no meio das trevas!

—Só se vendo, que dito ninguém acredita.

Do arco para lá a illuminação só existe no nome.

—E' uma luz morta, baça e crepitante.

Eu quero comer fogo, si no tempo de azeite a claridade não era duas vezes mais.

—Ante-hontem, em uma casa na rua Direita de S. Pedro, ás oito e meia horas da noite, entrou um individuo com fins de procurar o que não tinha guardado, o qual foi encontrado na escada do solão.

Esse individuo foi preso, e desculpa-se dizendo que tinha ido pedir esmola.

—Que larapiol!

—Chegou hontem (10) á esta terra o Sr. barão de S. Lourenço.

—E hontem mesmo tomou posse.

—Veio com sêde de governar!

Teve recepção grandiloqua.

—O que faltou em concurrencia, sobrou em foguetes. Sem tirar nem pôr parecia uma festa em Santos, no Bomfim.

—Acompanhada de seu *Te-deum* á tarde e fogo de vistas á noite.

—Capitão, V. Ex. conhece o João da Cera?

—Pelo nome, não.

—Um sujeito que mora para a rua do Julião.

—Não sei; mas é o que não importa, si ha alguma cousa a tratar.

—Ouvi dizer que na sexta-feira esse individuo encontrando na loja de sua morada sentada uma pobre mulher a larrara de chicote descomedidamente.

—Cousa que pode bem acontecer sem que cause admiração; o que precisa saber-se é que providencias houveram.

—Nada.

—Está o que é revoltante. Que o fraco seja sempre o ludibrio do forte pela inercia dos executores da lei.

—Emfim, eu ainda não sei o que fará o subdelegado; nem tambem si o informante da noticia exaggerou-a.



— Isto está o diabo!

O sujeito quer entrar na casa á força.

— Com a porta trancada?

— Mas elle faz esforços para arrombal-a.

— A porta está bem segura, tanto que ainda não cedeu a seus formidaveis embates.

— O que não serve é essa alluvião de nomes porcos.

— É esta matinada que sobressalta a visinhança.

— Que diabo de ajuste seria um que a mulher fez com o homem, e do qual elle agora queixa-se, taxando a de sem palavra e bando-leira?

— Elles lá é que sabem.

Ella que não abre, por alguma cousa é.

— Si o accaso encaminhasse os passos de um agente de policia para os lados deste becco do Tira-Chapeu!

— Ao menos seria testemunha desta scena edificante.

— Desde sabbado que cahiu um dos tampos do esgotador publico na ladeira da Misericordia, defronte da marcenaria do Sr. Cunha, e no entanto que até hoje, n'uma ladeira tão transitada como é aquella, ainda não passou por ahi nenhum empregado da camara nem mesmo algum camarista que visse semelhante precipicio!

— No domingo á noite, si não é um coração caridoso que na occasião passava, quasi que um moço que descia a ladeira precipitadamente é absorvido por aquella bocca de lobo!

— A camara parece que está esperando que primeiro haja uma desgraça.

— E tudo em minha terra é assim; emquanto não cahir n'aquella *ratoeira* um cego, um ebrio, ou mesmo outra qualquer pessoa, não apparecem as providencias.

— Eu não sei o que entrou na cachola do João Cospe-cospe para andar hontem á noite bradando— cabeça de fogo está na terra!

— E V. dando apreço ao dito de um maluco!

— E' que as vezes os malucos sahem-se com cada uma!

— Ha uns vadios na rua do Julião que costumam deitar traques de massa e phosphoros nos trilhos, de maneira que quando passam os *bonds* sobre os traques e phosphoros produzem um bonito fogo de mosquetaria.

— Mas os burros devem se espantar com os estouros.

— Pulam fora do centro do trilho, dão couces, é um inferno.

— E os passageiros são os prejudicados com tal gracinha.

— Um capitão do 14 descompoz no domingo, na Praça do Palacio, ás 5 horas da tarde, á toda tripolação deste navio.

— A razão di so?

— Porque encontrou o sentinella dormindo.

— E que tem a tripolação do navio com isso para ser descomposta?

— Dizia elle que é por causa della que os soldados estão insubordinados desta maneira, e castigou o mandando ficar quatro horas de sentinella.

— Ora, elle que vá catar pulgas, não seja desfructavel!

— Essa gente da policia armada é toda uma joia de cordura.

Prendem á uma inoffensiva e idosa mulher, espancam-na sem motivo, e como o inspector de quarteirão os adverte do irregular procedimento, é trancafiado na guarda da repartição!

— Quando foi isso?

— Sexta feira á noite.

— Assim mesmo é que é bom; quanto peor melhor.

— Capitão, presta-me um momento de attenção?

— Dous e tres que queira.

— Acha-se presa na Correccão, como escrava e fugida, uma infeliz mulher.

— Desgraçada condição!

— Chama-se Izabel, e por longo tempo sua madrinha, que a baptizou como livre, disputou na Cachoeira a questão de sua liberdade, não tendo essa questão decisão final por falta de recursos da referida madrinha.

Izabel tem passado por uma successão de senhores, sem que se possa aqui ventilar da legalidade com que tem sido transferida de um para outro possuidor.

Vendida ultimamente, ausentou-se da casa do senhor, e andava por esta cidade como livre.

A final é presa e levada á Correccão.

— E então queria Vm. outra cousa?

— Mais um minuto de attenção, capitão.

O senhor de Izabel veio reclamar-a e apparecendo diversas pessoas pretendendo comprar-a, consta que elle declarara que não a venderia sem primeiro levar-a para sua fazenda, onde na pessoa de Izabel ia dar um exemplo a todos os seus escravos para nunca mais fugirem.

— Que horrivel sorte a aguarda!

— A pessoa informante afirmou ter ouvido



o referido senhor pronunciar as sinistras palavras, com tudo pode não ser exacto.

—E agora Vm. o que pretende?

—Fazer um appello ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia para que aquella desgraçada não seja victima de inauditas torturas.

Por quo apezar de erer que seu senhor não seja tão deshumano e barbaro que vá trucidar uma creatura sua semelhante por uma falta perdoavel, por que a natureza humana não pode refreiar o amor á liberdade, com tudo os muitos exemplos que se dão nesta cidade de actos de crueldade, á face das authoridades, fazem receiar pela sorte da misera fora das vistas dellas.

Que S. S. exija desse senhor documentos inconcussos que provem seu direito de posse e dominio, que mande ventilar si seu primitivo possuidor pagou á fazenda as respectivas taxas.

Tratando-se do caso de uma mulher sobre a qual ha duvida á respeito de sua verdadeira condição, é de erer que o integro Sr. Dr. chefe de policia, ha de ser severo e minucioso nas providencias.

—E fique certo d'isso.

—Capitão, veja que quadro de horror.

«DESGRAÇA SOBRE DESGRAÇA.

«O caso que vamos narrar foi-nos transmittido por pessoa de credito, e por isso o levamos ao conhecimento dos leitores, como uma fatalidade singular.

«Vivia em uma casa situada á uma das margens do rio Machado (Minas) uma familia composta de 5 individuos: marido, mulher e tres filhos. Era carreiro o dono da casa, e como tal sahio um dia deste mez, com o filho mais velho, que teria cerca de 10 annos, a ajuntar na outra margem do rio os bois para carrear.

«No acto porem de jungil-os e de postal-os nos logares competentes, foi-lhe necessario dar algumas pauladas nos bois com a aguilhada, e acertando fatalmente uma pancada no cranco do filho este succumbiu immediatamente. Aos gritos angustiosos do pobre pae, acode a infeliz mãe, que, deixando á margem do rio a creança que amamentava, junto com o outro filho, tambem de tenra idade, atravessa desesperada uma pinguella. Mas ainda não tinha galgado o outro lado do rio, quando, ouvindo gritos, olha para traz e vê que o menino, que havia deixado na companhia da creancinha, tendo-a seguido pela mesma pinguella, perdera o equilibrio e cahira no rio.

«Corre a desgraçada a acudir áquella novo e terrivel golpe, e, apezar dos esforços que podem suggerir ao amor maternal om seme-

lhantes situações, só conseguia tirar do fundo d'agua um cadaver.

«Ainda não pára aqui tanta infelicidade! Os dous consortes pareciam ter chegado ao cumulo do desespero na presença d'aquelle espectaculo pungente que lhes offereciam aos olhos os cadaveres de dous filhos queridos; carregam-nos e transpoem a pinguella com tão preciosos fardos... Mas... oh! horroroso! oh! medonho e tenebroso espectaculo!... Na outra margem só encontraram fragmentos do ultimo filho, do innocente que a desgraçada mãe amamentava, a quem os porcos acabavam de devorar!!!...

«Imagine o leitor agora a agonia daquelle pae e daquelle mãe, em tão singular e horrivel transe!... Aquelle não hesitou um momento: corre á casa, pega de uma espingarda, applica-a ao ouvido e dispara, fazendo sahir a vida por um rombo que lhe atravessara o cranco a arma mortifera!

«Ao estampido do tiro corre aquella desgraçada esposa hallucinada, e tão horrivel era a sua dôr moral que cahiu exausta e sem sentidos junto ao cadaver do infeliz marido...

«Ao outro dia via-se uma louca vagando á tôa pelas margens do rio, procurando com aneio novas do esposo e dos filhos de suas entranhas.

«Daquella desditosa familia só restava aquella louca!

«Altos juizos de Deus!»

—Capitão, será certo que na casa de asylo dos mendigos, á ladeira de S. Francisco, espanca-se os pobres em castigo de sahirem sem licença ou recolherem se tarde? E que ás vezes até atira se na rua os balaies e trouxas de roupas d'esses infelizes?

—Homem, não creio que se pratique semelhante barbaridade contra taes desgraçados.

—Mas, capitão, veja o motivo que me faz erer em semelhante atrocidade. Outro dia, uma escrava sahindo pela manhan cedo, encontrou uma pretinha cega, que se lastimava por se ter perdido no caminho, quando sahira da casa do asylo para ir fazer certa compra. Pedia a infeliz, chorando, que por charidade a levassem para a dita casa, quando não, o homem havia de dar-lhe bordoadas por ella ter sahido. Então a escrava conduziu a pretinha para o asylo, onde não sei si com effeito soffreu o castigo quo receiava da parte do homem.

—E que homem é este?

—Supponho, capitão, que é algum empregado da casa, que ali tambem exerce a profissão de algoz dessas pobres victimas.

—Si é assim, tem Vm. razão; eu tratarei



de dar as providencias, reclamando do Sr. Dr. chefe de policia a sua syndicancia á respeito.

## A PEDIDO

—Brincavam duas crianças na rua dos Artistas: uma dellas era da casa do Sr. Primo e a outra da do Sr. Baldoino.

—As crianças no brinquedo em que estavam, acconteceu que a da casa do Sr. Baldoino mordesse a da casa do Sr. Primo.

—Brinquedos de meninos que, quasi sempre, são da especie dos brinquedos de cão com gato.

—Mas o Sr. Primo não pensou assim, e agarrou o menino da casa do Sr. Baldoino e deu-lhe tambem uma dentada no peito, a ponto de feril-o, e bastantes palmadas, porque entendeu ser desaforo haver mordido o outro.

—Coitadinho!

De maneira que si o Sr. Primo fosse passando por um cavallo e recebesse um couce, elle retribuia com outro.

Pois elle não viu logo que a criança não pensou no que fez?

—São cousas!

## Vae a quem toca.

EPIGRAMMA.

Para clarear o assucar  
O que faz o fabricante?  
Lança-lhe um pouco de lama  
Que o torna puro e brilhante.

Ao homem honesto, ao menos  
Tal consideração valha;

—Que segundo a experiencia  
Nem sempre a lama enxovalha.

No dia 9 (domingo) o subdelegado do Pilar fez sciencia a Manuel Desiderio, por uma nota constitucional, de que elle se achava preso e ia ser processado por ter quebrado o termo de bem-viver, que tinha assignado perante aquella subdelegacia em 27 de agosto de 1869.

Na verdade, é de lastimar que o Sr. subdelegado Antonio Pinto da Silva, calcando aos pés a lei, massacre um cidadão em uma prisão que não tem fundamento na lei que nos rege, pois contra actos desta ordem protesta o aviso circular do ministerio da justiça de 2 de janeiro de 1862, porque admittindo-se a hypothese de ter Manuel Desiderio jogado, e por isso quebrado o termo, não sendo preso em flagrante delicto só podia ser preso depois de culpa formada.

Si isto é lei expressa da nossa legislação criminal, como se explica o facto do Sr. sub-

delegado, sem as formulas legais, ir á casa do Desiderio e prendel-o, depois do 20 dias do improvisado jogo; portanto, pede-se a S. S. que reconsiderando em seu acto, seja mais prudente e circumspecto para outro que se ache em identicas circumstancias.

*A victima.*

## ANNUNCIOS.

### Monte-Pio dos Artífices.

Em vista de não se ter podido reunir a assembléa geral para a discussão dos relatorios dos trimestres, o conselho da sociedade Monte-Pio dos Artífices resolveu declarar pelo presente, afim de que chegue ao conhecimento de todos os associados, que as suas pensionistas acham-se pagas até o mez de agosto. Bahia e sala das sessões 9 de outubro de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Casiano Hyppolito.*

Na rua Direita de S. Bento, n. 16, existe uma moça bella, seductora, feiticeira, espiritiosa e engraçada, que tem trinta contos de réis de dote, e procura para marido um rapaz bello e amavel. O individuo, pois, que tiver estas condições e desejar uma esposa como a mencionada, dirija-se á sua residencia para tratar desta negociata.

### Novidade.

Acostumado a receber favores dos meus amigos e afeiçoados, não só antes como depois do meu infortunio, e hoje livre da oppressão de quem quer que seja, venho do alto da imprensa solicitar dos que me estimam a sua protecção, concorrendo ao nosso estabelecimento novamente aberto á rua do Caes Dourado, sobrado, 1.º andar, defronte do destacamento da policia, com excellente vista para o mar, no qual estabelecimento encontrarão os visitantes tudo quanto desejarem de bom, agradável, aceio e promptidão. O proprietario é bem conhecido, e as maneiras com que costuma tractar a todos quantos o honram não são ignoradas; appellando para o tempo em que teve café e vispora á baixa dos Sapateiros.

A inauguração teve lugar no dia 8 do corrente. Todos os sabbados ha mocotó gratis que será offerecido aos que se dignarem apparecer. Avante! Amadores do bilhar e vispora, excellentes vinhos e iguarias de todas as qualidades. Conto com a vossa coadjuvação. A vista faz fé.

*Macedo & C.*

*Typ. de Marques, Aristides e C.*



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 74.<sup>a</sup>

SABBADO 15 DE OUTUBRO.

Ns. 704—705.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.º rs. por serie de 10 numeros; 5.º rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
14 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que na rua do Tingui ha um sobrado que, pelo seu estado de ruina se torna de urgente necessidade seja demolido, afim de evitar-se que de uma para outra hora desabe. As paredes desse velho edificio acham-se todas rachadas e cahindo aos pedacos. A' tempos foram arriados os fundos do mencionado sobrado, os quaes já não podiam se suster, ficando a frente prestes a vir a baixo e esmagar quem por ali transite, ou a visinhança que estiver mais proxima.

Em vista do que, pede-se a S. S. que quanto antes mande intimar ao proprietario para desarmar semelhante arapuca.

Portaria ao aspirante-pedestre João de Deus, ordenando-lhe que tome debaixo de suas vistas um certo individuo, funileiro, que seguindo o principio de que á noite todos os gatos são pardos, adoptou o arvoredado do Terreiro para á sombra delle pôr em pratica cousas que no publico não se podem fazer. Cumpra.

—A Veneravel Imagem do Senhor Bom Jesus dos Afflictos acha-se exposta á adoração dos fieis na capella de sua invocação.

—Esta noticia agrada-me.

—A irmandade que tem á seu cargo promover o culto ao mesmo Senhor, deliberou que a Sagrada Imagem ficasse no corpo da igreja até o dia 20, para que aquelles, que quizessem, lhe fossem render graças e louvores pelo termo da calamitosa guerra com que foi o povo flagellado.

—E como o povo, apesar da corrupção da epocha, é eminentemente religioso, ha de ir reverente aos pés do Senhor das Misericordias.

—Na quinta-feira teve logar no forum a accusação e defeza oral do processo *Moura Rosa*,

instaurado contra o redictor responsavel deste periodico, pelo juizo municipal da 2.<sup>a</sup> vara, e provavelmente será publicada, na segunda-feira, a sentença.

—Esperemos!

—Cães e mais cães!

Em toda a rua que se passa é a gente embaraçada por uma malta desses animaes ociosos e perdidos!

—Mas como nos açougues de S. Bento não ha. Si se tivesse de formar um batalhão de caxorros sem donos, bastava recrutar-os ali.

—E os fiscaes que tem obrigação não se importam que o publico esteja exposto aos terriveis dentes caninos!

—Pelos almas!

Que duas estabanadas!

—Não invoque as almas que hoje não é mais segunda-feira; ainda ha pouco acabou de dar meia noite.

—Estão aquellas duas desesperadas desde a ladeira de S. Francisco a se esbordoar!

—Ha mais de uma hora que brigam!

—Parecem gallos; retiram-se e depois de um tiroteio de palavras, tornam a investir, e sempre a que apanha mais—é a que avança!

—Ja fui accommodal-as tres vezes, e as perdidas não me attendem. Vem alli dous soldados de policia; vou chamal-os.

«Camaradas, vejam aquellas duas mulheres como estão a se esbandalhar; vão apartal-as.

«—O que tenho eu com isso? Ja deu meia noite; vou com muita pressa e não posso demorar-me.»

—Mas este chá!

De maneira que a policia passa n'uma rua, vê o silencio publico perturbado por duas mulheres que se espancam e vae andando por que não tem nada com isso!

—No mesmo caso está, se encontrasse se esfaqueando um homem!

—Capitão, circumspecção e gravidade de uma authoridade.



—Ora vamos lá.

—Estamos na sala das audiencias de um subdelegado; trata-se de um caso de desvirginamento; uma moça é interrogada; a natureza do facto, a multidão de vistas sobre ella, faz-lhe enrubecer as faces; envergonhada curva a cabeça e não responde.

A prudente authoridade perde a paciencia e brada exasperada:

«—V. agora não quer responder; não havia de ser assim quando.....»

O resto, a lingua prende se-me e eu não posso pronunciar.

—Faço ideia.

—E depois articulou um palavreado, uma algaravia, que só elle entende—de tomar mecha, metter mecha, tirar mecha, etc;

—Tambem fazem de qualqner criancola authoridade e querem que ellas sejam os *pillars* onde se baseie a lei!

—Pois até na casa de Correção ha preferencias!

—Preferencias como?

—Uns podem entrar á toda hora e outros não.

—Engano seu.

—Uma cousa que se passou commigo.

Tive de lá ir, não me consentiram entrar, ao passo que vi outros do lado de dentro.

—O Custodio é quem pode lhe informar á respeito.

—Capitão, eu queria contar um facto, mas estou indciso.

—Ha compromettimento?

—Não sei si será d'aquelles comprehendidos na ordem dos factos de vida privada.

—De vagar com a louça.

—Um marido que esbordoou a mulher.

—Cousa de portas á dentro?

—Sim e não. Começou em casa e acabou na rua.

—Parece que não é.

—Então eu digo.

Foi o *João Bocorio* que tomou uma bebedeira, comprou um junco e lavrou a pobre senhora de chibata, a qual correu pedindo soccorro e o desalmado atraz maltratando-a.

—Talvez haja quem diga que isso é fallar da vida alheia, mas eu entendo que não, logo que o acto foi publico.

—E até porque é preciso um correctivo ao tal *João Bocorio*, para emendar-se e não continuar a maltractar sua chara metade.

—Quanta barbaridade!

E' preciso não ser humano para se castigar um escravo d'aquella maneira!

Veja como está aquella creoula com um olho inchado e disforme!

—E o corpo todo cheio de escoriações!

—Tristissima é a condição do escravo!

—Como se chama esta desgraçada mulher?

—Lucinda.

—Infeliz!

E ha ainda, homens que sejam apologistas da escravidão, diante de um quadro tão triste e repugnante como este e outros muitos, que presenciamos todos os dias.

«—Venha cá, camarada, pegue aqui na cruz!

«—Sr. vigario, eu sou soldado, nunca fui sacristão.

«—Patifel não sabes que foi na cruz que Christo padeceu?

«—Sei, Sr. vigario, mas tenho o que fazer e não posso acompanhar a procissão.

«—Pegue na cruz, veja que eu sou um vigario, e por conseguinte seu superior.»

—O que quer isso dizer?

—E' o *vigario* que quer por força que um soldado do 14 acompanhe a procissão, e entende dever trazer á frente a sua superioridade.

—E elle trazendo a superioridade julga tirar uma *victoria* com o soldado, não?

—Eu estou que o vigario faz isso por *graça*, porque a egreja não tem nada com a milicia, embora ella seja militante; entendo que os soldados não estão sujeitos ás ordens e nem aos insultos de um vigario.

Não queremos soldados indisciplinados, não; queremos que tenham disciplina, que obedecam aos seus superiores, que sejam punidos quando merecerem; mas que a punição seja em regra, segundo as leis militares; do contrario clamaremos contra o arbitrio em alto-e bom som!

—Muito bem! muito bem!

—Capitão, cahiu ante-hontem um crioulinho dentro da ratoeira da ladeira da Misericordia, o qual ficou bastante maltratado.

—Já clamamos contra aquella bocca de lobo, mas a camara ainda até hoje não a mandou tapar.

—Nesta terra tudo é assim; enquanto não se dá uma desgraça a lastimar-se, não se remedia o mal.

—Foi intimado, na quinta-feira, o Sr. Aristides Ricardo, por um mandado passado no cartorio do escrivão Fialho, para pagar a quantia de cento e dous mil e oitenta réis, do custas do processo contra o mesmo instaurado, como um dos impressores do periodico



Alabama, o qual foi julgado improcedente pelo juiz municipal da 2.<sup>a</sup> vara, sob pena de serem penhorados todos os seus bens, si não realisar este pagamento em vinte e quatro horas.

— Homem, essa é boa. Pois o juiz julgou improcedente a queixa contra o acusado, e condemnou-o nas custas?

— Também não sei como foi arranjado este par de bottas.

— Vejamos o resultado.

### Quem não gosta do dinheiro?

Nasce o homem: si é de gente *pobre*, vive embrulhado nos trapos; si é rico, é mettido em finas cambraias.

Si é pobre, vive no chão, de *gatinhas*; si é rico, vive encarapitado no collo da melhor ama.

Si é pobre, baptisa-se pobrememente; si é rico, tem musica no baptisado, o padre para-menta-se melhor, tem convidados e curiosos, e até os padrinhos dão ricos presentes aos afilhados.

Si é pobre, todos mesmo em pequeno; o acham feio; si é rico, todos lhe pegam ao collo, festejam n'ó, acham-lhe graças nas travessuras, dão-lhe doces e dizem:

— Que criança tão linda!

Si é pobre, aprende ás vezes primeiras letras, e chupa na escola boas dózes de palma toadas; si é rico, aprende o que deseja, e os professores tratam-n'ó com distincção.

Si é pobre, vae ser caixeiro por favor, official de officio ou moço de recados; si é rico, vae estudar e ser doutor, e acha-se até habilitado para ser negociante, querendo, porque não lhe falta credito.

Si é pobre, embora estude e tenha intelligencia, não passa de um *quidam*, e custa-lhe alcançar a carta; si é rico, tudo alcança facilmente e todos lhe encontram prestimo e talento.

Si é pobre, ainda que seja trabalhador, honesto e economico, chamam-lhe de usurario, de *fura boto*, e andam sempre desconfiados que não mude; si é rico, pode ser velho, que não falta quem nelle tenha confiança, emprestando-lhe o que precisa.

Si é pobre, embora tenha bons bigodes, as moças e os paes de familia sorriem-lhe por compaixão; si é rico, não lhe faltam vantagens para um casamento escolhido a seu gosto.

Si é pobre, está sujeito á servir á patria de bayoneta e mochila, não lhe faltando castigos e mais cousas... Si é rico, embora seja um *maricas*, alcança sem custo todas as dis-

pensas precisas, e pode usar de espada e dragonas.

Si é pobre, vive feito burro de carga, em que todos montam á vontade; si é rico, é elle quem monta nos outros quando lhe apraz.

Si é pobre, embora tenha razão quando briga, raramente lhe fazem ou dão justiça; si é rico, não lhe faltam advogados nem sollicitadores, porque a lei tem muitos recursos, e o dinheiro tem todos os recursos para a lei.

Si é pobre, só tem as vistas nos credores que o não deixam; si é rico, não lhe faltam convidados, nem amigos.

Si é pobre, o alfaiate demora-lhe com o fato, e o sapateiro com o calçado; si é rico, todos lhe apromptam as encomendas, esmerando-se em servil-o a seu gosto.

Si é pobre, não passa de um *ninguem*, de quem se não occupam, nem agiotas, nem os ministros, nem as gazetas; si é rico, os agiotas procuram-n'ó, as gazetas nomeam-n'ó, os ministros fazem-lhe venias, e ás duas por tres arranjam-lhe um titulo de fidalgo.

Si é pobre, custa dar-se-lhe uma esmola para sua subsistencia; si é rico, tem mesa lauta em toda parte, boa hospedagem, e assignam quantas subscrições se apresentem.

Si é pobre, o medico demora-se na sua doença, e o boticario custa apromptar-lhe a receita; si é rico, o medico vae visital-o com preferencia, e o boticario abre-lhe a porta á qualquer hora da noite.

Si é pobre, não passa de um automato no tempo das eleições; si é rico, pode aspirar a ser eleitor, deputado ou ministro, porque tem todo o direito na força, e acha-se-lhe o merito para tudo.

Si é pobre, em morrendo vae para o cemiterio como fazenda enfardada, o padre resmunga de mau grado um certo responso e o acompanhamento é diminuto; si é rico, todos o acompanham com tochas, tem musica, ás vezes officio de corpo presente, e as casacas não se importam de apanhar chuva, os poetas, e prosadores fazem-lhe versos e discursos, e os jornaes não se esquecem da necrologia, narrando as boas qualidades do defunto.

Si é pobre, é atirado em qualquer canto do cemiterio, sem ceremonias nem lamentações; si é rico, todos o acompanham ao cemiterio, fazem-lhe mausoleus com epitaphios dourados, e os parentes recebem os *pesames* dos amigos e indifferentes.

Si é pobre é calçado na pobre terra como um pobre diabo pelo coveiro; si é rico, quasi sempre tem um *carneiro*, e todos lhe dizem: *Requiescat in pace*.

Si é pobre, morre na lembrança de todos; si é rico, todos vão á missa do septimo dia,



às vezes dizem vinte e trinta por seu respoito, e no anniversario de sua morto ainda apparecem elogios ao finado, acompanhados de saudosas preces.

Quem haverá pois que não goste do dinheiro! Para que todos o gozem depois de morto?

## A PEDIDO

—Porque insulta V. assim esta mulher que não lhe offendeu?

—É o Sr. quer tomar *oposição*?

—Julga que é gado sem pastor?

—Sem duvida ella é alguma princeza de Agomé?

—Aqui está o que é a policia desta terra!

A mulher vae pacificamente seu caminho, com uma bandeja de comida que vae levar a seu amo; o Sr. tira-se de seus cuidados, sabe do destacamento, acompanha-a, dirigindo-lhe estupidas graças, e como não obtem resposta, passa aos insultos e põe-na de besta, vacca, mula, e outros nomes que a decencia não permittê! Respondesse ella e o Sr. havia de querer prendel-a, e espancava a logo!

—O Sr. não quer não,

—E tenha-se confiança na força publica, quando ella é composta de individuos de sua laia.

Gente que compra desordem!

Depois que veio destacamento para o Caes Dourado, a policia é a primeira amotinadora deste logar.

Hoje é quinta-feira, si não fosse noite, ia já ao Alabama.

—Tambem é o que me pode fazer.

Em casa do africano Samoelo, morador na rua da *hera que mata peixe*, existem dous rapandorios que são guardas, *não são nada* do batalhão oitavado.

Esses finos tratantorios divertem-se á noite em andar arranjanço caibros, telhas e tijollos pelas obras alheias.

São tambem amestrados desinquietadores da criação dos outros, e por esse mau costume andam sempre visitando os poleiros alheios: quando acham alguma ovelha desgarrada tambem não dispensam.

Um pelo nome de baptismo chama-se João, mas é appellidado por *Sant'Anna*; motivo por que, ignora-se; e o outro é chará do primeiro, porem aqui o distinguiremos por *Vicente* para não ser dous Joãos.

A policia ha pouco segurou um delles, mas como larapio sempre tem uma desculpa á que se apegue, foi o motivo porque dias depois estava solto.

Os caes sobreditos cujos são de mais a mais

suspeitos, porque não se dão á rol, nem o inspector os conhece.

Sant'Anna ha dias desapareceu; anda talvez á cata de cousa melhor.

Será bom que tomem sentido com Vicente, antes que faça alguma e se enxote para o mundo.

—*Scis dedos*, venha cá!

—Uh! o raio me cahiu hoje em casa?

—Ha muito que V. devia esperar por isso.

—Sem eu dar motivo?

—Não venha com simplicidades. V. não é nenhum innocente.

—Sr., eu corro a mão em minha consciencia e nada encontro que me accuse.

—Ha tanta cousa!

Mas agora fica tudo de parte e só se trata de um ponto.

—V. Ex. terá a bondade de dizer.

—V. não corrige sua casa.

—Eu?

—Sim. Consente que ultrajem a vizinhança.

Insultam, fazem acenos, dirigem pasquins, e provocam.

Muita bandalheira impropria de gente séria.

—Parece impossivel! Eu não sei disso.

—Não sabe! Pois eu acho mau indicio o dono de uma casa que não sabe o que se passa dentro della; e por isso lhe aconselho que trate de orientar-se e exemplar.

—Sr., vou fazer isso.

—Adeus, passe bem.

—Capitão, ás ordens de V. Ex.

—Pretendia alguma cousa?

—Fallar a V. Ex.

—Aqui me tem á sua disposição.

—Tenho de reclamar uma providencia.

—De mim?

—De V. Ex.

—E' dizer.

—Moro no Caes Dourado, e estou cansado de soffrer.

—O que é que o incommoda?

—Pedradas, Sr.

—A tal respeito não se trata commigo; recorra ás authoridades.

—Eu tenho convicção que a authoridade mais efficaz para casos como o meu, é a de V. Ex.

—Si o Sr. pensa assim...

—Permitta V. Ex. que eu exponha.

Moro do lado de terra e como sabe as habitaçõs deitam os fundos para a ribanceira.

A cada hora tremo por uma desgraça: principalmente com a casa cheia de crianças, que a qualquer momento estão da parte de fora.



Além do immenso prejuizo que soffro, como que é meu estragado e o tolhudo esburacado.

—Então jogam lhe pedradas?

—E cada pedaço de pedra!

Ha gente de coração tão mal-fazejo que divert-se em fazer damno a seu proximo, por maneira que corra perigo a existencia alheia!

As pedras vão cahir na cosinha e não ha utensil que se conserve.

No pateo não se pode deixar nada, que fique inteiro.

—Que espirito de maldade!

O Sr. sabe d'onde partem as pedras?

—Da casa de umas moças parochianas da Rua do Paço, as quaes tomam por norma proceder muito diverso do que lhes deve ensinar o seu vigario, que segundo me consta, é um sacerdote que não faz mal a ninguem.

—E eu creio.

—Veja V. Ex. si não é para pôr um homem desasocegado.

—Realmente e.

—Não vendo meio mais adequado que pozesse um paradeiro ao que soffro, recorro a V. Ex.

—Achava bom que o Sr. fosse á dita casa e pedisse por maneiras—que não continuassem.

—E si ellas persistirem, firmes como rocha, em me fazer mal?

—Nesse caso testemunhe e syndique si a malvadeza parte de algum aggregado ou das proprias moças.

—Creio que de todos; uma das taes *vi-a na janella* em uma manhan fazendo menção de atirar.

—Pois eu vou mandar o aspirante advertil-as e veremos.

—E eu ficarei agradecido a V. Ex.

Sr. redactor.—Procurando em seu jornal de 6 do corrente a continuação d'um artigo de seu n. 697 de 21 proximo passado, deparei com um trecho, o qual não posso deixar que passe sem um solemne protesto, pois não adoro só o sol no nascente.

Diz esse numero que o advogado J. V. de Carvalho em uma accusação que fazia ao jornal *Alabama*, em pleno tribunal escapara-lhe a expressão de que o vapor *Alabama* era um pirata—erro grosseiro e funesto; assim como engana-se V. se pensa que elle era inimigo da liberdade: este vapor era uma maquina de guerra de uma nação que pugnou heroicamente pela sua liberdade contra esta centralisação de que todos os povos se queixam, e só á força bruta teve de ceder. Si vencesse, Jefferson Davis seria um outro Washington; como foi vencido é um rebelde, e até estamos

certos de que o honrado advogado não hesitaria escrever qualquer papel ou fazer-lhe mesmo uma apologia em seu favor—assim é este mundo!

Si julga que o jornal *Alabama* o accusa de graves faltas defenda-se, e o meio é este: si fôr falso convença o publico do contrario, como nós agora fazemos; si é verdade emende-se, que o arrependimento assegura a mudança; e si nem uma nem outra coisa pode fazer resigne se, pois não é sinão uma repetição lembrando o que já se tem escripto muitas vezes, e o publico se lembra de nossas faltas, quando nós dellas nos esquecemos; mas não procure manchar aquelles que nenhum prejuizo lhe deram, cujos altos feitos estão gravados com celebridade na historia, zombando por annos de uma das mais formidaveis esquadras que uma nação já teve, e cujas immorredouras paginas não estão ao arbitrio d'um advogado *in extremis* apagal-as.

Os Estados do Norte arbitrariamente capturaram, por intermedio de seus agentes consulares, os navios que pertenciam aos Estados do Sul, até dentro dos portos neutros; estes, em represalia, armaram o *Alabama*, *Florida*, *Georgia* e *Stonewall*, para fazerem no mar o que não podiam fazer nos portos.

O vapor *Alabama* não era um pirata, nem mesmo o nome de corsario lhe pode ser applicado, era, como se pode chamar, um navio de guerra d'uma nação reconhecida beligerante, embora ainda não estivesse reconhecida independente.

Tanto mais não era um pirata, que sendo estes condemnados por todas as nações, o vapor *Alabama* tinha entrada franca em todos os portos do mundo civilizado, sendo muitas vezes recebido com ovações e obsequiada sua officialidade, como até o foi em nosso porto.

E' preciso ignorar o que se diz, ou o que é um pirata, para chamar a este vapor pirata. Piratas são os que roubam, e matam, *de qualquer forma*, para roubar tudo quanto encontram, ou para qualquer outro fim sinistro, como o advogado não ignora, e o *Alabama* contentava-se em destruir os navios inimigos, como qualquer outra maquina de guerra, poupando até aquelles á cujo bordo trazia carregamentos pertencentes á neutros, sob *letras de risco* do valor destes, pagaveis depois da guerra, não se servindo de nada d'elles, á excepção de mantimentos de bocca, isto por força maior, até porque tinha que sustentar seus tripolantes cujas vidas respeitavam.

### Curiosidade.

Poderá o Sr. Luiz Everaldino de Goes. Tou-



rinho agenciar o encarregar-se do causas no forum?

Já estará o digno procurador desembaraçado de certas complicancias com que andou, aqui ha tempos, atrapalhado?

*O espolio dos orphãos.*

**Motto.**

*Quem quer bem, dá bordoada.*

**GLOSA.**

Por que rasão, minho flor,  
Te zangas comigo assim?  
Dize, quando terão fim  
Teus caprichos, teu rigor?  
Minh'alma, querido amor,  
Só por ti vive abrazada,  
E se alguma trovoada  
Sustentas com vento em proa,  
E' por que.... ora essa é boa  
*Quem quer bem, dá bordoada.*

—Moço, por Santo Antonio, pague os cobres do aluguel do sotão.

Si isso pode ser queira V. mesmo julgar, Sr. Aguiar. Não pagar o que deve e insultar o credor!

**Tratantices d'um escamoteador.**

**1.<sup>a</sup>**

O Sr. L. E. G. T.,—deve—á J. F. S. R.

1857 março—Dinheiro que recebeu para a conclusão dos autos do fallecido J. A. F. B. e que nada fez..... 100\$000  
» Dinheiro que na mesma occasião recebeu para recolher ao cofre de orphãos e que o não fez..... 100\$000  
» Julho—Dinheiro mais que recebeu..... 80\$000

Uma serie de tratantadas desta insigne ave de rapina irá sendo publicada.

**Tenho medo,**

Quando vejo na janella  
Moça linda o dia inteiro,  
Olhar de um lado e do outro  
E cortejar o cavalleiro  
Que vae passando.

Tenho medo,  
Quando a mulher desdenhosa  
Se faz mansa como cêra,  
Dá bolinhos ao marido  
Que para elle fizera  
Com manteiga.

Tenho medo,  
Quando o moço que é peralta,  
Que passeia, que namora,  
Vem p'ra casa e como um santo  
Os velhos peccados chora  
Arrependido.....

Tenho medo,  
Quando a mulher que é formosa  
Que ainda é moça prendada  
Que no baile que hontem houve  
Dansou a walsa pulada  
Tão gentil,

Diz adeus á camarada  
Deixa o mundo, deixa a vida  
Se retira p'ra o convento  
Tão depressa convertida  
E vae rezar....

Tenho medo,  
Quando o pedestre recusa  
Dinheiro p'ra dar pancadas,  
E diz que pode levar  
Não sei quantas chibatadas  
No costado.

Tenho medo,  
Quando vejo muita esmola,  
Muita verdade e virtude  
Tenho medo e desconfio  
Que em bordoadas se mude  
Tal mysterio.

**A' BB.**

Senhor estudante  
Da academia,  
Não bula na gata  
Sinão ella mia.  
Ja são duas horas  
Va ver sua bella,  
Da rua por baixo,  
Que está na janella.  
Mas tome sentido,  
Não minta assim, não,  
Porque—seus engenhos  
Ja sabe quaes são.

R.

**VARIEDADES.**

**o talento de João-sinho.**

Moça pobre que se casa é sorte grande tirada por ella e pelos pais.

Julião e sua esposa que viviam fazendo prodigios de economia na vida intima, para simular certa abastança aos olhos da sociedade, casavam emfim a sua querida Paulina cuja educação lhes custara sacrificios eno- mes.



Mas tambem que educação!

Paulina fallava francez, tocava piano, valsava noutes inteiras, desenhava, mostra no mappa mundi as cinco partes do mundo e era tão leviana como sonsa.

E enfim ia casar-se com um negociante bem apatacado.

Só faltava o pedido ceremonioso da mão de Paulina, e o Sr. Bonifacio tinha pedido dia e hora para sua visita.

Julião e sua esposa estavam na sala com Paulina e João-sinho á espera de Bonifacio.

João-sinho é irmão de Paulina, tem dez annos, e no dizer dos paes é uma estupenda maravilha de viveza e de talento; por tanto malcreado, como elle só.

Bonifacio chegou; figura ter trinta annos, é serio, de agradável apparencia, e adora Paulina.

Depois de breves cumprimentos, foi feito o pedido de casamento, e com permissão de seus pais Paulina deixou cahir o—sim—das pontas dos labios, toda cheia de interessante confusão e pejo virginal.

Marcou-se o dia do hymeneu, conversou-se meia hora sobre as prendas da noiva e sobre o talento de João-sinho, e finalmente Bonifacio levantou-se para sahir.

A futura sogra quiz encantar o futuro genro, e, ao vel-o na despedida beijar a mão de Paulina, disse:

—Menina!... debes dar o primeiro beijo a teu noivo...

E accrescentou:

—Beijem-se...

Mas Paulina recusou tremulã e com as faces como duas rosas.

Bonifacio respeitou-lhe o pudor, e apertando-lhe ambas as mãos, curvou-se e beijou-as.

—Perdôe-lhe, diz Julião; Paulina é muito vergonhosa!...

—Vergonhosa?... exclamou João-sinho a rir; isso é aqui á vista da gente: e hontem á noute ella era vergonhosa, quando a apanhei na escada a dar beijos ao primo Xico?...

Paulina perdeu o casamento com Bonifacio por causa do maravilhoso talento do João-sinho.

### Um homem distrahido.

O Sr. Silvestre é um moço de seus vinte e cinco annos, não é feio de todo, goza de boa reputação pela vizinhança, (o que é de grande vantagem) é solteiro e empregado em uma repartição publica.

Apesar de todas essas boas qualidades tem o Sr. Silvestre um grande defeito: a *distrac-*

*ção*; o nosso homem só se não esquece da repartição—effeito do habito.

O costume de sahir de casa ás oito horas e voltar ás tres, tornou-se tão machinal no Sr. Silvestre, que muitas vezes ao domingo sahe de casa ás horas do costume e só se lembra de que é domingo quando acha a porta da repartição fechada.

Entre outros casos de distracção que se contam do Sr. Silvestre, estes são os mais notaveis pela sua singularidade.

Um dia sahe o nosso homem de casa e encontra á porta um cego que lhe pede esmola; aperta lhe a mão, dizendo:

—Oh! Como vae?... e continua seu caminho.

Outro dia ia visitar um amigo, e ao despedir-se apanha um chinello em logar da luva, que deixara cahir e mette o no bolso.

Um destes dias tendo de fazer uma visita á uma familia, sahe o Sr. Silvestre de casa e dirige-se para a rua em que esta morava: mas erra no numero e entra em casa de um carvoeiro que por infelicidade não se achava presente na occasião.

O Sr. Silvestre senta-se diante de um gato, que deitado sobre um mocho dormia com toda a calma de uma consciencia pura como são as de todos os gatos e começa:

—Como vae D. F... desde aquelle dia em que estivemos juntos na chacara do Sr. B... nunca mais tive o prazer de vel-a; sua familia goza de saude, não?... Seu marido disse-me que a sua menina estava um pouco incommodada... mas isso ha de ser passageiro! olhe, trate-a homœopathicamente... está provado que a homœopathia deve ser preferida á allopathia.

E assim continuou o Sr. Silvestre, até que o gato, não sabemos si por causa da posição em que estava, ou si por ver se interrompido no seu *dolce far niente* pelo brusco visitante, deu um formidavel mio, ao que logo redarguiu o Sr. Silvestre:

—Desculpe-me D. F... mas não posso acceder ao seu pedido; prometti hoje a um amigo ir jantar com elle e creia que muito sinto; peço-lhe por isso milhares de desculpas.

Etomando o chapéu, retira-se o Sr. Silvestre, convicto de que havia cumprido o seu dever.

S. de S.

—Transcrevemos em seguida uma carta de nhô José Quito á sua prima, para que os nossos leitores julguem do estylo e da sem cerimonia com que os nossos sertanejos fazem suas declarações de amor.



«III.ª Sr.ª Dona m.ª prima ninha.

Sítio gralº meiado deste meio de Juio de mil 869.

Nha prima só eide estimá muito que meed o tudo a nossa parentaria lá da prasa esteja boa se deos nosso sinhô quizer tambem tin Zuzima o prima Pulinaria. Nhorsim aha prima da minha arma, eu escrevo esto bem atordado de amor de amizade que eu confesso que sinto para sua pessoa de vancê des que eu tive a frecidade do le avistá do lonje na fistividade do tin Xico Miano, porque eu digo mesmo de verdade não é porvancê sê minha parenta da decendença de nossa goração, vancê é frô que bota terra emtodas as mossa aqui do bairo principalmente quando vancê seserre que a mostra uma dentueia ainda mais arva que a do cachorrinho ferputo de comadre Quiteria—Nha prima depois que vancê se aretirou do sitio eu fiquei tristi e desinxavido como um caxorro loco e até não tinha vontade de cigarrá prensipalmente quando vancê estava no terreiro amontando no cavallo baio de nhô Pai pra vin zimbora pra praça ali é que vancê haverá vê! nem tive animo de le ver inxergá por de trais! correr num pulo me escundi na troceira de bananna da terra que tem perto da cuzinha amão direita passei la na sobredita toseira des odia inteira xorando como uma xuva e com o corasão arripiado de saudade que mecê não é capais de fazer um comeração até quando nhamái grande mé xamou par cardeia eu não quiz comê nada porque estava com nó de amizade no pescoso que nem ofeijão podia rodá para baxo foi entonce que nhô Pai se persebeu que eu gostava de vancê e então me disse que se eu havia andá assim tudo dia xurimingando como o dianho mior séria que eu me grudasse com vancê em matrimonio verbá conforme dise o padre vigario a gora vancê já vê o que elle me disse a respetivo de nois dois com vancê poriso le pratisipo para nha prima vé se tópa segrudá comigo eu promim le declaro que tópo.

Sem mais buia sou de vancê primo amurudo—*José Quito.*

Para casar-se não é preciso sempre ter muita coragem; onde eila é muito necessaria, é para se conservar casado. Casando-se, espera-se; uma vez casado, começa-se a desesperar, e quanto mais se interna nas verdades do casamento, mais o desespero cresce.

O fim do casamento é a felicidade, esta só se encontra no lar domestico; mas aqui so pode ella existir pelo casamento. Se actualmente a felicidade existe poucas vezes no seio

do casamento, é porque sua organização não está ainda em harmonia com o direito.

## ANNUNCIOS.

### Monte-Pio dos Artifices.

Em vista do não se ter podido reunir a assembléa geral para a discussão dos relatorios dos trimestres, o conselho da sociedade Monte-Pio dos Artifices resolveu declarar pelo presente, afim de que chegue ao conhecimento de todos os associados, que as suas pensioistas achem-se pagas até o mez de agosto. Bahia e sala das sessões 9 de outubro de 1870. — O 1.º secretario, *Joaquim Casiano Hyppolito.*

### Festividade.

Amanhan terá lugar na igreja dos religiosos franciscanos, pelas 8 horas, a missa que manda celebrar a Devoção de Nossa Senhora dos Artistas, e depois sahirá a imagem em procissão até á rua das Larangeiras, onde se depositará em seu respectivo throno.

Os devotos esperam a concurrencia do respeitavel publico.

Na tulha de Amancio Luiz da Franca, defronte da igreja d'Ajuda, vende se farinha, milho, feijão, tapioca, gaz, charutos, tudo de primeira qualidade e por preço commodo.

### Novidade.

Acostumado a receber favores dos meus amigos e affeiçãoos, não só antes como depois do meu infortunio, e hoje livre da oppressão de quem quer que seja, venho do alto da imprensa solicitar dos que me estimam a sua protecção, concorrendo ao nosso estabelecimento novamente aberto á rua do Caes Dourado, sobrado, 1.º andar, defronte do destacamento da policia, com excellent vista para o mar, no qual estabelecimento encontrarão os visitantes tudo quanto desejarem de bom, agradável, acio e promptidão. O proprietario é bem conhecido, e as maneiras com que costuma tractar a todos quantos o honram não são ignoradas; appellando para o tempo em que teve café e vispora á baixa dos Sapateiros.

A inauguração teve lugar no dia 8 do corrente. Todos os sabbados ha mocotó gratis, que será offerecido aos que se dignarem apparecer. Avante! Amadores do bilhar e vispora, excellentes vinhos e jguarias de todas as qualidades. Conto com a vossa coadjuvação. A vista faz fé.

*Maredo & C.*



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 71.ª

QUARTA-FEIRA 19 DE OUTUBRO.

N. 706.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
18 de outubro de 1870.

Officio, ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, reclamando; em nome do socco publico, providencias contra tres casas de jogo que existem na rua do Castanheda, uma no becco da Rosinha, outra no becco Estreito, immediato ao do Curral, e outra na travessa que vae para Santo Antonio, nas quaes reune-se grande numero de praças de policia e invalidos, e ha sempre rixa e desordem. Alem disso muitos desses individuos, esquecendo-se de seus deveres para com suas familias, vão ali debandar o mingoado soldo, deixando-as entregues ao desespero e á necessidade.

Por tudo isso espera-se que S. S. se apresará em tomar uma deliberação.

—Caso virgem nos annaes dos casos julgados!

Foi condemnado, na segunda-feira, no grau maximo do art. 237 § 3.º do codigo criminal, o edictor responsavel deste periodico, pelo Dr. juiz municipal da 2.ª vara, no processo — Moura Rosa—do qual já tem inteiro conhecimento o respeitavel publico desta capital.

—O vapor, que chegou da Cachoeira sexta feira, foi conductor de uma dessas creaturas que se pode chamar o typo do soffrimento.

—Quem seria?

—Uma mulher, escrava, remettida para ser vendida.

—Nada mais commum. O senhor tem o direito de vender o escravo, quando quer.

—Eu a vi e horrorisei-me.

Os tormentos estampados naquelle corpo humano estão dizendo, que muito dolorosa deve ter sido a condição da misera captiva.

—Palavras não adubam sôpa. Diga o que viu.

—O corpo da pobre escrava é uma chaga

viva. Tem golpes desde a nuca até os calcanhares. Nunca vi tanta crueldade.

—O' homem, isso faz calafrios!

—Dizem que veio do sertão remettida ao Sr. João Soares para vendel-a.

—Depois de torturada! Os abutres é que ceavam-se na carne e abandonam os ossos.

—E' preciso ter entranhas de fera para infligir tão barbaros tratos a um vivente.

—No dia em que a escravidão fôr extinta no Brazil, a humanidade e a religião terão obtido um grande triumpho.

—E os annaes das atrocidades riscarão uma pagina de seu livro de horrores.

—Ha novidade no Caminho Novo!

Tem povo que não se pode passar!

—E' uma casa cercada.

—Alguma estrovenga, não?

—Um molecote, dessas *crias de yaya*, bebeu em uma venda ao Taboão, e depois fez presente com o copo á cara do caixeiro.

—Pois sim!

—Depois pôz-se no pisa, varou pela casa da senhora, e sendo preso, logrou a policia, e fugiu pelos telhados.

—Que ladrão temerario! ha quem se anime a andar por tão ingremes alturas á não ser gato?

—Ouça o amo do ferido como queixa-se da policia.

Suppõe-se que esteja acoutado na casa immediata.

—E com effeito creio que é elle que sabe preso de dentro daquelle socavão.

—Elle mesmo!

—Não sei si o dia de hoje é aziago.

—Qual, sabbado de Nossa Senhora!

—Ladrões pelo Sangradouro.

—Elles andam aqui no centro da cidade com o dia bem alto.

—Domingo, ás 10 horas da noite, Cosme Vieira da Silva foi accommettido por dous crioulos, os quaes cahiram de cacete sobre elle, exigindo que entregasse o que levava. O unico dinheiro que tinha consigo tram



3\$ rs., que passaram fielmente á folha dos larapios.

Depois intimaram-lhe que despisse o paletot e entregasse o chapéu; mas, reflectindo, talvez, que eram objectos sem valor e podiam ser conhecidos, o deixaram ir embora com os 3\$ rs. de menos e algumas pauladas de mais.

—O Sr. Cosme que se dê por contente; o caso podia ser peor e para outra vez não tenha a imprudencia de arriscar-se por logares ermos em horas concedidas aos ladrões para suas aventuras.

—V. sabe quem mora aqui?

—Uma crioula.

—Como se chama?

—Sophia *mulambo*.

—E o nome desta rua?

—Dos Capitães.

—Está bem.

—Para que pergunta?

—Queria saber que vibora é uma que ha pouco esbofeteava uma rapariga.

—E' cousa de toda hora.

Sophia tem em sua companhia essa rapariga, a qual prova do pão, que o diabo amargou.

A desalmada fez do rosto da desprotegida menina guardanapo de limpar mãos.

Vive porca e suja como uma borralheira.

Espanca-a, tange-a para a rua, despeitada pela falta de concurrencia dos tunantes, que, diz ella, andam com sentido na pobre orphan.

Serve como uma escrava.

E como não sabe caminho nem carreira, soffre resignada todas essas provações.

—E eu vou mandar o muxingueiro advertir á tal Sophia que si não mudar de systema, lhe fará por sua vez a pelle em mulambos.

—Para desvanecer certas interpretações, declara-se que a variedade intitulada—*Talento de Joãozinho*—foi extrahida da *Comedia social*, folha humoristica do Rio de Janeiro, e não tem referencia a ninguem desta terra.

—Xô, xô, xô, xô.

Safa! Quanta mosca!

—Provavelmente é por causa d'esses burros que passaram agora todos chagados.

—Qual! E' aquelle sujeito que esterca as laranjeiras de sua roça com immundicie, animaes mortos, etc.

—Pois aqui na Estrada Nova, com tantas casas, consentem isso?

—Eu sei, eim, o Manuel dos Papagaios é quem sabe.

—Acho que isto deve ser anti-hygienico.

—E além do incommodo que soffrem os moradores deste logar, com o nauseabundo cheiro que d'ali exhala, são os transeuntes atrapalhados por essas endiabradas moscas!

—Neste caso, a quem compete velar sobre a salubridade publica que dê as providencias necessarias.

—Capitão, estou procurando a chave de um enigma e não posso encontral-a.

—Já excogitou alguma?

—Ha uma novidade curiosa.

—Vamos a ouvir.

—Domingo, ás 11 horas da noite foi encontrado um individuo em um curral de vacas, que ha defronte do edificio do aceio da cidade.

—Fazendo o que?

—Os donos do logar suppozeram ser ladrão e alvoroçaram se de pau em cima d'elle. O cujo declarou que era padre e para prova descobriu a cordão.

—*Padre!* Queria ver isso para crer.

—Si era ou não, ignoro; disse que morava n'uma rua, ende faz muita *poeira*.

—Si no logar houvesse alguma casa de familia, comprehende se; mas para ir visitar os frades franciscanos pelos fundos, estou certo que o tal padre não quereria se arriscar a taes horas.

—Quem sabe si não anda por ahi astucia de algum larapio?

—E' o mais provavel; e nesse caso os proprietarios do curral fizeram mal de deixal o ir á fresca.

—Quem é bom já nasce feito.

—Ahi é que eu vou.

—Eu vi domingo, um certo official aproximando-se de uma guarda, e como o sentinella olhando para outro lado, só o viu muito perto para fazer-lhe a continencia, o homem ficou irado, e chamou o soldado negro, filho da p..., descarado, c.... e muitos nomes feios.

—Vão ver que em qualidade havia de ser quasi igual ao soldado.

—*Similis cum similibus*.

—Eu não digo. Camboatá é que suja agua.

—Eu estava perto da *guarda* e fiquei *afflicto* por ver esse procedimento do official, mesmo porque sympathisava com elle e o tinha por um rapaz urbano e cortez.

—Neste caso, V. dirija-se a elle amigavelmente e aconselhe-o a tratar seus subordinados com moderação e benevolencia.

—Na guarda de palacio, dizem, que ha penuria de papel.

—Os commandantes que reclamem.



— E que a falta parte do ajudante da presidencia.

— Queixas inoportunas. Si o ajudante faz assim é por ser economico, e gostar de poupar as despesas do governo.

— As noites de sabbado na freguezia da Sé, fornecem um cardume de apontamentos comprobatorios de que em materia de policia a imprevidencia e ineptia são os elementos predominantes.

— A Sé é a freguezia por excellencia das badernas.

— As bibocas de vispora, o mocotó da meia noite e os alcouces das meretrizes, são vasto campo onde se põem em pratica todas as scenas do mais desenvolvido desregramento.

— É a policia na moita.

— Desses lupanares do vicio e da corrupção, sahem no *preparé* a affrontar a moralidade e a perturbar o silencio.

— Sabbado atrazado houve o diabo na rua do Collegio: Racharam a cabeça de um rapaz de nome Sabino.

— Neste que passou atacaram ao carroceiro da rua da Misericordia.

— Não respeitam o decoro publico; as familias são obrigadas a ouvir no recolhimento do lar termos obscenos pronunciados em grita.

— E a policia vira a cara para não ver cousas tão revoltantes.

— E a imprensa vê-se na dura precisão de registrar esses acontecimentos que mui deploravelmente denotam a falta de moralidade que grassa em certas classes.

— Originada pela escassez de instrucção ao povo.

— Dizem que d'uma casa á ladeira da Gamelleira foram roubados diversos objectos de ouro e prata no valor de 6:000\$ rs.

— Boa pancada!

— Coasta que os ladrões andaram antes tomando as dimensões da fechadura e inutilisaram o gaz da visinhança.

— É muita audacia!...

— Os objectos pertencem a diversas pessoas, as quaes levavam ao morador da referida casa em penhor de dinheiros que o mesmo emprestava.

— Ah, dava dinheiro á premio? Agiota por conseguinte.

— É foi-se n'um dia o que ganhou de tanta gente!

— No meu ver é caso que a policia deve pesquisar bem pesquisado, por que envolve interesses de muitos.

— Mas o homem tem obrigação de restituir.

— Supponha que elle, allegando o prejuizo, dá-se por sua vez de quebrado e não paga o alheio que tinha em seu poder; quanta gente não soffre?

— Então... beatus é de quem possue, quem tem na mão é seu dono.

### A mulher e o cavallo.

Parecerá uma extravagancia comparar-se a mulher com o cavallo, e sem duvida hão de haver algumas senhoras repinçadas que se por esta minha comparação, mas tenham paciencia, attendam a minha explicação, e observem que ha toda semelhança entre a mulher e o cavallo, apenas só differindo em um animal andar a quatro pés e outro a dous.

Quanto a chamarem ao cavallo bicho e á mulher gente, isto nada vale, porque ambos teem alma, ambos são creaturas, visto que a palavra creatura quer dizer cousa creada por Deus, posto que algumas mulheres vemos que parecem creadas pelo diabo.

Ora, a mulher parece-se com o cavallo, não só physica, como moralmente fallando.

Quanto a figura ha cavallos formosos de diversos moldes, uns gordos e grandes que quando andam tremem-lhe certas polpas de gordura, e ancas bolcadas, e assim tambem vemos moças com essa configuração, e portanto essas devem-se chamar moças quartans.

Vemos moças de corpo esguio, bemfeitas e elegantes, andando ligeiras e brandeando elegantemente o corpo quando correm: estes são cavallos facas.

Ha moças bonitas muito morenas, que são propriamente lindos cavallos castanhos, outras alvas que são cavallos russos, e de ordinario muito habilidosas.

Ha moças que teem um pellosinho fino sobre o corpo, e o cavallo tambem o tem; o cavallo tem cascos e ellas tambem tem unhas: o o cavallo esquipa, tira curvetas, galopa, empina, dá de pôpa, dança e faz outras muitas galanterias, e assim tambem ha moças que até pinoteam com muita graça.

O cavallo tem um entendimento finissimo, que quando conhece o cavalleiro, conforme o grau de fortaleza que observa, assim elle se desenvolve, por exemplo: si vê que o cavalleiro é valente, que sabe-lhe suster a redea o applicar lhe as esporas, elle fica manso, anda bem de passo legitimo, volteia promptamente e faz tudo quanto se quer; mas ao contrario quando presente que o sujeito é fraco, toma a brida nos dentes, parte immediatamente, atira com o cavalleiro no chão, e ainda em cima dá-lhe um couce ou morde. Assim tambem a mulher pratica conforme o humor



quo encontra no homem: si de uma vez elle lhe dá uma boa lecção de palmatoria, fica a sujeita mansa e docil para todos os dias de sua vida, porem se percebe que o marido é toleirão entra a judiar do sujeito, a ponto de dar-lhe cachações todos os dias, e não consentir que o pobre manicacas goze cousa alguma.

O cavallo se influe com a musica, as moças nos bailes ficam todas alegres com a influencia do toque das contradanças; o cavallo rinha, as moças tambem dão gargalhadas estrondosas quando sentem gosto; o que é mau procede de não se poder pôr freio nellas como nos cavallos.

O cavallo tambem presta muitas utilidades, sinão eguaes, ao menos equivalentes á mulher: o cavallo gasta sustento, selim, ferraduras, etc.

A mulher gasta vestidos, sapatos, etc., e ha sujeito que zela tanto o seu cavallo como a propria mulher, a ponto de se levantar pelo meio da noite para lhe dar capim, e hoje em dia já se vendem cavallos a quatrocentos mil réis, quantia egual ao dote que se dá á uma recolhida da Misericordia.

## A PEDIDO

—Que ajuntamento é aquelle na porta da capitania?

—São marinheiros de navios que vieram matricular-se, e outros são mestres de embarcações que vieram dar entradas.

—É para isso é preciso tanto barulho?

—E' verdade; estão fazendo uma algazarra dos peccados!

Dizem elles que já são mais de 10 horas, e na repartição só teem as moscas e as carteiras.

—E não está aberta?

—Está, porem entregue a dous marinheiros que não deixam ninguem entrar, porque não se acham ahi os empregados.

—E para isso é preciso aquelle barulho?

—Elles teem razão, porque dizem ainda não terem almoçado, e terem de receber cargas.

—E o mestre de um navio que entrou arribado, e tem de tratar de seu protesto, que está aqui, ha muito tempo, sem ser despachado!

—Oh! isto na verdade é um deleixo da repartição.

—É bem reprovavel!

—Em fim como V. não veio para reformar o mundo, deixe as cousas correr como vão correndo.

—Mas o que não dirá o capitão de um navio estrangeiro, que não está acostumado com um expediente semelhante ao desta repartição?

—Que é do secretario, ainda não veio?

—Chegou neste momento e está descansando.

—Provavelmente da longa viagem que fez de casa até aqui á repartição, não?

—Julgo que é por ter andado de loja em loja, colhendo noticias.

—Vão ver que só para limpar o suor são precisas umas duas horas seguramente.

—Por força; não vê como elle está a bufar de calor e cansaço?

—Mas a razão por que elle não dá logo as entradas aos navios e não matricula os marinheiros?

—Ignoro.

Mandou-me esperar até que chegue algum empregado, e se recreia em ler gazetas e conversar sobre a guerra da Prussia com a França.

—Acho bom que V. se dirija ao capitão do porto, e peça lhe que dê as providencias necessarias, afim de que haja mais actividade nesta repartição, para que não sejam prejudiciaes aos interesses das partes.

—Aceito seu conselho.

Faz-se ver a certo quidam que vive encostado a um *granadeiro*, o qual existe n'uma rua calçada de *taboas grandes*, cujo quidam é conhecido pelo appellido de *thesouro* fabricado em *Guimarães*, que se deixe de andar falando da vida alheia, pois si continuar terá uma thesoura em recompensa dos seus serviços.

E' pena que não fosse chamado á exposição para mostrar o bonito corte de sua casaca.

1.º ariso.

Parece que o mau fado persegue ao Sr. João Ferreira de Mattos, que tem sido victima de roubos de joias, e por isso o aconselhamos que não empregue sua fortuna, que tanto lhe tem custado a ganhar, em semelhantes objectos; pois já em 1856 sendo caixeiro de D. G. Bello, no mesmo dia, segundo dizem, em que morrera aquelle Sr. Bello, penetrou no escriptorio do finado um ratoneiro e delle tirou umas joias, que ahi estavam depositadas no valor, segundo dizem, de oito contos de reis e até hoje não teem apparecido.

Deus permitta que desta vez não aconteça o mesmo.

## ANNUNCIOS.

Existe na rua Direita de Palacio, casa n. 39, uma carta contendo 177080 rs. para o Sr. capitão Ataliba.

Typ. de Marques, Aristides e C.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 71.<sup>a</sup>

SABBADO 22 DE OUTUBRO.

Ns. 707—708.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
21 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que dê suas providencias, afim de fazer cessar a graça de certos individuos, moradores do Caes Dourado, os quaes deitam phosphoros e traques de massa fulminante nos trilhos de ferro da companhia de Vehiculos, o que faz que os burros se espantem e saiam fora dos mesmos.

Ora, podendo essa graça trazer alguma desgraça, pede-se a S. S. que empregue os meios a seu alcance, afim de fazer cessar tão abusivo procedimento de quem quer que seja.

Espera-se.

—Começaram hontem as novenas do Senhor dos Afflictos em sua capella.

A Sagrada Imagem ficará no corpo da igreja até o dia da festa.

—A concurrencia dos fieis deve ser immensa pela muita devoção que todos tributam ao Senhor dos Afflictos, e tambem porque depois de render graças ao Altissimo, ha o recreio de um aprasivel passeio por aquelle logar.

—Ha amanhan no Passeio publico uma festa, cujo fim encerra duas idéas grandiosas e sublimes—socorrer a orphãos e libertar a escravos.

Só ha um bem que não se extingue; que acompanha a creatura na vida e na morte; na vida, amparando-a em todos os lances, defendendo-a de todos os perigos, dirigindo-a a través de todos os escolhos; na morte, consolando-a durante as dôres, sustentando-a na agonia e abrindo-lhe afinal as portas do ceu para offerecer-lhe a bemaventurança.

E esse bem é a charidade.

E a charidade não pode ser mais nobremente praticada do que socorrendo aos orphãos d'aquelles que morreram pela gloria da patria,

e concorrendo para a emancipação do homem escravo.

Dizer um individuo, «homem, meu semelhante, tú és meu escravo, é um absurdo na bocca de um homem, é um perjurio e uma blasphemia na bocca de um christão.»

—Isto desacredita a religião augusta que professamos.

—Não pode haver nada mais ridiculo.

—Um velho, maltrapilho, de chinellos, com uma opa esfarrapada nos hombros e uma estampa na mão a correr peçala com os moleques!

—Dizem uns que é crioulo, outros que é africano; tira esmola para S. Francisco de Paula.

—Os moleques acenam-no chamando-o de *capa d'algodão, rato da privada, funit do alambique* e elle retribue-lhes com pedradas e dá noticias, em termos bem expressivos, dos ventres das mães dos mesmos.

—Não se pode levar mais alto o esearneo pelas doutrinas, que ensinou o Divino Mestre.

—O *lucri bonum*, espalha pelas ruas esse bando de esmoleres, immundos, descalços, ebrios, offerecendo um quadro bem repugnante aos olhos das outras religiões dissidentes.

—E os padres que devem velar pelas regras e preceitos da igreja, não profligam tão escandaloso abuso, porque delle lhes resulta interesse material, sordido, e egoista!

—Comol si o nosso clero quasi que em sua totalidade é ignorante e nullo, incapaz de preencher a alta missão de propagador da fé catholica?

—E a religião de Jesus Christo, cuja sublimidade, não está, por certo, na infallibilidade do papa, mas sim naquelles preceitos do Mestre, que por serem accitos pela razão, nós os julgamos divinos, tem admittido em seu seio essas transacções despresiveis, essas especulações vis e mercenarias, esse spectaculo vergonhoso que tanto a deprecia!

—O Sr. Coutinho foi na segunda-feira assistir o funeral, no Collegio, pelos bravos que



falleceram no campo da batalha, e levava na algibeira 1:600  $\text{R}$  rs.

Mas ao sahir da egreja procurou o dinheiro e deu-se em *branco*.

Um menino que ali estava disse que o dinheiro tinha cahido dentro da egreja e que o tambor Ceciliano o havia apanhado.

Neste sentido, o Sr. Coutinho foi queixar-se á policia e o chefe mandou chamar o tambor, porem este declarou perante a authoridade que nada havia achado; mas, não obstante isso, a casa da mãe do tambor foi corrida e nada se encontrou.

—O que deixa em duvida ter sido elle o escamoteador do dinheiro.

—Mas ainda assim, na duvida, o chefe de policia o quiz mandar para bordo!

—Oh! mas não ha provas de que fosse elle!

—O que não fez por intervir no negocio o capitão Marques Porto.

—O tambor acha-se recolhido á cadeia da Correção, á disposição da policia.

—E á ella cumpre descobrir o verdadeiro escamoteador.

— Veremos.

—Capitão, leia isto.

—Leia V.

«—EXPEDIENTE.—*Requerimentos despachados pela presidencia no dia 15 do corrente.*

«Francisco Antonio de Magalhães Carvalho; pedindo que a presidencia mande desembarcar do vapor *Marcilio Dias*, seu escravo de nome Cosme, que fugira de seu poder, e assentara praça com o nome supposto de Manuel José, no batalhão de voluntarios Princeza Leopoldina, ora no 2.º batalhão de infantaria. —Esta presidencia não pode tomar deliberação alguma sobre objecto affecto ao governo imperial, e menos tirar de um corpo regular de 1.ª linha que segue para outra provincia qualquer soldado.»

—O cidadão é livre enquanto não vae preso; é o mesmo—só se tem direito de propriedade em quanto não se trata com o governo.

Um homem reclama o que lhe pertence, e o delegado do governo imperial responde que não se mette nos negocios deste! Então si não é reparar qualquer injustiça, o que vem cá fazer?

—O acertado era satisfazer o valor do escravo, minorando assim a sorte do infeliz, o que seria uma recompensa ao valor e patriotismo do mesmo.

—De maneira que quem soffrer em seu direito e não tiver posses para mandar reclamar na côrte, ha de ficar prejudicado, porque o presidente, delegado do governo, não se julga

authorisado a fazer justiça! Esta é de eterna memorial

—E noto outra falta de fé da parte do governo.

—Cosme, com o nome de Manuel José, assentou praça no batalhão Princeza Leopoldina como *voluntario da patria*, como é que hoje se acha com praça na primeira linha?

Seria isso o que prometeu o governo no decreto convocando voluntarios?

—Foi uma traição.

Como estes houveram muitos; no 14 ha uns poucos.

—Que diabo de procedimento brutal e incivil!

—E estes factos a darem-se constantemente!

—Como se enxovalha assim uma classe, como se humilha e ludibria por esta forma a dignidade de um homem!

—Não tem qualificação.

—Si o soldado desobedeceu, offendeu ao Sr. capitão Freire, prendesse-o, fizesse o punir pelas leis militares, mas não o esbofetiasse publicamente na rua.

Lê-se no *Jornal do Commercio* de 23:

A PRIMEIRA VICTIMA.—Uma carta de Neederbronn diz o seguinte: «O primeiro encontro com o inimigo deu-se nas visinhanças d'esta localidade.

«Sabeis quem foi a primeira victima das balas prussianas? Uma pobre menina de 2 annos de idade, que brincava tranquillamente junto de uma cerca.»

—Meu Deus, que impiedade!

Ninguem sabe o que ha de passar ainda depois de morto!

—V. perdeu o juizo? Que arranco foi este seu?

—Olhe para aquella janella e pasme como eu.

—O que ha?

—Pois não vê que a vidraça levantada da janella d'aquelle sobrado é sustida por um osso humano?

—E' verdade; é um tibio humana.

—Perante a religião, perante a charidade ebristan, perante o respeito devido aos que não são mais deste mundo, não será aquillo um escarneo, uma mofa, uma zombaria?

—Um sacrilegio.

—E o dono daquella casa, que serve-se de um fragmento do corpo de um seu semelhante para d'elle fazer encosto de sua janella, não se lembra que um dia, por muito *bom fim* que tenha, ha de inevitavelmente reduzir-se



tambem á igual estado e que então, quem sabe?.....

—Incomprehensíveis são os designios de Deus!.....

A creatura, a quem pertenceu aquelle resto humano quantas vezes passaria aqui pelo Cruzeiro..... olhando para aquella casa, pensaria nunca que uma parte de seu corpo, um dia, havia de vir a ser descanso de uma janella?.....

—A policia armada é provocante.

—As vezes.

—Tire a consequencia por aqui.

Ha dias subia o Taboão uma mulher trazendo á cabeça um taboleiro com pratos. De uma casa atiraram sobre o taboleiro uma grande pedra que não só fez os pratos em migalhas, como offendeu a conductora. Em seguida sahiram da mencionada casa dous agentes policiaes.

Testimunhado o caso, e chamadas as moradores á presença do subdelegado, declararam que um sargento e um guarda de policia que se achavam de patrulha (!) entrando em sua casa, foram que, por graça, atiraram a pedra na mulher.

—Decididamente esta policia precisa muito de ser policiada.

—A tropa não tem recebido soldo?

—Aqui na provincia?

—Sim.

—Tem; pois não.

—Mas eu conheço uma praça que está por ver seu dinheiro.

—Não diga.

—Um rapaz que assentou praça, mas não sendo apto, teve baixa; serviu dous mezes e tem ido receber o tempo que serviu, mas não lhe dão.

—Elle que vá ao commandante das armas, que immediatamente ha de mandar que seja pago.

## A PEDIDO

—Os larapicos não encontram obstaculos em suas correrias.

—E por isso com pasmosa audacia, e sem o menor receio praticam dentro da cidade, ás barbas da policia, toda sorte de latrocinios.

—Ninguem pode contar seguro o que é seu.

—Um dia por outro amanhece uma venda roubada, uma casa saqueada, um escriptorio arrombado, uma propriedade invadida.

—Até não se pode contar com o que se traz o bolso, porque a industria dos *golpistas*

tem ultimamente se desenvolvido admiravelmente.

—Vae a terra n'um estado deploravel; o crime recrudesce e os meios de repressão tornam-se impotentes.

—Ouça uma recente que fizeram.

—Estou ouvindo.

—Seientes os ladrões de que Domingos da Silva Pereira, morador á ladeira da Prata, tinha feito uma viagem de tres dias á Matta de S. João, deram-lhe em casa pelos fundos, na noite de 15 para 16.

—Que graça!

—Arrombaram a propriedade, entraram, remexeram tudo e levaram diversas peças de roupa e 80\$ rs. em dinheiro que encontraram.

—Foi bom não acharem mais.

—Havia na casa uma preta de nome Angelica que foi intimidada para não gritar: e em quanto dous farejavam a casa, um ame-drontava-a por meio de ameaças.

—E ataca-se assim, desassombradamente, a propriedade alheia, no meio da cidade, á vista de uma policia vigilante e energica!

—Recalhem suspeitas sobre tres individuos, um tal Gregorio, um Manuel e um Ave-liño; mas eu creio que quem perdeu, perdeu.

## As queixas de um bardo.

Que vida tristonha, que pranto sentido  
Dos olhos cahidos do pobre cantor;  
Armia! oh! Armia! vem dar-me esp'rança  
D'ainda algum dia me dares amor!

Não sejas cruenta p'ra o bardo queixoso,  
Que triste no ermo só vive chorando:  
Da lyra sonora vem meiga escutar,  
Armia! Armia! teu nome chamando.

E a lua risonha lá surge dos montes,  
Querendo habitar-se na vasta soidão,  
E eu triste queixoso já vou me affastando  
Pensando nas amarguras de meu coração.

Deixando-te em paga de tua esquivança  
Minha harpa, coitada! no bosque frondoso,  
Por sarças agrestes, meu echo se ouviu:  
Adeus, minha Armia, eu parto saudoso.

Marcos José de Souza Filho.

—Capitão, feitos da vida de *Bitta e corte*.

—Que diabo de nome estrambolico é um?

—Nome indigena do paiz de tratantopolis, adoptado pelo nosso heroe.

—Está bem, siga o carro.

—*Bitta e corte* é um perdulario; em pouco tempo esbanjou a herança paterna e ficou reduzido á simples expressão de tres pequenos predios na moenda da Conceição, e desses mesmos hypothecou logo um, no qual gyra-



va com negocio um sujeito de nome *Mão de onça*.

*Bitta e corte* por seu genio prodigo tem dado em pantanas com todo o negocio em que se tem mettido.

Ultimamente bifou da propria mãe uns 4:000\$ rs., com os quaes andou atamaneando alguns furos em sua vida cheia de brocas.

A casa em que o *Mão de onça* tem negocio, quando para ella entrou, encontrou-a inteiramente estragada, em estado de nenhum valor ter. Concertou-a e reparou-a á sua custa, deitando forro, cimentando, fez repartimentos, atterrou o pavimento e em tudo isso gastou perto de 1:000\$ rs.

Vendo *Bitta e corte* o excellente estado em que *Mão de onça* lhe pôz a casa, ideiou um estratagemia para usu-fruir aquellas bemfeitorias. Foi propôr ao homem a compra do negocio que tinha na casa e este accede; isto é, bemfeitorias e utensís por 450\$ rs., porem *Bitta e corte* fallava em tudo menos em dinheiro.

Decorreram muitos dias e nada de apparecer a *herua*, porque *Bitta e corte* não acha quem fie d'elle mais um vintem; e até a sua propria dulcinéa, a quem pediu umas joias para empenhar, negou-lhe, no que fez muito bem.

Com todo o cynismo, *Bitta e corte* chama um balanceador e se apresenta na venda para dar balanço em occasião em que *Mão de onça* não estava. O caixeiro oppõe-se, e diz-lhe que vá primeiro entender-se com seu amo.

Vendo burlado o plano, *Bitta e corte* vae propôr á *Mão de onça*, que dado o balanço, o embolsaria em tres pagamentos de oito em oito dias, que era o mesmo que dizer —tarde, mal e nunca.

Não concordando *Mão de onça* com a negociada, *Bitta e corte* manda citar o homem para mudar-se em 24 horas ou pagar-lhe 60\$ rs. mensaes, quando o aluguel até agora era 16\$ rs.

—Arre! é inexequível!

Em tratadas é *valentinho* o tal *Bitta e corte*.

—E tem a cara dura como uma *rocha*.

### A beata.

Mais medo ainda que um raio  
A mulher deve causar,  
Quando mettida á beata  
Só vive a se confessar.

Nos pés de um frade prostrada,  
Sempre nos peitos battendo,  
Ella vae encapotada  
Suas proezas fazendo.

Depois que o mundo a deixou

Tornou-se medianeira,  
Para o centro das familias  
Da deshonra mensageira.

Refalsada hypocrisia  
Traz no semblante pintada,  
Oh! e que typo de horror  
E' a mulher confessada!

Carregada de rosarios  
Com a santa religião,  
Faz de Deus e de seus santos  
Capa da prostituição.

*Ave Maria*, diz ella,  
*Cheia de graça* aqui estou,  
Receba este bilhetinho,  
Que aquelle moço mandou.

E vae levando recados  
Quantos lhe mandaram dar,  
P'ra sua vida beata  
*Honradamente* passar.

Ai da casa em que pisar  
Uma beata mulher,  
Da donzella e da casada  
Faz ella sempre o que quer.

E si accaso fôr mandada  
Pelo seu bom confessor,  
Então a mestra executa  
Secretos planos de amor.

E ha nesta boa terra  
Paes de familia palhaços,  
Religiosos de borra,  
Que amam a frades devassos.

Fiquem pois sabendo todos,  
A casa que fôr honrada,  
Não tem entrada de certo  
Uma mulher confessada.

E muito menos aquelle  
Que fôr o seu confessor;  
Aonde existir um frade  
Não ha honra, nem pudor.

—Sra. Petronilha, quem lhe disse que o menino era da misericórdia?

Que gosto seu de viver feito correio de novidades!

Acha bonito esse officio de *leva e traz*?

Cuide na sua vida que não faz tão pouco, pois que ella tem bem de que cuidar.

Veja que quem tem a lingua muito solta, mais tarde ou mais cedo cahe n'alguma de que não se pode safar com muita facilidade.

—Que fazem aquelles quatro frades, de continuo na portaria, acenando para a visinhança. Estarão namorando?

—Não, que todos elles são paes de familia e quem tem telhado de vidro não atira pedras no alheio.



—A Felippa diz que elles estão ali para atravessarem as missas o não as deixar chegar ao prelado.

—Pois eu digo que esses corruptores estão perturbando o socego de certa familia, e os recommendo ao seu superior que lhes faça sentir que a porta não é o côro para as orações, e nem a morada de frades; e si ainda não se emendarem publicarei seus nomes e a escandalosa chronica desses religiosos só no habito.

Sr. redactor.—Lendo no seu periodico de 15 do corrente uma noticia a respeito de ser vedada a entrada de V. nesta cadeia, quando existiam outras pessoas do lado de dentro—informo-lhe, como administrador d'ella, que segundo as ordens emanadas do Illm. Sr. Dr. chefe de policia não se pode aqui entrar para fallar aos presos, senão em horas determinadas—como sejam das 10 ás 12 e das 2 ás 5 da tarde, fóra das quaes não devem haver preferencias, e somente ser permittida a entrada ás pessoas que vierem tratar comigo ou com o ajudante: sendo tudo quanto fôr praticado em contrario, abuso da parte do official commandante da guarda. Bahia e cadeia da Correcção 18 de outubro de 1870.

*Custodio Ferreira d'Oliveira,*  
administrador-carcereiro.

### São coisus.

N'este seculo tam prosaico,  
N'esta terra da Bahia,  
Sem namoros, sem enredos,  
Sem facadas, sem folia,  
Não se pode fazer versos,  
Dar-se a gente a poesia.

Nella, por mais que procure,  
Não descubro inspiração,  
Vejo os monturos de lixo,  
Pelas ruas em porção,  
As carroças do Antoninho,  
Unidas em pelotão.

Vejo o povo sem ter carne,  
Sem ter farinha, chorando,  
A cachaça, oh meus peccados,  
Seu preço vai augmentando,  
Nem ella, ao menos, nem ella,  
P'ra gente ir consolando.

Vejo a côrte em reboliço,  
Os deputados brincando,  
Os ministros sem prestigio,  
O senado vadiando;  
E o sexo qu'ostenta as graças,  
Aqui e alli cabalando.

Vejo miseria e yilzas,

Vejo fome, crimes, dores;  
Hoja não ha poesia,  
Tudo é prosa e prosadores;  
Não enhergo n'esta terra.  
Nem ceu d'estrellas, nem flores.

—Na noite de 13 foram tres philarmonicas tocar no theatro para mais abrilhantar o espectáculo.

—Foi um passo generoso e philantropico que faz honra.

—Mas de repente recebo pelo cabo sub-marino a noticia de que uma dellas que habitam atraz do *Vigario do Christo*, tinha ido ensaiar.

—Ora essa é boa! Não como disso.

—Dizem que foi certo.

—O caso é outro, rapaz, o orgulho e a vaidade são sempre humilhados.

### Motte.

*Certa moça se gabou  
De ter uma linda mão;  
Espiei, e vi-lhe as luras  
Todas sujas de feijão.*

### GLOZA.

Todos querem ser perfeitos  
Mesmo contra a natureza,  
Querem ter dom da belleza  
Tendo para o feio geito,  
Eu, sim, estou satisfeito  
Como o mundo me creou,  
Porque si o feio deixou  
De gozar prazer profundo,  
De ser linda cá no mundo  
*Certa moça se gabou.*

Era com effeito bella.  
Não poder deixar de amar;  
Mas vim a me desgostar  
De uma cousa que vi nella...  
Ciumenta na canella  
Maltratou meu coração.  
Quiz me dar um bofetão,  
No meu rosto tão estreito;  
Gabou-se, pois, com tal geito  
*De ter uma linda mão.*

Sagaz, ladino e matreiro  
Fugi do tal bofetão  
Para eu dar-lhe um cachação  
Passaria por bregeiro...  
Puz-me então a pé ligeiro  
Bem como a rapoza ás uvas;  
Si apanhei grossas chuvas,  
Isso é segredo, não digo;  
N'outro dia, no postigo  
*Espiei e vi-lhe as luras.*

O que pois fazer agora?  
Disse eu por cassuada:



Aquella luva manchada  
 Vou tirar d'ali p'ra fora...  
 Nisso ella grita e chora...  
 Seu patife! cachorrão!  
 Corri, com as luvas na mão,  
 Desprezei a minha bella  
 Porque vi as luvas della  
*Todas sujas de feijão.*

### Motte

DO FIDALGO BURRO GLOZADO PELO TARECO.

*Cazamento é bom bocado.*

As mulheres lá da aldeia  
 Só comiam chifre assado,  
 Dizia o vigário ao povo  
 Cazamento é bom bocado.

Dão por dote os sertanejos  
 Fazendas, campos sem gato,  
 Quem dirá, com tal calote  
 Cazamento é bom bocado?

Sonho as vezes com as meninas,  
 Acordo de beijo enchado,  
 P'ra quem tem fome canina  
 Cazamento é bom bocado.

A sallada é bom petisco  
 Comida com porco assado:  
 Panella sem tampa hé taxo  
 Cazamento é bom bocado.

Quando a moça é bemfeitinha  
 E tem seu peito empinado,  
 He pudim do paraizo  
 Cazamento é bom bocado.

## VARIÉDADES.

### Infelicidades de um funileiro.

(CASO PARA SER LIDO PELOS COLLEGAS.)

Ha aqui na minha visinhança um rapaz que está louco varrido. Foi o caso:

Chama-se o meu visinho Adão de Mattos: é funileiro de profissão, e poeta por natureza, isto diz elle.

Pois o meu Adão, tomou ha tempos uma paixão desencabrestada, que lhe desarranjou a bola de uma vez, e deu-lhe com os funís em papos de aranha.

O rapaz, depois de trabalhar assiduamente, e por muito tempo, em obras de folha de Flandres, largou-se um domingo de tarde a passear pelos arrabaldes, tendo o cuidado em pôr o seu chili novo, gravata vermelha e vestir costume de ganga amarella.

Toda a gente o via passar e dizia:

—Como vae *chic* o Adão!

Então! o Adão, quando se aceia, não é um janota?!

Até umas pretas largaram esta:

—Como vae bonito, nhô Adão; não ha moça que lhe resista!

Adão ouvia estas cousas, fazia-se vermelho e erguia a cabeça como perú, quando se enfeitava.

Mal tinha elle caminhado uns viote minutos, quando viu á porta de certa chacara, uma moçoila que o contemplava, talvez pela exquisitez delle ou dos habitos, mas nunca pelos seus encantos. Adão é muito mais seio que as pinturas do diabo.

Mas que querem! O rapaz, que vinha soprado de traz, vendo a moçoila olhal-o tão atenta, suppoz-se amado, ou cousa assim.

Foi adiante, voltou de novo, tornou a passar, e o accaso permittiu que, só ou acompanhada, a moça permanecesse na porta.

Ao anoutecer, Adão recolheu-se á funilaria e vinha assobiando forte. O amor é um bregeiro!

Entrado que foi, tirou o fardamento rico, metteu-se em chinellos e sentou-se em uma canastra.

Esteve assim meditando algum tempo, até que de repente ergueu-se, como illuminado pelo fogo de uma queimada.

Era o diabo que lhe havia entrado no casco. Nascera-lhe a mania da versalhada. Adeus, funís! Vamos ver o que elle escreveu:

Eu passeiava esta tarde  
 Sósinho e desprevenido,  
 E vi então lindo anjo  
 Que me deixou bem doído.

Não sei o que sinto n'alma,  
 São nuvens negras, talvez!  
 Vestidas de azas brancas,  
 Dançando o solo inglez.

Oh! que paixão furiosa,  
 Oh! fogo que tanto abraza,  
 Pareço uma borboleta  
 Que á vella queimou as azas.

A' meia noite tinha elle concluido a obra que ahi fica, e foi deitar-se, sem tomar chá!

Não pôde dormir;—amor ou pulgas—co-michavam-lhe o corpo por tal forma, que ás quatro da manhan estava vestindo o fardamento *chic* e enveredando para os lados, onde habitava a menina.

Chegado lá, sacou da algibeira a versalhada e enfiou-a por baixo da porta. O diabo, porem, perseguia-o. Um cachorro que guardava a chacara, ouvindo bolir na porta, pulou o vallo e veio grudar-se de rijo n'uma das gambias do Sr. Adão, que lh'a deixou esbaldalhada, afora o prejuizo do *toilette*.

Voltou, pois, mancando para casa. Quando chegou estava clareando. Fez café, tomou



meia chicara e foi botar um *fundo novo* n'uma *panella velha*.

Pobre Adão!

Cumpro dizer que o infeliz apaixonado cortou folha tres vezes e não acertava em fazer *fundo* quo servisse; afinal desistiu da obra e sentou-se a um canto da tenda, a suspirar.

Passou assim o dia, tão triste e abatido, que a Sra. Escholastica, sua engommadeira, ao vel-o, não pôde deixar de exclamar:

—Eh! meu rico Sr. Adão! está com hexiga?

—Cousa peor, tia Escholastica; estou com o coração mais amolgado que aquella chaleira velha!

—Que me diz, menino?

—E' isto. Estou apaixonado. Você quer ver, até já fiz estes versos. E leu a conhecida *versalhada*.

A velha achou a cousa succulenta e disse: —que menino de tanto talento, estava deslocado na funilaria!

Adão meditou no caso, e teve pejo da profissão. Levantou se, deu um pontapé em dous regadores e fez voar a armação de uma lanterna.

Tia Escholastica acreditou o rapaz desmantelado do juizo e pôz se *ao fresco*, antes que elle a reduzisse á solda.

E' escusado accrescentar se que a velhota foi logo boquejando pela rua, que Adão estava louco varrido. Este, porem, continuava a dar passeios pelos arrabaldes, sem conseguir lobrigar o objecto de seus desatinos.

Os freguezes começaram a abandonal-o. Em vez de ouvir-se o *macête* a dar forma á folha, distinguiu-se um sussurro de uma pena percorrendo em papel de linho, e umas vozes declamatorias. Estava o rapaz grudado ás muzzas, a descascar versos.

Um dia, desacoroçoado de não ver a sua *ella*, lembrou-se de estampar nas folhas as suas *elocubrações*. Assim chegariam ás suas mãos e fariam talvez milagre. Em certo domingo, pois, a *Opinião Publica* dava publicidade aos

#### *Canticos amargos.*

Amar com tanto fogo  
Ser tão sincero este amor  
E viver sempre entre penas  
O desconhecido cantor.

Eu tenho por uns olhinhos  
No peito recaldada  
Uma paixão immensa  
E muito desgraçada.

Oh ceus!—eu sou mortal  
Mas si o não fosse eu creio  
Que amor tão virulento,  
Não brotava cá no seio.

Eu tenho fortes iras  
De comprar um punhal  
E fogo—zás—no peito  
E morrer como animal.

O publico leu esta e outras *marmelladas*, riu a perder-se e debicon o vate afunilado, de uma maneira desapiedada. Adão ouvia as *satyras*, chamava aos que criticos—invejosos—e ia largando novas *méchas*.

Afinal, parece que, um parente da menina, veio a saber que Adão fazia constar que tanta *versalhada*, dirigia-se a ella. Não gostou o homem da conversa, e, em logar apropriado, socou esmeradamente os poeticos queixos do vate, deixando-lhes desnorteado de uma vez. O rapaz quiz suicidar-se; mas por conselhos de tia Escholastica, mudou de plano; atirou com os petrechos *calligraphicos* ao vento, incendiou as trovas e voltou á funilaria.

Mas, pobre rapaz! não faz mais obra que preste.

Passa o dia a cantar uma trova, que diz assim:

Não nasci pr'a funileiro  
Mas o meu fado infeliz  
E' que me pôz nesta vida  
A sempre fazer funís.

Ai, ella! ella! ella!  
Como era bella!

Depois enfia um assobio longo, que não acaba mais. e volta a cantar a mesma trova.

Está ha um anno neste gosto. Tia Escholastica já disse:

—Este Adão foi banido do Paraizo!

Quando os rapazes lhe passam pela porta e dizem:

—Oh, Adão! não publicas mais versos?

—Vão para o diabo que os carregue! responde elle, e enfia de novo o assobio.

Do exposto conclue-se, pois, que:—entre amor, funís e versos não pode haver harmonia!

Limeira — 1870.

G.

#### **As obras de Misericordia**

AS SETE CORPORAES

Tem quem pode, obrigação  
De justiça e caridade,  
Remir a necessidade  
Do faminto seu irmão.  
E' obra de misericordia  
Dar agua a quem sede tem,  
Pelo amor do Summo Bem  
Para ser mais preciosa.  
Quem por amor de Deus dá



Com que se vista o despido,  
No outro mundo vestido  
Da eterna gloria será.

Quem visita ao encarcerado,  
E ao enfermo seu irmão,  
Com eterno galardão  
Ha de ser remunerado.

A pia hospitalidade  
Que se dá ao peregrino,  
Tem premio do Rei Divino  
No tempo e na eternidade.

Premio de immeuso valor  
Dá Deus aos caritativos,  
Que resgatam os captivos  
De quem se diz seu senhor.

Dar aos mortos sepultura  
Obra é pia corporal,  
Que dispõe o racional  
A vida eterna futura,

#### AS SETE ESPIRITUAES

Dar bom conselho contém  
Duplicada utilidade  
Dá a outrem felicidade  
E a si proprio grande bem  
Ignorantes ensinar,  
E' obra a Deus bem aceita,  
Mas p'ra ser mais perfeita  
Deve, como ensina, obrar.

Consolar os affligidos,  
Tristes e desconsolados,  
Faz que os que forem chamados  
Sejam tambem escolhidos.

Os erros dissimular  
E' cousa de caridade,  
Sendo obra da pidade  
Aos que erram castigar.

Quem injurias perdoar  
Compassiva a seu irmão,  
Das suas culpas perdão  
De Deus ha de alcançar.

E' obra muito excellente  
Reprimir a natureza  
E supportar a fraqueza  
Do proximo humildemente.

Não ignores os motivos  
Que tens de amar ao Senhor  
E rogar-lhe com fervor  
Pelos vivos e defunctos.

#### Pensamentos.

O povo livre pode levantar sua voz com energia contra todo o genero de abuzos, em particular contra os vicios, de que adoecem esses onerosos systemas tributarios, que gravitam e tem gravitado sempre sobre os tra-

balhadores para enriquecer mandriões d'alta pida.

Os povos bem governados, os povos que prosperam, e são livres sob o amparo de sabias e proctetores leis, nunca se lançam a insensatas commoções.

O governo, e so o governo é sempre o culpavel das revoltas. Onde se governa bem o povo obedece, e abençoa as authoridades que vigiam pela sua prosperidade.

E' inegavel o santo direito, que tem os povos para se rebellarem contra seus oppressores; porque quando as nações se alçam em massa para castigar a insolentes despotas, exercem um acto do sua justiça soberana.

Bem digam os povos aos bons governantes, mas os tyrannos devem ser submergidos no abysmo.

Não pode haver justiça, onde se antepoem o espirito de partido á santidade das leis.

## ANNUNCIOS.

### A VIVANDEIRA

Antiga e muito acreditada padaria, á travessa da rua da Valla, avisa os seus freguezes que continua a vender os seus afamados bolaxões fabricados pelo Sr. Augusto José Chaves; e assim tambem todas as qualidades de massas, doces seccos para chá, assucar de todas as qualidades, café puro, muito bom vinho Figueira, dito do Porto fino engarrado, dito de Bordeaux, dito branco; gaz em garrafas e latas pelo mesmo preço porque se vende na cidade baixa; charutos de todas as qualidades, em caixas e a retalho, cigarros finos e grossos da fabrica de Leite & Alves, e muitos outros artigos que tudo se vende pelo menor preço de outra qualquer parte.

O Sr. Justino Gustavo Dourado tem uma carta no Maciel de cima n. 26 com 14\$340 rs. para receber.

O Sr. Eustaquio da Cruz Rebouças, tem uma carta no Maciel de cima n. 26, contendo 6\$407 para ser entregue ao mesmo em mão propria.

A' baixa de Sapateiros casa n. 9, se vende fubá de milho muito bom, a 7\$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5\$500 rs.

### Atenção.

Na tulha de Amancio Luiz da França, de frente da egreja d'Ajuda, vende-se farinha, milho, feijão, tapioca, gaz, charutos, tudo de primeira qualidade e por preço commodo.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 71.ª

TERÇA-FEIRA 25 DE OUTUBRO.

N. 709.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.5 rs. por serie de 10 numeros; 5.5 rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
24 de outubro de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, pedindo-lhe providencias sobre o estado deploravel, em que se acha a ladeira do Porto do Bomfim, visto como os moradores d'aquelle logar tambem pagam decimas urbanas, impostos pessoas, etc., etc., alem de que approxima-se o tempo da festa em que muitas familias vão para ali tomar seu *regabose*. A' vista pois do exposto, espera-se ser attendido.

—Capitão, contaram-me este facto, que á ser exacto, é clamoroso.

Maria Clara da Natividade é uma pobre mulher, a qual tem duas filhas honestas, Maria Valeria da Conceição e Clara Amazilia Ferreira de Sant'Anna.

Vivem modestamente do seu trabalho.

—Fazem muito bem; o trabalho é o contra-veneno do vicio; é o instrumento da felicidade.

—Dão-se á industria de fabricar charutos; sahêm de madrugada e entram á noite.

—E a tranquillidade de espirito deve existir nesse laborisso lar, porque o pão que as alimenta não é de origem impura; não provem do ganho mercenario oriundo do vicio.

—Menos agora, que reina consternação.

—O que aconteceu?

—Eu lhe digo.

Na noite de 15 para 16 apedrejaram e arrombaram a casa de Domingos da Silva Pereira, morador á ladeira da Prata; como Maria da Natividade habita na vizinhança, foi chamada á policia para depor á respeito. Respondendo que nada vira, nem sabia e somente ouvira as pedradas, foi por isso mandada metter na Correção, á pretexto de occultar a verdade!

—Quem lhe contou é pessoa que mereça fe?

—Para mim toda.

—Oh, meu Deus, porque se ha de massacrar assim o fraco!

—Veja V. Ex. quão doloroso não deve ser para duas filhas honestas, pobres como Job, impossibilitadas de andar na rua, vendo sua mãe aferrolhada n'uma masmorra, sem ellas ao menos lhe poder ir levar o sustento.

—Veja, capitão, si os soldados de policia não são provocantes,

—Deixe os homens.

—São cousas que não devem passar despercebidas.

—Si seu mal é este, falle.

—Domingo de tarde dous inglezes brigaram na rua do Collegio.

A rua ficou logo cheia de gente curiosa de ver os dous *godemes* refrescarem-se de soccos.

Acabado o barulho, appareceram seis ou oito policiaes.

—Tardaram, mas não faltaram.

—Entre os que presenciavam o facto havia uma mulher, parda, bem trajada, a qual vendo passar um empregado da typographia onde se imprime o *Alabama*, disse-lhe: «si «V. vem mais cedo, via um caso bom para bo-  
«tar no *Alabama*.»

Um dos policiaes ouvindo pronunciar semelhante nome encaminhou-se para o grupo onde estava a mulher e arrogantemente interrogou:

«—Quem fallou aqui em *Alabama*?

Responderam-lhe:

«—Foi esta mulher.

O pacifico agente da ordem e segurança publica, retorquiu:

«—E ella aguenta uma chibatada?

—E esta! Si ha alguma interdicção contra o humilde navio, é preciso que o Sr. Dr. chefe de policia mande publicar, para mudar-se-lhe o titulo.

—O facto passou-se á vista de mais de vinte pessoas.

—Vamos bem!

Já se promette chibata á uma pessoa livre



pelo crime imperdoavel de pronunciar—*Alabama*.

—A pressa é inimiga da perfeição.

—As vezes, quando se pensa que atalha, rodeia-se.

—Foi o que aconteceu a um pobre moço, no domingo ás 8 horas da noite.

Por ter pressa ia ficando esmagado por um carro dos Trilhos Urbanos.

—Santa Maria, mãe de graçal

—Vindo de passagem para a cidade, ao chegar o vehiculo no ponto, antes que parasse, saltou pelo lado da frente, tropeçou e cahiu sobre o trilho; uma das rodas do carro passou-lhe por cima de uma perna e fracturou-a, ficando além d'isso maltractadissimo.

—Já se tem dado tantos casos desta ordem e assim mesmo ainda ha quem imprudentemente se arrisque a ser victima de tão tristes consequencias.

—Dizem que ha praças do 14 que não sahem á rua por não ter o que calçar.

—Como se explica isso?

—Dizem que ha mais de tres mezes está vencido o tempo de receberem os soldados sapatos, o que até hoje não se tem feito, de sorte que muitos estão em guerra com as pedras da rua e são occupados em fazer unicamente o serviço do quartel.

—E' extraordinariamente admiravel!

Pois a nação está em semelhante estado de indigencia!

—Accrescentam que ainda que essas praças queiram comprar calçado á sua custa, não podem, porque não recebem soldo em dia; andam sempre atrazados.

—Em toda parte é assim! Os que mais servem são sempre os menos remunerados. O soldado que affronta o perigo tão mal pago! Para os trabalhos elles, para os gozos os felizes.

—Afirmam que S. Pedro quando andou no mundo dissera que todos comeriam nas costas do soldado e parece que a prophecia realisa-se, sinão no todo, em parte.

—Capitão, na sexta-feira, ás 5 horas da tarde, ao subir á cavallo a ladeira da Fonte dos Padres o Dr. Liberato de Mattos Filho ia sendo victima de uma lamentavel catastrophe.

—O que foi?

—Vinha o *bond* da companhia de Vehiculos e o Dr. Liberato procurou desviar-se, porem pela grande ingremidade do principio da ladeira, o animal cahiu, jogando com elle junto dos trilhos, no momento em que passava o *bond*; por milagre de Deus não ficou

—Aquella volta estreita da rua do Julião para a do Commercio, com os taes *bonds*, em ruas tão transitadas como essas, queira Deus, não tenhamos alguma desgraça a lastimar.

—Nesse caso bom será prevenir-se o mal, que possa acontecer.

—Lá isso toca a quem competir providenciar.

—Capitão, ha tres dias seriam pouco mais ou menos sete horas e meia da manhan, passando eu pelo largo Dous de Julho, vi que varias pessoas dirigiam-se para o chafariz situado no centro d'aquelle largo.

—V. que se assemelha á uma mulher em curiosidade, dirigiu-se tambem, não?

—Advinhou.

—E o que era?

—Era o guarda do chafariz que espancava uma preta africana, escrava do Dr. Coutinho.

—Bom.

E a razão d'esse procedimento?

—Ignoro; mas me disseram que não é esta a primeira vez que elle assim pratica.

—Quem sabe tambem o que foi que elle soffreu e por isso procedeu assim? Estas pretas africanas são muito atrevidas.

—Em todo caso entendo que o portuguez, guarda do chafariz, não devia espancal a.

—Que nos importa isso? Por lá se avnham.

—Eu agouco muito este trilho de ferro do Bomfim a Itapagipe.

—Porque?

—Os *bonds* puchados á vapor e passando sobre um estreito monte de areia que fizeram no Travasso, pode dar em algum resultado funesto.

—V. sempre apparece com invenções!

—Invenção ou não, no domingo o vapor sahiu fora do trilho, e ficou com uma das rodas enterrada na areia, levando-se um tempo immenso para desenterrar o *bicho*.

—Mas os passageiros não foram prejudicados com isso?

—Não; os *bonds* d'ahi em diante foram puchados a burros; mas ainda assim um d'elles sahiu tambem fora do trilho, no largo da Madragôa, e uma moça que ia dentro, querendo saltar, com medo da *droga*, precipitou-se por terra.

—Isso não vale nada, são pequenas niuharias.

—Capitão, estou de bocca aberta.

—Tenha sentido; anda muita cousa solta por ahi.

—Como se praticam certas cousas não sei!



—Que cousas?

—Domingo, podiam ser 9 horas da noite, dous soldados de policia apresentaram-se á porta da casa de umas mulheres moradoras á rua do Gravatá, procurando um individuo, á quem o subdelegado de Sant'Anna mandava chamar.

A dona da casa respondeu que tal individuo ali não morava, porem costumava apparecer e assim logo que o visse daria o recado.

Um dos soldados não esteve por conversas, forçou a grade, varou por dentro de casa, correu-a toda e foi até dentro de um quarto, onde uma das moradoras se achava núa tomando banho!

—Que baile, que presepe não seria!

—Que abuso! que escandalo! que violencia! diga V. Ex.

Esses assaltos da policia ao asylo individual, mostram que a lei é manejada com duas faces conforme a posição da pessoa a quem é applicada.

Ja outro dia um sujeito roubou uma venda e foi acoutar-se em casa de uma mulher dessas, que por sua desgraçada condicção tem a porta aberta para todo mundo.

A policia soube e se julgou com poder descrepcionario para, alta noite, varejar-lhe a casa, o que não faria se tivesse de entrar em casa d'algum abastado.

—Encarado pelo lado da egualdade foi realmente um acto illegal e arbitrario.

—Contaram-me que um soldado do 14 levou muita pancada.

—Cousa que lá é poeira.

—E que quem deu foi um sargento.

—Tambem não duvido.

—Dizem que o sargento chama-se Luiz e o soldado Jacques.

• —São cousas, que é preciso averiguar.

—Quadros do captiveiro.

—E' horror, angustia, transe, moitificação e desespero.

—São com effeito qualidades que andam ligadas a misera sorte do escravo.

Mas ouça o que acontece.

Felippe, escravo de João Antonio Sampaio, ha 15 annos andava ausente da casa de seu senhor. Foi preso e encarcerado na Correcção, creio que ha 6 mezes.

Felippe diz que foi guarda nacional de Brotas com o nome de José Luiz e marchou para o sul em uma companhia de zuavos, que antes serviu 5 annos na corveta *Euterpe*.

Hontem, domingo, entrando na latrina deu sobre o ventre tão pequeno golpe, que por elle sahiram lhe os intestinos.

—E' de arrepiar as carnes!

—Diz elle que o que o levou a attentar contra sua existencia, foi seu senhor dizer-lhe no sabbado que o havia de levar para o engenho ainda que fosse amarrado á cauda do cavallo, o que faria logo que sahisse da capital.

—E o infeliz, atterrado pela sorte que o aguardava, quiz, pondo termo á vida, isemptar-se dos castigos.

Oh! escravidão, canero maldicto, quando deixarás de ser origem de tantos horrores!

—O instrumento com que Felippe feriu-se não pode ser conhecido, porque elle atirou-o na cloaca.

Foi conduzido ao hospital de charidade, onde se acha em tratamento.

Hontem fui vel o com um official que esteve no Paraguay; estava um tanto perturbado, mas o official reconheceu serem exactas as respostas que deu sobre] os logares por onde diz, andara.

—Si for exacto, ali está o recente aviso do Sr. Tres Barras a favor do infeliz.

—Parece-nos ter demonstrado ao Sr. Dr. João Victor de Carvalho —que a grammatica pecca em dizer que —*nome é um i voz com que se dam a conhecer as cousas*, o que provamos com alguns factos de João Morén, que essa regra grammatical não é infallivel!

—Mesmo que infallivel neste seculo de luzes somente é o *papa-rei*.

—Pois bem; em vista do que já apresentamos, entendemos ainda sustentar a nossa opinião, citando mais alguns factos do celebre João Morén.

Como já disse, S. João era um todo de bondade, charidade e santidade; mas João Morén é o inverso disso, é um todo de safado, tratante e delapidador dos bens dos orphãos.

João Morén, além de milhares de factos que agora nos escâpam da memoria e mesmo além dos que já citamos, praticou mais os seguintes:

Um tabareu querendo tirar uma licença para cortar madeira de lei, pediu a João Morén para lhe andar com os papeis a esse respeito, e elle exigiu por esse trabalho 300 rs., os quaes lhe foram de prompto entregues.

De facto Morén andou com os papeis, remetteu-os para a côrte de *Latronopolis* e eis que em breve veio o despacho para que o tabareu podesse cortar madeiras.

Ora, havendo chegado o despacho, tudo estava arranjado; porem ainda se tornava preciso uma formalidade, a qual era o visto do governador de *Latronopolis*.

Morén, tratante como sempre soube ser, a-



trabalho, e por isso entendeu que o tabareu lhe havia dar mais 650\$ rs. para prefazer a quantia de 1:000\$ rs.

A' semelhança tratantice de *João Morén*, o homem tirou por fora.

Mas o que havia ideiar elle?

Fez um requerimento e mandou ao governador, dizendo que elle tambem era associado na cortagem das madeiras, fazendo dest'arte com que o governador não deitasse o seu visto, epondo assim embaraço a que o pobre tabareu fosse cortar suas madeiras, meio licito de que lançou mão para prover a sua subsistencia.

—E o governador não pôz o visto na licença?

—Depois do homem replicar muito e metter empenhos para esse fim, unico meio que teve para desatar o nó que elle lhe havia dado.

—Safa! Que excellente personagem perdeu Ponson du Terrail nos *dramas de Paris!*

—Um outro facto ainda lhe vou contar de *João Morén*, com o qual faço por hoje ponto final.

Ha um moleque, escravo, que vende doces, com quem elle tomou freguezia e encomendava doces para a familia e para a amasia.

O moleque por conveniencia de vender entrou a fiar a *João Morén*, porem elle foi tomando os doces; mas sem nunca lembrar-se de pagar.

Achando já a divida bastante crescida, o senhor do moleque o chamou á contas; mas elle que tinha fiado e não tinha dinheiro para repôr disse ao senhor que no dia immediato lhe entregaria o dinheiro, visto como tinha fiado a um homem serio, o qual lhe pagaria.

Vem por fim o moleque a *João Morén* exigir o dinheiro dos doces fiados.

*João Morén* bradou, chamou negro e lançou-o para fora do seu escriptorio.

—Não será um pirata o homem que assim procede?

—O moleque, o pobre e infeliz escravo, ao chegar em casa o senhor perguntou-lhe pelo dinheiro; mas elle que nada tinha recebido sinão descomposturas, respondeu com as lagrimas que o homem não lhe havia querido pagar.

Oh! sorte triste e infeliz é a do escravo!

O senhor o castigou severamente, para que elle outra vez não fiasse mais a ninguem.

—Quanta deshumanidade!

—Ora diga-me, si o nome, como diz a grammatica, dá a conhecer a cousa, a razão porque *João Morén* em lugar de ser um todo de maldades e vicios, não é um composto de

Al! é ahi, meu claro doutor, que S. S. pecca, querendo que a regra da grammatica seja infallivel.

## A PEDIDO

«—O' Mariquinhas. Mariquinhas!

«—O que é Amelia?

«—V. não sabe, o *Alabama* vae se acabar.

«—Porque?

«—Elles foram tomar *sopas* com o doutor, elle que não é de cassuadas ha de metter tudo na cadeia.

«A typographia ja está penhorada, e já está um sujeito de lá condemnado.

«—Mas como V. sabe d'isso?

«—Porque o doutor tem relações *d'amisade* com mamãe e contou a ella, dizendo que os ha de esfregar!

«—Pois olhe, Amelia, eu gosto tanto do *Alabama* que sentirei muito se acabarem com elle.

«—Não diga isso, Mariquinhas, uma gazeta que falla tanto da vida alheia!

«—Dizem que elle falla da vida alheia, mas eu não vejo.

«—E' porque V. não viu outro dia o que disse a respeito do doutor alugar casa para mamãe, junto da casa da mulher e levar ella ao theatro, deitando-a em um camarote de frente do da esposa.

«—Pois eu acho que elle n'isso teve razão de censurar, porque si V. fosse casada, não havia de gostar deste communismo.

«—Mas é da conta d'elle?

«—Amelia, V. quer ouvir uma cousa?

«—Diga.

«—Só não gostam do *Alabama* os tratantes, safados, devassos e ladrões.

«—Está bom, Mariquinhas, já sei que V. é apologista do *Alabama*, e o melhor é não conversarmos mais.

«—Acho bom, porque cada um tem suas convicções.»

### Errata.

A poesia publicada no numero passado sob o—As queixas de um bardo— é da lavra do Sr. Marcos Francisco de Souza, outr'ora conhecido pelo Marcos Rabeca.

## ANNUNCIOS.

O Sr. Eustaquio da Cruz Rehouças, tem uma carta no Maciel de cima n. 26, contendo 6\$407 para ser entregue ao mesmo em mão propria.



# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.ª

SABBADO 29 DE OUTUBRO.

Ns. 710—711.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.ª rs. por serie de 10 numeros; 3.ª rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

**Hoje começa a serie 72 do «Alabama.»**

**Os Srs. assignantes que estão em debito (e que não são poucos) queiram solvel-o.**

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
28 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que, ha oito mezes e tantos dias, não ha illuminação na ladeira da Lenha, ao Bomfim, e como os moradores e proprietarios do referido logar paguem impostos como os de mais, é evidente que teem direito a gozar das mesmas vantagens que os outros gozam; por isso pede-se a S. S. se digne de providenciar.

—Homem, diga-me,

—Si souber.

—Os medicos da vaccina não fazem mais visitas domiciliarias ás freguezias suburbanas?

—Acabou-se disso,

—Então só existiam em quanto não entrou o filho do presidente?

—E' de sua conta, linguarudo?

—Gosto de ver essas e outras!

Tambem S. Ex. disse que o pessoal era de mais e assim mesmo achou geito para acomodar um dos seus!

—Grassam febres e bexigas pelo Rio Vermelho.

—Causadas por um pantano que ha no logar chamado Mariquita.

—O governo mandou pôr em arrematação a factura de um pontilhão e o atterro do pantano, mas dizem que pela ninharia de 500.000 rs. não se deu andamento á obra!

—Mas o que perde o governo que dez ou

vinte familias pobres sejam atacadas de febres? Si fosse para alguma cousa urgente apparecia dinheiro como terra.

—Ja apreciou os trabalhos da companhia Williams?

—Não sei ao que se refere.

—E' uma companhia de meninos brasileiros que se dão ao estudo e exercicio da gymnastica e prestedigitação.

Vi-os no domingo trabalhar e satisfiz-me.

—Onde é?

—Na Lapa,

—Sim Sr.; quando houver espectaculo me communique que quero ir aprecial-os.

—Dizem que ha uma senhora na estrada do Rio Vermelho que não é senhora, é verdugo.

Espanca á uma desgraçada escrava pelos cotovellos!

A misera sahe todas as madrugadas com um taboleiro regorgitando de verduras e uma lata com leite, e ás 11 horas é obrigada a estar de volta em casa com tudo aquillo reduzido á dinheiro.

E ai d'ella si assim não acontece!

De sorte que a desditosa anda de porta em porta a pedir e a rogar a quem lhe compre o que não necessita, como não pode levar para casa dá até fiado para adiante ir chorar a quem lhe empreste dinheiro para completar a importancia da vendagem.

—Capitão, communicam-me que foi barbaramente castigado por um sujeito morador em Itapagipe um menino, que elle tinha em sua companhia.

—Como se chama o menino?

—O meu communicante não m'o quiz dizer.

—E o individuo em cuja companhia se achava?

—Tambem ignoro, por não me ter sido dito.

—Isto parece me uma historia sem fundo algum do verdade.



—Em todo caso, a policia, a quem compete providenciar sobre estes factos, que procure descobrir a ponta do novello.

—O dinheiro deste paiz gasta-se fabulosamente.

—Esperdiça-se.

—Os felizes fornecedores do exorcito no Paraguay acharam no thesouro do Brazil uma fonte inexgotavel, um ribeiro que não secca.

—Ainda não se saciaram?

—Em Assumpção, dizem, que os generos fornecidos ao exercito são por um preço extraordinariamente altos, em comparação ao que custa no mercado.

Compare os preços do mercado com os que o fornecedor Lanus supre ao exercito imperial.

Ora veja lá:

	Preços mais caros no mercado	Preço do fornecedor Lanus
Azeite doce, medida.....	2\$500	3\$500
Aguardente.....	1\$300	2\$400
Carne secca, libra	170	294
Farinha, alqueire	4\$000	10\$000
Feijão, alqueire..	5\$800	31\$360
Toucinho, libra..	450	1\$194
Vinagre, medida.	700	2\$800
Sal, alqueire....	800	8\$640
Assucar, libra...	280	672

—Que pepineira! Felizes mortaes são esses fornecedores!

—E parece que ainda lhes querem dar tambem a *manjuba* do fornecimento da armada.

—Para essa gente a guerra foi fortuna.

—E o suor do povo desbaratado assim em proveito delles! Quando as sommas assim escoadas, applicadas ás fontes de nossa produção podiam produzir mil beneficios!

—Pae João, V. hoje não sahe para o ganho? Já são sete horas.

—Ah! sihô, ôje priguica chegou.

Nosso fazê frogração, onte munto ni candomblé ni rua de rarangêra.

Anani tudo vai la vê nosso frogrança e cumê caruru: tabaque mémo.

—Eu ouvi, pae João, e não sei como a policia não prohibiu essa festança com tanta gente e tanta matinada no centro da cidade.

—Iô nan intende a vossuncê.

—Estou dizendo que a policia podia ter prendido a V. e á sua gente.

—Sihô va timhora la! Vossuncê nan sabe nada nan. Nosso tem nosso gente ni puriça.

Otro dia, pruguê puriça nan prendê nosso quando tudo tan frogando ni quintá de viciconde de rio vremeio? Aibô tudo tan oiando e gossando: tabaque tan roncando como pedra di Tapoan.

—Então, pae João, tambem lá houve tabaque?

—Vossuncê não obiu? E pruguê obiu tabaque ni rua di rarangeira?

—Porque moro alli perto.

—Ni casa de viciconde nosso nan tem medo nin pingo. Casa di gente grande; puriça nan mette sua fochinho lá.

—Está bom, pae João, va fazendo destas, ate que um dia lhe caia o raio em casa.

Qu'impróta vossuncê cu vida de nósso: qui nósso tan fazendo nan é di sua conta, nen di sua rozario. Nósso nam stá atôa, nam, obiu? Xapanam pá!

—Já soube o que houve no *trem de paz*, sexta-feira passada?

—Não.

—Um encontro terrivel.

—O que foi?

—Uma cousa que não se pode explicar claramente.

—Ora essa!

—Capitão, si eu disser offendo a castidade.

—Pois então suma-se.

—Então eu vou buscar o pedagogo e um certo *pequeno*, de quem V. Ex. se informará plenamente.

—Adeus, Sr. Araujo.

Lê-se na *Comedia Social*:

Santa Catharina está derrotada por S. Vicente. Na gerarchia humana era isso facil de comprehender-se. Sabia-se que só ella, Santa Catharina, tinha duas barras para o seu serviço. S. Vicente tem, para o seu, nada menos do que *tres barras*. Sahidas não lhe faltam. Tem o passo *franco*. Evitem que o ramo da *oliveira*, symbolo da paz, seja devorado pelo *gavião* da desconfiança, e tudo irá pelo melhor no melhor dos mundos possiveis.

## A PEDIDO

—Sr. Paulo, meus agradecimentos pelo excellent papel que representou na comedia; mas comprehenda que ama-se a traição e aborrece-se ao traidor.

Quando um dia a verdade se esclarecer de todo, V. terá a recompensa.

Ha typos cuja physionomia denunciam o que lhe vae por dentro d'alma. V. é um delles. Eu nunca me illudi.



**Communicado.**

A guerra produz horror sob qualquer ponto de vista; e como se vê nos muitos milhares de homens que morrem.

Os homens que governam, devem se convencer que não tem direito para produzirem esse mal, que pode ser evitado, quando comprehenderem que no seculo XIX já não se pode admittir a conquista como uma gloria.

É preciso pois que colligam-se as nações para declararem com estrondo que a conquista é um roubo e uma infamia: feito isto, e comprehendido pelos povos das nações civilizadas, cessarão forçosamente as ambições de nação para nação; as animosidades desaparecerão; e o mutuo respeito dos homens tomará o lugar que lhe compete no mundo.

Os povos que combatem, possuidos de um falso entusiasmo por aquelles que lhes gritam aos ouvidos—estaes deshonorados—ignorantes e crentes, porem estumados como cães. vão se espedaçar e aniquilar para sempre. e, em resultado, o final d'esse acontecimento não corresponde aos sacrificios da morte de muitos milhares de homens, os quaes pesam muito mais que os valores em cifras.

Contestar isto é desconhecer a luz meridiana.

Os povos das diversas nações não foram feitos para serem despedaçados a contento dos prejuizos e preconceitos dos reis ou dos homens que governam, que maliciosamente occultam a verdade dos seus feitos.

A historia até hoje ainda não mostrou uma guerra que não fosse filha das ambições.

Convem pertencer aos representantes das nações, em corpo collectivo, o exame do casus belli; pois que nunca e nunca poderão aceitar e nutrir aos olhos do mundo ambições illegitimas e finalmente a da conquista, sob pena de não haver bom senso na cabeça dos homens.

*O calmo.*

—Ha viventes que nasceram com a felicidade na testa.

O Sr. José Eugenio Cavalcanti é um d'esses.

Recrutado aqui n'um tempo em que a policia andava um pouco esquentada, foi motivo para que se levantasse forte ceulema que foi ter até as altas regiões do conselho d'estado.

E o Sr. José Eugenio foi reconhecido subdito estrangeiro.

Rompe a guerra do Paraguay e o Sr. José Eugenio qua andava n'esse tempo espargindo pela corte, apparece por aqui n'um bello dia vestido a official de voluntario!

—Aqui faziam-se officiaes para marchar

para guerra, elle foi nomeado na corte para vir passeiar aqui.

—Passeiou o tempo que bem quiz e depois sumiu-se; porem dizem que como o Sr. José Eugenio tinha horror ao chamuseo da polvorra declarou guerra á guerra e nunca lhe viu o cheivo.

Mas agora eis que o Sr. José Eugenio vae de novo á corte e lá obtem as honras de official honorario do exercito pelos relevantes serviços, que prestou na campanha!

—E não ha nada como tudo mais é historia.

—Dizem que na lithographia do Sr. Jourdan foi espancado com cordas um aprendiz de nome João Nogueira Pontes.

—Por quem, he mem?

—Pelo contra-meste da officina

—Esses castigos aviltantes e rigorosos não estão mais em dia; cahiram diante da civilização da epocha; principalmente em uma arte distincta como é a litographia.

—Dizem que o aprendiz sendo chamado a bolos, negou-se a dar a mão por ser ja rapaz, e que o contra-mestre por isso lhe dera com cordas, o que se verifica pelas sevicias que estas lhe imprimiram no corpo.

—Obrou mal, obrou mal.

**Motte.**

*A consorte ciumenta*

*Em solteira fez das suas.*

GLOZA.

De nodoas nao foi isenta

E hoje se faz de bôa,

Ao marido não perdôa

*A consorte ciumenta.*

Quem isto diz não inventa,

Conta só verdades nuas;

E si alguem as achar cruas,

Da yaya indague a vida,

Verá que sendo fingida,

*Em solteira fez das suas.*

—Mais uma ladroeira de *yoyó do ceu*, an-

—Ainda não se esqueceu? lou-

—Capitão, o que por ora tenho dito da biltre é apenas o prologo do catalogo das bandalheiras; ha na vida do sevandijá vasta para encher dous grossos volumes de altos que o dictionario de Constantino das pressos em *petit romain*.

V. Ex. ha de pasmar das proezas para os vo Frantz, quando estive na gerencia do nariz ar-radouro, e quando quiz metter a de olhos, cadeia.

—Vamos adiante. os olhos da

—Duas mulheres demandavar



— sempre o tratante envolvido com mulheres!

— Ah, bem vê que é gente a quem mais facilmente pode enganar e enterrar a unha.

— E' verdade; continue.

— A causa achava-se em grau do recurso; a authora obtivera sentença favoravel e restava á ré o direito dos cinco dias da lei para recurso á instancia superior; prazo que começando, por exemplo, n'uma quarta feira expirava na terça-feira da semana vindoura.

— Boa duvidal

— O procurador da authora, por outros afazeres, ausentou-se por uns dias, entendendo que apparecendo no quarto dia era muito a tempo.

— E de facto.

— Mas, mulheres que são sempre dispostas a ouvir intrigalhadas, acreditou no que foram lhe dizer, de que a ausencia do procurador era prejudicial á sua causa.

— Comprehando bem; carambolas de gente do forum.

— E queixou-se disso a um individuo de nome Poalo, costureiro, que frequentava a casa com partes de compadresco.

*Yoyo do ceu* é uma especie de Andréa das amas de Paris, tem espalhados seus agendões á pista de onde ha melgueira, e é de crer o Sr. Poalo seja um delles, porque voltou a propor á mulher que ia lhe arranjar pessoa para tomar conta da causa, com mal condição de ser tudo muito em se-

essa pessoa foi *yoyo do ceu*, a quem o Sr. Poalo a mulher.

*Yoyo do ceu* disse que ia mandar ver o estabelecimento do negocio.

Outro dia o medianeiro volta á mulher para-lhe da parte de *yoyo do ceu* que tudo perdido por culpa do procurador, e faltavam decorrer dous dias para que ella fosse presa; que portanto immediatamente tractasse de se occultar e lhe enviasse dinheiro de 40\$ rs. para ver se dava algum

o quadrilha de refinados ladrões ha de ser! Com que torpes meios illudem os pobres!

— E que sendo a parte contraria quem perder o recurso, si não usasse d'elle os cinco dias da lei, illudiram á ignorante que ella é quem ainda tinha de encadeial

— A causa foi forjada entre *yoyo do ceu*, e auxiliada por *Peixe Gallo*, que

— E esse abjecto? Que attracção têm

os bandalhos e tratantes entre si andam sempre ligados!

— Eu si conhecesse o tal Poalo aconselhava-o a que quando se chrismasse mudasse um nome tão exquisito para Judas, que lhe assenta melhor.

A mulher aterrada reuniu uns cagalumcinhos que tinha, mandou pôr na penha pelos 40\$ rs. que remetteu ao vampiro e embrenhou-se por ahí, isto é, foi para um lugar onde estivesse em communicação unicamente com a quadrilha.

(Continúa.)

**Uma dama academica.**

— Conhece, capitão, o affeminado que vae para a escola com os bolsos cheios de pomada, pós de arroz, escovinha de dentes e espelho para se mirar ante a casa dos curandeiros.

— Não.

— Eu lhe digo: é um que não vae ás sabbatinas, não é chamado á leção e espera ser approvado, porque conta com a protecção do bambú do curandeiro R. S., no qual tanto se diverte e é por isso desprezado de todos.

— Será um tal sajeito que é de opinião que pão, manteiga e serveja são productos naturaes dos Estados-Unidos?

— Assim me disse o irmão do genebrinha, que está amasiado com a

Villaça.

**Pergunta innocente.**

Dr., desejo saber si a Illma. camara municipal, tendo, como tem, um mestre pedreiro contractado e por ella assalariado, o mesmo está ou não disposto a cumprir tudo quanto lhe for mandado em relação á sua profissão, e como se lhe extorque esse direito, se authorisa a um fiscal para, acompanhado de officiaes e serventes, ir arriar um açougue em S. Bento.

O que eu entendo, Dr., é que cada um cuide no que estiver em suas funcções; o fiscal multe os infractores e o pedreiro no que estiver em sua alçada.

Bahia 21 de outubro de 1870.

Um espectador.

**As meninas brasileiras.**

Por mais bellas, mais bonitas  
Que sejam as estrangeiras,  
Não igualam, nunca imitam  
As meninas brasileiras.

As francezas são macacas,  
As inglezas granadeiras,  
São pombinhas, são bonecas,  
As meninas brasileiras.



Portuguezas são teimosas,  
Italianas matreiras,  
Só são doces, maviosas,  
*As meninas brasileiras.*

E' bello um banho salgado  
No Unhão ou nas Pedreiras,  
Quando encontro ao pé da praia  
*As meninas brasileiras.*

Uns gostam das pianistas,  
Outros amam costureiras,  
Eu prefiro a todas ellas  
*As meninas brasileiras.*

Quando estou sentindo febre,  
Dores, vexames, cosceiras,  
Tomo logo em cosimento  
*As meninas brasileiras.*

Vivem feras nas gaiolas,  
Galinhas em capoeiras,  
Os jardins, bosques são dados  
*As meninas brasileiras.*

Tomara que acabe a moda  
D'estas malditas cadeiras,  
Para vermos passeiando  
*As meninas brasileiras.*

O' que andar! ó que denguice!  
Tão bellas e tão facciras  
Requebrando o corpo amavel,  
*As meninas brasileiras.*

Fica garboso o soldado  
Mesmo d'entro das fileiras,  
Quando vê pelas janellas  
*As meninas brasileiras.*

### Vá a quem toca.

*Queimadas, 25 de outubro de 1870.*

Sr. redactor.—Tendo-me ausentado por alguns dias da freguezia das Queimadas, por motivos de meus negocios, soube, ao regressar, que os meus inimigos se aproveitaram d'essa minha ausencia para ferir minha reputação, lançando-me um nojento labeu.

Tranquillo em minha consciencia, venho do alto da imprensa atirar a luva ao meu adversario, ou a quem se julgar prejudicado.

Reconheço que n'esta localidade não sou eu o unico alvo das calumnias, aleives e infamias; mas, por isso mesmo, não quero deixar de desaggravar minha honra e dignidade tão vilmente feridas.

A pobreza não é vileza; si sou pobre, é certo que não tenho costumes reprovados pela sociedade. Resta-me porem o consolo que toda esta localidade sabe que nunca pretendi dar em alguém, como se pretendeu dar em Gal-dino Pinto da Silva, e José, appellidado Cangalha, pretenções estas que foram obstadas por alguém que as viu: todos sabem que nun-

ca roubei dinheiro, vaccas, nem vendi cavallos, que apparecessem sem donos; estes e outros defeitos e prejuizos nunca dei a ninguem, nem mesmo á sociedade.

Si o vigario Domingos Jacome d'Oliveira Barros em algum tempo foi atacado para exercer actos de seu ministerio, não fui eu quem o praticou.

Si as portas da casa do referido vigario foram postas abaixo, alta noite; si elle se retirou precipitadamente d'esta freguezia para a capital, onde succumbiu louco no hospital de S. Francisco, não fui eu que o forceou a emprehender essa fuga, e sim outros que querem figurar de homens de bem na localidade.

Não fui eu, Sr. redactor, quem chicoteou ao vigario Manuel da Gloria Pitta e tentou contra a sua existencia, cuja tentativa foi frustrada por um cidadão pacifico.

Finalmente, Sr. redactor, não sou eu quem ataca atrozmente a honra e dignidade sacerdotal do vigario Antonio de S. Miguel Bastos, e nem quem sacrilegamente arrombou a porta da igreja matriz, e conduziu uns banhos de casamento, e sim outros que quorem figurar na localidade.

Os factos Sr. redactor, que venho de expôr são publicos e notorios ali; mas si houver alguém que duvide da sua veracidade, desde já declaro que no tempo competente, isto é, quando a luva me for levantada pelo verdadeiro autor, me acho prompto a provar tudo quanto fica dita.

Peço, portanto, a V. queira imprimir estas linhas para conhecimento dos factos e descobrimento da verdade.

Sou

De V.,

attencioso, venerador e criado,  
*Antonio Ferreira Velloso.*

## VARIÉDADES.

### Por causa de um lampeão de gaz.

Antonico é um rapaz de vinte e dous annos de idade, estatura regular, cabellos louros capazes de causar inveja a uma filha da celeste Albion, e olhos azues que desafiariam a côr do ceu.

Quanto ao moral é Antonico um rapaz dotado de bons sentimentos, amavel junto das damas e espirituoso quando quer.

Antonico tinha uma namorada lá para os lados do Cajú; era uma morenita de nariz arrebitado e possuidora de um par de olhos, d'esses que bolem com o coração.

Antonico deixara-se prender pelos olhos da morenita.



Ambos amavam-se com egual ardor e juravam-se eterna fidelidade.

Até aqui tudo vaé bem, mas ahi de que depende o destino do um homem! muitas vezes da mais pequenina cousa!

Foi uma maçon que occasionou a desgraça da humanidade.

Foi ainda um pomo que deu logar á guerra de Troia.

Consta que os humildes gansos do Capitolio salvaram a cidade invencivel.

Por isso, leitoras, não se admirem si eu lhes disser que foi um lampeão de gaz que separou aquelles dous corações que pareciam comprehender-se.

Antonico ia todas as tardes ao C. . . . e lá passava o resto do dia.

Até então o nosso namorado contentara-se com os doces colloquios á luz natural, isto é, á luz do sol; mas quiz a sua má estrella que um dia elle se lembrasse de aproveitar também a luz artificial, isto é, a luz do gaz.

Eil-o pois a escrever cartas sobre cartas, afim de alcançar o que tanto almejava.

Depois de muitas rogativas alcançou Antonico o que pedia.

Na noute marcada, sahé Antonico de casa todo perfumado e vestido no rigor da moda, não se esquecendo até do classico botõesinho de rosa na casa do paletot.

Acompanhemol-o no seu trajecto.

Antonico toma o bond no largo de . . . . . e segue para o C. . . . .

Eram oito horas da noute, quando Antonico chegou, e a entrevista estava marcada para as oito e meia junto a um lampeão de gaz.

Por infelicidade do nosso namorado, o propheta que morava a alguns passos do lampeão, havia-se esquecido de accendel-o, de modo que tudo jazia em trevas.

Primeiro contratempo de Antonico.

Emfim consolou-se lembrando-se de que havia, lido que as trevas são propicias aos amantes.

Esperou pois com o coração em ancias e impaciente, como são todos os namorados, que soasse sua hora de ventura e felicidade.

A hora fatal não tardou a chegar mais que nos outros dias.

Antonico, febril de amor e de impaciencia, ouve uma tossesinha secca, suppondo ser o signal, procura tacteando as trevas e encontra uma mãosinha que docemente aperta entre as suas.

Os dous amantes ternamente se abraçam, fazendo... tudo o que é licito fazer-se entre amantes.

Mas deixemos os dous e voltemos ao propheta.

Este que se havia esquecido do lampeão, lembra-se para fatalidade dos dous jovens e volta a accendel-o, mas qual é o seu pasmo ao ver dous vultos que prodigalisavam-se as mais ternas caricias?!

Antonico ainda mais surprehendido fica com o *fat lux* do propheta e procura desentlaçar-se dos braços de sua amante.

Mas o propheta que ri-se d'este quadro, procura ver o rosto da moça...

Ah!... ella volta-se, elle conhece e exclama: —Minha filha!...

Deste conhecimento a deixar cahir, sem delicadeza alguma, o pau de que se serve para accender o gaz sobre as costas de Antonico, durou apenas um segundo.

Antonico quer fugir, a filha chora, o pae grita... scena de grande confusão... e sobre todas as cabeças o lampeão altivo rindo-se da sua traição e esclarecendo com sua luz brilhante esta scena de amor e pauladas.

Chegam os visiuhs, informam-se do facto e prendem Antonico.

D'ahi a dias casava-se o nosso namorado com a filha do propheta, e a morenita a quem havia jurado eterna fidelidade sabendo d'isto, riu-se e consolou-se com um velho comendador que de ha muito a requestava.

A leitora não contestará a influencia que teve sobre a vida de Antonico um lampeão de gaz.

S. de S.

## Execução.

### I

#### O CONDEMNADO.

Havia uma execução!

E o povo corria como louco a esse espectáculo de sangue—para tomar exemplo? Não: era por ser um espectáculo!—O Tejo estava pejado de barcos; as ruas estavam atulhadas de gente; e todos os olhos d'essa multidão immensa se dirigiam a um unico centro—á forca!

Todas as cabeças tinham um só pensamento—a execução!—todas as imagens que se lhe apresentavam na mente, haviam como realidade uma imagem—o condemnado!

E todas as idéas se conglobavam em torno d'esse pensamento de mortel!

E viu-se chegar o prestito.

O carrasco, o padre, e o condemnado—faltava o juiz!

A pompa insultava a desgraça!

O luxo seguia a execução!

A bandeira da Misericordia ia apregoando uma misericordia de que poucas vezes se usa!

O povo seguia tudo isso como segue os sal-



timbancos e histriões que entregam o cartaz de um divertimento.

E elle se apinhava para ver a pintura das côres, a imagem dos remorsos, o pungimento do acerbo soffrer no semblante do condemnado; e para gozar de tudo isto.

Dir-se-hia o tigre! Elle contava de ante-mão as emoções deliciosas que sentiria quando o carrasco se dependurasse sobre a victima, e quando elle se debatesse entre as torturas da dôr, entre as ancias da morte!

Os romanos tinham os gladiadores e a rocha Tarpeia, nós temos os touros, e a execução!

Fez-se um silencio profundo: o respirar de trinta mil pessoas parou de subito.

D'ahi a pouco, via-se a multidão retirar-se, alguns riudo e folgando, poucos condoídos passageiramente!

E os crimes da vespera perpetraram-se n'esse dia.

Onde está o exemplo?

Si esse homem que acabava de morrer—commettera crime—é porque a sociedade o deixara sem educação. E elle recebera de Deus um talento profundo, tinha fome—roubou!—resistiram-lhe—matou!

Educae o povo, e não sustentareis o carrasco!

## II

### A FAMILIA DO CONDEMNADO.

E essa condemnação não cahira sobre um homem; cahira sobre uma familia!

E a familia expiou tambem o crime do condemnado!

Porque não lhe dêste pão, em vez de uma corda?

Porque não o educaste para te não veres obrigada a dar-lhe o pão?

Porque tiras sem direito a vida, que não podes dar; porque puniste um crime, que não era d'elle, era teu?

Essa punição não vae cair sobre uma cabeça—mas sobre muitas cabeças!

E essa nodoa de sangue.—do sangue derramado no cadafalso vae macular a innocencia, e obrigar-a ao crime!

E a sociedade prosegue cegamente em seu caminho, apoiando-se quasi sempre sobre a injustiça.

Não vês as lagrimas da esposa, que chora seu marido morto n'uma forca?

Não ouves os brados do orphão, que chama por seu pae?

Não escutas os gritos despedaçadores d'essas victimas, que pedem pão?

Não te commoves ao aspecto d'essa familia em lagrimas, que tem por brazão o cadafalso?

Não enxugas as lagrimas, não matas a fome, não lavas a nodoa, não reparas a tua injustiça?

Nada disto: continuas o teu caminho descuidosa, deixando revolver-se na miseria e no crime a familia que não teve culpa!

E depois—inda tens forca, inda tens carrasco, inda tens juiz,—o cadafalso á espera!

## III

### O JUIZ.

E o juiz, que assigna sem hesitar a sentença, que condemna á morte um seu semelhante, não tem remorsos, dorme socegado por que não commetteu um assassinato com um punhal!

E fêl-o de sangue-frio com a penna! Quem lá diz que disse, que chama justiça, não foi um crime? —A consciencia? —A voz della está muda.

Que te importa? Si nesse mesmo dia, em que reduziste este homem —a um cadaver hediondo!—essa familia —a um sombrio e sanguinolento desespero —a sociedade te recebe a braços abertos, aperta-te a mão, —a mão cobarde tão manchada de sangue!

Quem te diz que não es mais criminoso que esse assassino, que condemnaste á morte? O mundo convencional!

Será justa a pena de morte?

.....  
*Lopes de Mendonça.*

### Um heroe de novella.

Uma donzella muito romantica cahiu a um rio, e por um triz se não afogou. Um salvador lhe acudiu casualmente, e sem sentidos a tirou d'agua. Quando tornou a si declarou a sua familia, que desejava casar com aquelle que lhe tinha salvado a vida.

« E' impossivel » disse o pae da menina.

« Porque? E' casado? »

« Não. »

« Pois não foi esse rapaz muito galante que mora ali defronte? »

« Não, mulher, foi um cão da terra nova. »

### Resposta a tempo.

Nos Estados de Coblentz, hotel do Largo do Rocio, entrou uma noite, um francez e pediu cerveja. O dono do hotel serviu-lhe um copo de cerveja allemã; o francez olhou para o allemão, e disse-lhe:

—Que cerveja é esta?...

—Alleman, respondeu-lhe o hoteleiro,

—Leve, replicou o francez, dos allemães só beberei o sangue!...

—Pois eu, respondeu-lhe o dono da casa,



com fleugma, dos francezes, nem o sangue, porque está muito degenerado.

### Logica de militar.

Ha dias discutia-se em uma roda de advogados sobre as vantagens o desvantagens da guerra franco-prussiana, e era opinião dos doutores que as duvidas entre as potencias actualmente belligerantes deveriam ter sido resolvidas diplomaticamente, e um d'elles dizia entusiasmado — esqueceram-se de que a razão tem força, ao que respondeu, batendo na espada um militar que estava presente: qual, meus senhores, ellas lembraram se muito bem de que a força ó que tem razão.

### Quem correu mais.

Francisco II de Napoles á Roma; D. Izabel de Madrid á Pariz; Lopez do Passo da Patria a Aquidabam; Napoleão de Warteloo á Santa Helena; Rosas do Buenos-Ayres á Inglaterra; D. João IV de Portugal ao Brazil, ou Luiz XVI de Pariz á eternidade?!

### Dois epitaphios.

Riem-se, e admiram se alguns, de varios epitaphios que os antigos, homens em tudo singulares, mandavam gravar em seus tumulos

Pois á semelhança d'esses epitaphios, ainda ha pouco, em uma digressão que fiz á Beira baixa, encontrei os seguintes sobre duas sepulturas d'um pobre cemiterio da aldeia, chamada Vermelhaes, si me não engano. Asseveravam ter o primeiro um anno, o outro apenas alguns mezes.

Eis o que dizia o primeiro:

*Nú em pello*

*Jaz aqui João Rabello*

O segundo resava assim:

*Pobre no mundo foi José Maltez.*

*Desejará cá vir outra vez?*

## ANNUNCIOS.

### Convocação.

Havendo-se inscripto mais de 100 Srs. typographos, livreiros e lytographos para a fundação de uma associação de socorro mutuo, os abaixo assignados teem a honra de convidal-os a se reunirem, domingo 30 do corrente, ás 10 horas da manhan, no salão da sociedade Monte-Pio dos Artifices, ao becco do Arcebispo. Bahia 28 de outubro de 1870.

*Domingos Francelino da Silva,*

*Eduardo Daniel Galvão,*

*Joaquim Cassiano Hyppolito.*

Vende-se um preto escravo de nome Pedro, quem pretender dirija-se á rua do Fogo, casa do general Muniz.

Roga-se á pessoa que por engano tirou uma carta no correio vinda de Sergipe, no vapor de 7, contendo no subscripto o nome de Pedro Ferreira de Barros, n.º 77, queira ter a bondade de restituir ou no correio ou na rua do Fogo casa n. 12.

O Sr. Justino Gustavo Dourado tem uma carta no Maciel de cima n. 26 com 14\$310 rs. para receber.

### RS. 200\$000.

O abaixo assignado gratifica com a quantia acima a quem descobrir o author do incendio de seu barracão, na noite do 23 do corrente no passeio publico depois deste fechado. — *Julius Meyer.*

Pede-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia providencias sobre as duas participações feitas a S. S. sobre o individuo que veio á esta cidade e deflorou á sua prepria irman, a qual so acha de esperanças. Individuo que leva o arrojo a maltratar seu velho pae.

Na talha de Amancio Luiz da França, defronte da igreja d'Ajuda, vende-se farinha, milho, feijão, tapioca, gaz, charutos, tudo de primeira qualidade e por preço commodo.

### A VIVANDEIRA

Antiga e muito acreditada padaria, atravessa da rua da Valla, avisa os seus freguezes que continua a vender os seus afamados bolaxões fabricados pelo Sr. Augusto José Chaves; e assim tambem todas as qualidades de massas, doces seccos para chá, assucar de todas as qualidades, café puro, muito bom vinho Figueira, dito do Porto fino engarrado, dito de Bordeaux, dito branco; gaz em garrafas e latas pelo mesmo preço porque se vende na cidade baixa; charutos de todas as qualidades, em caixas e a retalho, cigarros finos e grossos da fabrica de Leite & Alves, e muitos outros artigos que tudo se vende pelo menor preço de outra qualquer parte.

O Sr. João Dias Ribeiro da Silva tem uma carta com 7\$420, no botequim *Castello de Bronze*, para ser entregue em mão propria.